

Evolução do mercado de trabalho metropolitano entre meados das décadas de 1990 e 2000

Mario Marcos Sampaio Rodarte**
Eduardo Miguel Schneider***

Resumo:

O presente trabalho busca analisar a evolução do mercado de trabalho metropolitano brasileiro nos últimos 10 anos. Observou-se que numa primeira fase, até o ano de 1999, o desemprego cresceu expressivamente, tendo, na seqüência um movimento de relativa estabilidade, ou mesmo de redução da taxa de desemprego. Constatou, na primeira fase, que a escalada do desemprego foi um reflexo do acentuado crescimento da população economicamente ativa combinado com um pífio crescimento ocupacional. No segundo momento, a partir de 1999, os ritmos dessas duas variáveis inverteram-se, contendo, assim, o aumento do desemprego. Além disso, constatou-se uma inflexão qualitativa das ocupações, com a informalidade cedendo espaço para uma relativa melhora da qualidade dos postos de trabalho gerados, nos últimos anos.

Palavras-chave: mercado de trabalho, desemprego, região metropolitana

Evolution of the Brazilian metropolitan labour market among middles of the decades of 1990 and 2000

Abstract:

The aim of this article is the analysis of the evolution of the Brazilian metropolitan labour market in the last 10 years. It was observed that in a first phase, until the year of 1999, the unemployment increased, but in the second phase, there was stability or reduction of the unemployment rate. In the first phase, the growth of the unemployment was a reflex of the high growth of the work force combined with a low occupational growth. In the second moment, starting from 1999, the rhythms of those two variables were inverted, containing the increase of the unemployment. Besides, a qualitative inflection of the occupations was verified, once that the employment quality got better, in the last years.

Key-words: labour market, unemployment, metropolitan area.

Endereço para correspondência:

Av. Bias Fortes, 1150, apto. 42. Bairro Lourdes. CEP: 30.175-010. Belo Horizonte-MG.

Email: mrodarte@cedeplar.ufmg.br

** Doutorando em Demografia pelo Cedeplar/UFMG, com bolsa CNPq, e mestre em Economia (Cedeplar/UFMG). Foi coordenador da PED-RMS (2000-2002) e da PED-RMBH (2002-2005), pelo DIEESE. E-mail: mrodarte@cedeplar.ufmg.br.

*** Economista pela UFRGS, especialista em gestão pública participativa pela UERGS e coordenador da PED-RMPA. E-mail: ems@portoweb.com.br.

Evolução do mercado de trabalho metropolitano entre meados das décadas de 1990 e 2000*

Mario Marcos Sampaio Rodarte**

Eduardo Miguel Schneider***

Introdução

O presente trabalho busca analisar a evolução do mercado de trabalho metropolitano brasileiro nos últimos 10 anos. Cumprir semelhante objetivo encontra desafios devido à grande heterogeneidade desse relativamente curto espaço de tempo. Tomando a taxa de desemprego, principal índice que mensura o comportamento conjuntural do mercado de trabalho, observa-se diferentes tendências ao longo do período que se objetiva estudar. Após o período de rápida elevação, entre meados da década de 90 até 1999, o desemprego estabilizou-se, flutuando em torno de um patamar elevado, e em seguida, ensaiando uma tendência de recuo, ao final do período.

O que se pretende fazer é periodizar o passado recente, tomando os anos de 1996, 1999, 2002 e 2005 como anos chaves, e em seguida, decompor os fatores que resultam na taxa de desemprego, de um lado, o exame da dinâmica do crescimento da população economicamente ativa (PEA), e de outro lado, a evolução do crescimento dos postos de trabalho. O principal objetivo, com esse estudo, além de apontar períodos distintos do mercado de trabalho, é aventar os principais causadores dos movimentos que caracterizam cada um dos períodos, tanto pela evolução do nível ocupacional, quanto pelo comportamento da PEA.

* Os autores agradecem o empenho da equipe técnica do DIEESE/PED no levantamento de dados utilizados nesse trabalho, e em especial, a Ana Paula Queiroz Sperotto (estatística pela UFRGS e técnica do DIEESE na PED-RMPOA) e ao Edgard Rodrigues Fusaro (estatístico pela USP, e técnico do DIEESE da PED-RMSP). Várias das idéias contidas nesse estudo emergiram das discussões com Lúcia Santos Garcia (PED-RMPOA) e Marise Hoffmann (PED-RMSP), a quem os autores mostram-se gratos, inclusive pela leitura crítica do texto. Naturalmente, os mesmos se responsabilizam por quaisquer incorreções que, porventura, tenham restado.

** Doutorando em Demografia pelo Cedeplar/UFMG, com bolsa CNPq, e mestre em Economia (Cedeplar/UFMG). Foi coordenador da PED-RMS (2000-2002) e da PED-RMBH (2002-2005), pelo DIEESE. E-mail: mrodarte@cedeplar.ufmg.br.

*** Economista pela UFRGS, especialista em gestão pública participativa pela UERGS e coordenador da PED-RMPA. E-mail: ems@portoweb.com.br.

A fonte privilegiada para a análise desse período é a PED, Pesquisa de Emprego e Desemprego, de metodologia do DIEESE/SEADE, que é desenvolvida atualmente em seis importantes áreas metropolitanas do Brasil: São Paulo, Porto Alegre, Distrito Federal, Belo Horizonte, Salvador e Recife. A escolha dessa fonte justifica-se por duas importantes razões: 1) constitui a base de dados sobre mercado de trabalho metropolitano mais longeva, e 2) possui a metodologia mais afeita a captar, de forma acurada, a heterogeneidade do mercado de trabalho brasileiro.

Deve-se ter que a taxa de desemprego, apesar de ter uma fórmula simples de duas variáveis, que é a razão entre desempregados e a população economicamente ativa (PEA), constitui uma resultante de outros dois fenômenos que reagem de formas diferentes às flutuações da atividade econômica: são eles o crescimento da ocupação (que, em geral, cresce com o PIB, dado o padrão tecnológico), e o crescimento da PEA, representando a entrada de pessoas no mercado de trabalho (que não obedece linearmente à lógica econômica, e é mais determinada por fatores demográficos, sendo o mais imperativo, o crescimento da população em idade ativa – PIA, pelo crescimento vegetativo da população, ou pela imigração). Se diferentes metodologias possuem conceitos diferentes de ocupação e da PEA, então por extensão, poderão ter taxas de desemprego distintas, com níveis diferentes, mas também com comportamentos distintos ao longo do tempo.

No item seguinte, apresenta-se uma breve descrição do comportamento do mercado de trabalho na década que antecedeu o período de análise desse texto. Os dados da PED da região metropolitana de São Paulo, única desse período, foram cruciais para desenhar o panorama do mercado de trabalho que antecedeu ao período de ênfase dessa investigação. No segundo item, propõe-se analisar o comportamento da PIA e da PEA, e no terceiro, é explicitada a dinâmica de crescimento ocupacional e o comportamento dos vários setores econômicos. A quarta parte, procura investigar, tanto qualitativa como quantitativamente, o segmento desempregado da PEA, utilizando da mesma periodização aplicada nas seções anteriores. Por fim, à guisa de conclusão, são feitas algumas reflexões sobre os resultados alcançados no item das considerações finais.

1. Antecedentes: o mercado de trabalho entre meados das décadas de 1980 e 1990

O surgimento da metodologia da Pesquisa de Emprego e Desemprego está vinculado

ao momento de crise econômica no início da década de 1980. Até então, sobretudo nas décadas anteriores de 1960 e 70, os pólos industriais, principalmente o da região metropolitana de São Paulo, vinham estruturando seu mercado de trabalho e absorvendo mais e mais contingentes migratórios de outras regiões do Brasil. A interrupção da dinâmica de crescimento vultoso de postos de trabalho pela crise econômica agravou um problema que era visto como marginal, qual seja, o crescimento do número de pessoas desempregadas, bem como o aumento da demora em se obter uma colocação¹.

Em decorrência disso, é nessa época que no Brasil se observa o surgimento de mais indicadores sobre o mercado de trabalho. Mas havia uma clara insatisfação da sociedade pelos dados oficiais, que ao adotar uma metodologia mais afeita a captar o fenômeno do desemprego nos países industrializados, de mercados de trabalho estruturados, acabava por indicar um desemprego baixo, flagrantemente contraditório com o que se intuía do estado de convulsão social decorrente do colapso econômico.

Da experiência pioneira da PPVE², foi desenvolvida a metodologia da PED, que além de captar o desemprego aberto, comparável a outros países centrais, procurava investigar formas “camufladas” de desemprego ao utilizar um conceito mais amplo de desocupação, que inclui o desemprego oculto pelo trabalho precário, e o desemprego oculto pelo desalento. O êxito de sua aplicação na Região Metropolitana de São Paulo, desde 1985, fez com que a metodologia da PED fosse reproduzida em outras áreas metropolitanas do país, principalmente a partir de meados da década de 1990, como é o caso da Grande Belo Horizonte, mas com experiências anteriores, como o Distrito Federal e a RM de Porto Alegre.

Passado o momento de ajustes econômicos mais dramáticos, entre 1981 e 1983, a economia brasileira esboçou reação nos anos seguintes, com impactos positivos sobre o

¹ A inflexão dos fluxos migratórios, entre as décadas de 1960 e 1990, mediante análise de dados censitários, sobretudo entre São Paulo e Minas Gerais é tratada por Carvalho et al. (2002)

² Em um dos artigos que discutia o emergente desafio do desemprego, no III Encontro Nacional da ABEP, em 1982, e que utilizou as informações da PPVE-DIEESE, apurava-se que “a força de trabalho desempregada” nos meses de abril a maio de 1981, representava 13,2% da população economicamente ativa na RMSP (BARELLI, TROYANO, 1982: 23). Pela PME-IBGE, em maio de 1982, o desemprego atingia apenas 5,4% da população economicamente ativa. Outro texto do período (TROYANO, MATTOSO, HOFFMANN, 1984) trata mais detidamente as diferenças metodológicas entre a PPVE-DIEESE, PED-SEADE/DIEESE e PME-FIBGE.

mercado de trabalho³. De fato, na segunda metade da década de 80, a taxa de desemprego total na Região Metropolitana de São Paulo experimentou intensa redução, passando dos 12,2% da força de trabalho em 1985, para os 8,7% identificados em 1989, pela Tabela 1. Essa recuperação, expressa na menor média anual alcançada na série histórica da PED RMSP, decorreu do notável crescimento da ocupação, que se elevando a ordem 3,5% a.a., superava o intenso ritmo de crescimento não apenas da população em idade ativa (2,2% a.a.), como também o da PEA (2,5% a.a.).

Tabela 1
Estimativas médias da população em idade ativa (PIA), população economicamente ativa (PEA), ocupados, desempregados inativos; e taxas de desemprego e de participação
Região Metropolitana de São Paulo, 1985-2005

Especificações	Anos					Variação anual média (em %)			
	1985	1989	1996	1999	2005	89/85	96/89	99/96	05/99
(Em mil pessoas)									
PIA.....	10.787	11.747	13.563	14.445	15.808	2,2	2,1	2,1	1,5
PEA.....	6.505	7.177	8.382	8.985	10.038	2,5	2,2	2,3	1,9
Ocupados.....	5.711	6.553	7.116	7.251	8.342	3,5	1,2	0,6	2,4
Desempregados.....	794	624	1.266	1.734	1.696	-5,8	10,6	11,1	-0,4
Inativos.....	4.282	4.570	5.181	5.460	5.770	1,6	1,8	1,8	0,9
(Em %)									
Taxa de participação.....	60,3	61,1	61,8	62,2	63,5	0,3	0,2	0,2	0,3
Taxa de desemprego total.....	12,2	8,7	15,1	19,3	16,9	-8,1	8,2	8,5	-2,2
Aberto.....	7,6	6,5	10,0	12,1	10,5	-3,8	6,3	6,6	-2,3
Oculto.....	4,6	2,2	5,1	7,2	6,4	-16,8	12,8	12,2	-1,9
Pelo Trabalho Precário.....	2,9	1,5	3,8	5,1	4,8	-15,2	14,2	10,3	-1,0
Pelo Desalento.....	1,7	0,7	1,3	2,1	1,5	-19,9	9,2	17,3	-5,5

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). IBGE, Censos Demográficos de 1980 e 1991. Nota: Estimativas de 1985 e 1989, feitas através interpolação intercensitária.

Ao final da década de 80, o problema do desemprego parecia estar equacionado, embora talvez, o mercado de trabalho demandasse pequenos ajustes para corrigir o aumento da informalidade ou mesmo a diminuição da renda dos trabalhadores⁴. Os eventos da década seguinte trataram de desmentir esse cenário promissor, uma vez que a taxa de desemprego da metrópole paulistana assumiu uma trajetória, quase linear, de crescimento, que resultou em patamares que avizinhavam aos 20,0% da PEA em 1999. A razão para esse comportamento, que corroborou a idéia de que os anos 90 foi um período de crise do mercado de trabalho, está relacionada, a dois fatores. De um lado, verificou-se uma baixa

³ Entre 1981 e 1985 o PIB brasileiro havia crescido apenas cerca de 1,3% a.a. Esse baixo crescimento decorreu, principalmente, dos anos de 1981 e 83, quando o PIB decaiu 4,3% e 2,9% e teve como contrapeso, o ano de 1985, com crescimento de 7,9%, o maior da década. No segundo período, de 1986 e 89, em que a PED já levantava as informações do mercado de trabalho da RMSP, a ligeira recuperação econômica traduziu-se no crescimento médio de 3,5% a. a. (IBGE/ SCN-Anual).

capacidade de geração de postos de trabalho, com crescimento de apenas 1,2%, a.a. entre 1990 e 1996, e de meros 0,6% a.a. até 1999, provavelmente como reflexo do baixo crescimento econômico⁵. De outro lado, o fato do crescimento da PEA ter se mantido elevado (de 2,2% a.a., entre 1990 e 96, e de 2,3% a.a., entre 1996 e 1999) agravou os efeitos da desaceleração do ritmo de geração de postos de trabalho sobre o desemprego⁶.

O texto a seguir busca analisar a evolução do mercado de trabalho entre meados da década de 90 e 2000, ou seja, o período que compreende os anos finais de crise do mercado de trabalho, e os primeiros anos de retomada, ainda que moderada, do ritmo de geração de postos de trabalho (Tabela 1). A partir desse momento, entretanto, a análise se faz com base mais ampla, ao se investigar o comportamento das seis regiões metropolitanas pesquisadas pela PED. Nesses últimos 10 anos, sobressai a sincronia com que evoluem as taxas de desemprego nas áreas metropolitanas analisadas (Gráfico 1). Tal fato sugere um padrão de comportamento, e que os mercados de trabalho locais se mantinham muito mais influenciados pela dinâmica das políticas econômicas nacionais que por determinantes regionais.

2. A população em idade ativa e economicamente ativa

O período analisado pelo presente estudo encerra um momento de inflexão na história da dinâmica populacional brasileira. A partir das décadas de 1980 e 90 assiste-se à desaceleração do movimento migratório quase secular das regiões mais rurais para os grandes centros industriais. Ao lado disso, deve-se considerar o fenômeno da redução da fecundidade, que se acentuou a partir das décadas de 1970 e 80, principalmente nesses centros. Tais movimentos, combinados, contribuíram para a redução do dinamismo do crescimento populacional e também do seu segmento em idade ativa (PIA) que se observa ao comparar as suas taxas de crescimento, no período de 1996 a 1999, em relação ao momento seguinte, de 99 a 2005.

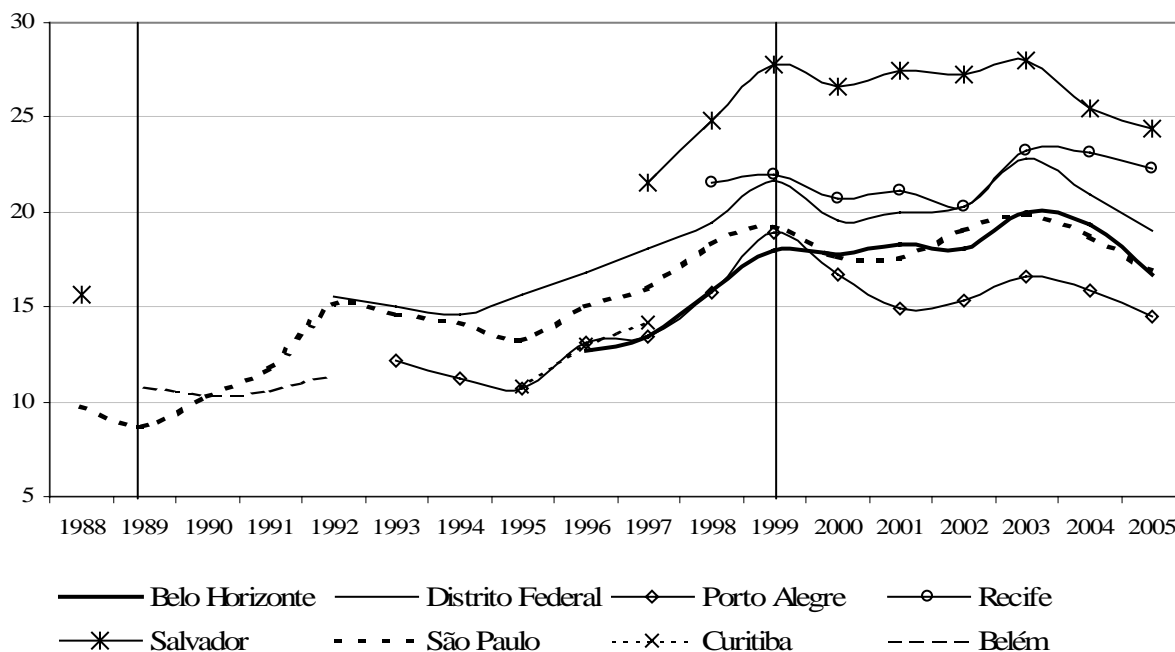
⁴ A questão da informalidade e a diminuição da renda dos trabalhadores na segunda metade da década de 1980 são tratadas, entre outros estudos, por Sabóia (1992).

⁵ Entre 1990 e 1996, o PIB cresceu apenas 1,9% ao ano, e entre 1997 a 1999, o crescimento foi ainda pior (1,4% a.a.) (IBGE/ SCN-Anual).

⁶ O segundo capítulo do livro *A situação do trabalho no Brasil*, do DIEESE (2001) é voltado para a análise da dinâmica do emprego e desemprego nas regiões metropolitanas analisadas pela PED, nos anos noventa, e conclui que “essa evolução desfavorável do desemprego é consequência de um medíocre crescimento, nessas regiões, dos níveis globais da ocupação, que não foram suficientes para atender o incremento das suas respectivas populações economicamente ativas” (DIEESE, 2001: 52).

Gráfico 1
Médias anuais das taxas de desemprego total
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal
1988-2005

(Em % da PEA)



Fonte dos dados básicos: DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

No total das áreas metropolitanas pesquisadas, a PIA, estimada em 26,7 milhões, em 1998, passou para 27,3 milhões de pessoas, em 1999, ao crescer a uma taxa de 2,4% (Tabela 2). A mesma taxa havia reduzido para uma média anual de 2,0%, entre 1999 e 2002, e para 1,9%, entre 2002 e 2005, o que resultou em uma PIA estimada de 30,7 milhões, em 2005. Nas regiões metropolitanas de São Paulo, Porto Alegre e Recife observou-se reduções sensíveis, ao longo do período, enquanto que as demais não apresentaram mudança considerável no ritmo de crescimento da PIA.

Tabela 2
Evolução da estimativa da PIA em anos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996, 1998, 1999, 2002 e 2005

Região Metropolitana e Distrito Federal	Anos selecionados					Variações em % ao ano			
	1996	1998	1999	2002	2005	98/96	99/98	02/99	05/02
Total	-	26.683	27.322	28.994	30.695	-	2,4	2,0	1,9
São Paulo	13.563	14.142	14.445	15.148	15.808	2,1	2,1	1,6	1,4
Distrito Federal	1.393	1.487	1.536	1.692	1.863	3,3	3,3	3,3	3,3
Porto Alegre	2.669	2.780	2.855	3.019	3.199	2,1	2,7	1,9	1,9
Belo Horizonte	3.111	3.295	3.391	3.683	3.991	2,9	2,9	2,8	2,7
Salvador	-	2.322	2.385	2.589	2.810	-	2,7	2,8	2,8
Recife	-	2.657	2.710	2.863	3.024	-	2,0	1,8	1,8

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego.

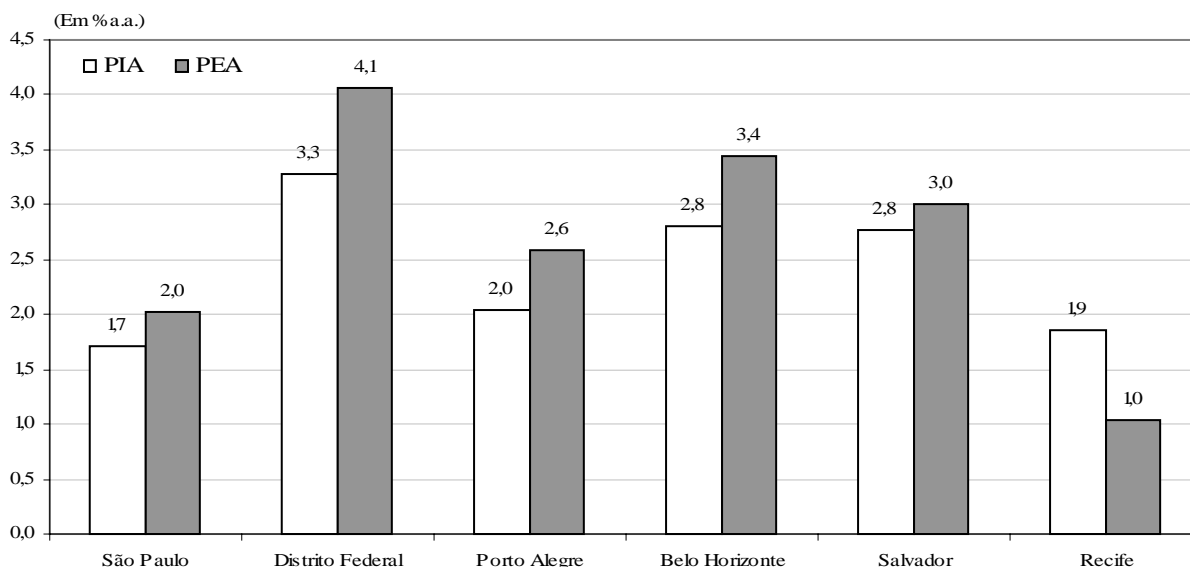
O segmento da PIA incorporado à força de trabalho, ou seja, a população economicamente ativa (PEA), estava estimada em 18,7 milhões de pessoas, no total das áreas metropolitanas analisadas, em 2005 (Tabela 3). Pelo Gráfico 2, observa-se que o crescimento da PEA revelou-se mais acentuado que o total da PIA, ao longo do período analisado, em todas as áreas metropolitanas, com a exceção de Recife, e com destaque para o Distrito Federal, onde a diferença entre as taxas de crescimento da PIA e da PEA foi mais evidente (3,3% a.a. e 4,1% a.a., respectivamente).

Tabela 3
Evolução da estimativa da PEA em anos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996, 1998, 1999, 2002 e 2005

Região Metropolitana e Distrito Federal	Anos selecionados					Variações em % ao ano			
	1996	1998	1999	2002	2005	98/96	99/98	02/99	05/02
Total	-	15.926	16.442	17.745	18.720	-	3,2	2,6	1,8
São Paulo	8.382	8.711	8.985	9.619	10.038	1,9	3,1	2,3	1,4
Distrito Federal	841	919	953	1.090	1.203	4,5	3,7	4,6	3,3
Porto Alegre	1.457	1.576	1.665	1.736	1.835	4,0	5,6	1,4	1,9
Belo Horizonte	1.764	1.898	1.940	2.166	2.391	3,7	2,2	3,7	3,3
Salvador	-	1.393	1.436	1.611	1.717	-	3,1	3,9	2,1
Recife	-	1.429	1.463	1.523	1.536	-	2,4	1,3	0,3

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego.

Gráfico 2
Taxas de crescimento da população em idade ativa e da população economicamente ativa
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal
1996(1)-2005



Fonte dos dados básicos: DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego. (Tabela 9).

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

O crescimento da PEA maior que da PIA, fenômeno verificado na maioria dos casos, sugere uma mudança de comportamento da população, com a ampliação do número relativo de seus componentes saindo da condição de inativos e ingressando no mercado de trabalho, ao longo do período. Nenhum dos atributos pessoais analisados pela PED proporciona melhor explicação para o maior envolvimento da população em idade ativa no mercado de trabalho do que o sexo. Pode-se observar para a maioria das áreas metropolitanas analisadas, que a taxa de participação, ou seja, a razão entre a PEA e a PIA, cresceu entre as mulheres e permaneceu relativamente estável, ou mesmo diminuiu, entre os homens. Entretanto, esse fenômeno atenuou-se nos últimos anos, e essa perda de fôlego do processo de inserção feminina no mercado de trabalho, e mesmo a evasão de homens do contingente de pessoas economicamente ativas podem estar relacionados com as tendências, tanto quantitativas, quanto qualitativas, da geração de postos de trabalho, que é o tema do próximo item.

3. A evolução do nível e da estrutura ocupacional e de rendimentos

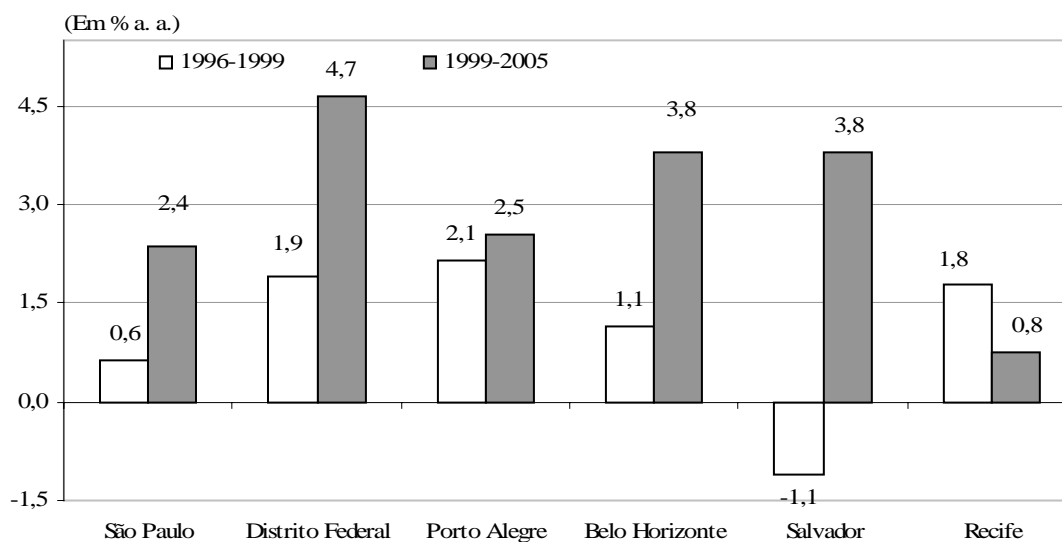
De modo geral, pode-se afirmar que o desempenho da ocupação entre meados da

década de 90 e 2005 foi desigual entre os anos e diferenciada entre as regiões pesquisadas pela PED, repercutindo sobre as características da estrutura ocupacional dessas regiões.

Em termos temporais observa-se que o ano de 1999 constitui-se um divisor de águas no desempenho da ocupação nas regiões metropolitanas brasileiras. A taxa de crescimento média anual do nível de ocupados avançou de maneira muito tímida até 1999 e se recuperou consideravelmente nos anos seguintes. Esse comportamento se verificou muito nitidamente em cinco das seis regiões pesquisadas pela PED; exceção a Região Metropolitana de Recife, em que pese o reduzido período com dados anterior a 1999 – uma vez que a pesquisa nessa região iniciou-se em 1998. (Gráfico 3)

Gráfico 3

**Taxa de crescimento média anual da ocupação, segundo períodos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996(1)-2005**



Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. (Tabela 9)

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

Como resultado da melhora de desempenho do crescimento ocupacional pós-1999, o contingente de ocupados estimado nas seis regiões investigadas pela PED, que era de 13,1 milhões em 1999, cresceu para 15,4 milhões em 2005. Contudo, o ritmo de crescimento da ocupação nesse período de crescimento do emprego metropolitano no Brasil não foi uniforme. Verifica-se que o crescimento absoluto e relativo da ocupação nos primeiros três anos que se seguiram a 1999 (até 2002) foram maiores aos três anos subsequentes (2003 até 2005), denotando uma gradual perda de dinamismo após um grande ímpeto inicial – que

também pode ser explicada pela demanda reprimida por trabalhadores no início de um ciclo econômico ou pelo efeito estatístico da base de análise deprimida. (Tabela 4)

Tabela 4
Evolução da estimativa dos ocupados em anos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996, 1998, 1999, 2002 e 2005

Região Metropolitana e Distrito Federal	Anos selecionados					Variações em % ao ano			
	1996	1998	1999	2002	2005	98/96	99/98	02/99	05/02
Total	-	12.952	13.113	14.284	15.369	-	1,2	2,9	2,5
São Paulo	7.116	7.126	7.251	7.791	8.342	0,1	1,8	2,4	2,3
Distrito Federal	701	739	742	864	975	2,7	0,4	5,2	4,1
Porto Alegre	1.266	1.325	1.349	1.470	1.569	2,3	1,8	2,9	2,2
Belo Horizonte	1.540	1.596	1.593	1.774	1.992	1,8	-0,2	3,7	3,9
Salvador	-	1.046	1.038	1.171	1.298	-	-0,8	4,1	3,5
Recife	-	1.120	1.140	1.214	1.193	-	1,8	2,1	-0,6

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. (ver Tabelas 12 e 13)

Outra característica que marcou as transformações dos mercados de trabalho metropolitanos brasileiros na década de 90 foi a fragilização da sua estrutura ocupacional. Esta fragilização está relacionada com a queda na capacidade de geração de emprego por parte do setor industrial (com o respectivo aumento da participação do setor de serviços), com o aumento de formas de contratação flexíveis e muitas vezes à margem da legislação trabalhista, além da importância dos trabalhos precários como alternativas ao desemprego. Como ver-se-á mais a frente, algumas dessas tendências foram estancadas ou revertidas a partir de 1999.

A queda do emprego na indústria está intimamente relacionada ao padrão de desenvolvimento e à forma de inserção internacional escolhidos pelo Brasil desde a década de 90. A adoção de medidas como a abertura comercial abrupta, taxas de juros elevadas, câmbio apreciado e redução do papel do Estado resultaram não só num débil e instável crescimento econômico – com rebatimentos no nível de emprego do mercado de trabalho – como também numa aceleração e intensificação da reestruturação tecnológica e organizacional das empresas. Esse movimento das empresas acabou por eliminar e/ou deslocar postos de trabalho, via racionalização, aumento da produtividade e intensificação do processo de terceirização, nas regiões mais industrializadas.

Como resultado do crescimento da ocupação e dos novos arranjos produtivos, não obstante o setor industrial não reduziu em termos absolutos o seu contingente de ocupados, ele perdeu participação na estrutura ocupacional setorial em cinco das seis regiões pesquisadas pela PED – salvo em Salvador, onde a participação se ampliou. As maiores

quedas de participação da indústria no emprego setorial ocorreram nas regiões metropolitanas mais industrializadas de São Paulo, de Belo Horizonte e de Porto Alegre – também no Distrito Federal observou-se a diminuição de participação da indústria porém, como a presença industrial nessa região é pequena, a movimentação não chegou a ser significativa. Na Região Metropolitana de São Paulo, entre os anos de 1996 e 2005, a indústria perdeu 3,0 pontos percentuais da sua participação no total das ocupações. Nesse mesmo período, o emprego industrial das regiões metropolitanas de Belo Horizonte e de Porto Alegre perdeu, respectivamente, 1,8 e 1,6 pontos percentuais de participação na ocupação total. No sentido oposto, o setor de serviços, que já era o principal responsável pela ocupação, ampliou sua participação em todas as regiões metropolitanas investigadas. (Tabela 5)

Tabela 5
Distribuição dos ocupados, segundo setor de atividade econômica
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996(1), 1999, 2002 e 2005

Especificações	São Paulo				Distrito Federal				Porto Alegre			
	1996	1999	2002	2005	1996	1999	2002	2005	1996	1999	2002	2005
Ocupados	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria.....	22,6	19,6	20,0	19,5	4,8	3,9	3,7	3,9	21,2	19,0	18,8	19,6
Comércio.....	17,2	16,1	16,1	16,1	14,6	14,5	15,4	16,1	16,7	16,9	16,1	17,1
Serviços.....	46,2	49,6	49,4	50,5	63,4	65,0	65,5	66,0	48,4	50,3	52,2	51,4
Construção civil.....	5,4	5,3	5,2	4,9	4,8	4,1	3,9	3,6	6,0	5,8	5,3	4,9
Serviços domésticos.....	8,1	8,9	8,6	8,6	11,6	11,6	10,4	9,6	7,3	7,6	7,2	6,6
Outros Setores.....	0,5	0,5	0,7	0,4	0,8	0,9	1,1	0,8	0,4	0,4	0,4	0,4
Especificações	Belo Horizonte				Salvador				Recife			
	1996	1999	2002	2005	1997	1999	2002	2005	1998	1999	2002	2005
Ocupados.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria.....	16,1	14,4	14,5	14,3	8,4	8,1	8,4	9,3	9,9	9,3	9,0	9,4
Comércio.....	15,1	15,0	15,4	15,6	17,9	15,9	16,3	16,1	20,7	21,5	20,4	19,4
Serviços.....	49,6	51,3	53,0	54,5	55,6	58,5	59,0	59,0	51,5	51,5	53,1	54,2
Construção civil.....	8,2	8,3	6,9	6,3	5,4	5,5	5,2	4,7	4,8	4,7	4,8	4,2
Serviços domésticos.....	10,0	10,1	9,5	8,9	10,8	10,4	10,1	9,4	9,7	9,6	9,0	9,1
Outros Setores.....	1,0	0,9	0,7	0,4	1,9	1,6	1,0	1,5	3,4	3,4	3,7	3,7

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego.

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

Contudo, o ritmo dessa tendência à desindustrialização em paralelo à crescente importância das ocupações no setor de serviços nos mercados de trabalho metropolitanos brasileiros não foi uniforme nessa última década. Mais uma vez, o ano de 1999 constitui-se em um marco analítico para essa mudança no ritmo. Até 1999, a taxa de crescimento média anual da ocupação industrial era mormente negativa e substancialmente menor ao incremento da participação do setor de serviços. Após 1999, ainda que persistisse a tendência de um melhor desempenho da ocupação nos serviços, a diferença entre os dois

ritmos de expansão aproximou-se consideravelmente (Tabela 6). Tal inflexão no comportamento tendencial da ocupação industrial guardou relação com a desvalorização cambial ocorrida em 1999 que resultou por uma relativa melhoria na competitividade internacional dos produtos brasileiros chamados de *tradebles* (comercializáveis), em que se enquadram os produtos industrializados.

Tabela 6
Taxa de crescimento média anual dos ocupados, por períodos selecionados, segundo setor de atividade econômica
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996(1)-2005

Especificações	São Paulo				Distrito Federal				Porto Alegre				(Em %)
	99/96	02/99	05/02	05/99	99/96	02/99	05/02	05/99	99/96	02/99	05/02	05/99	
Ocupados	0,6	2,4	2,3	2,4	1,9	5,2	4,1	4,7	2,1	2,9	2,2	2,5	
Indústria.....	-4,0	3,1	1,5	2,3	2,4	3,3	5,9	4,6	-1,5	2,7	3,5	3,1	
Comércio.....	-1,6	2,4	2,3	2,4	5,1	7,2	5,7	6,4	2,6	1,2	4,5	2,8	
Serviços.....	3,0	2,4	3,0	2,7	2,8	5,4	4,4	4,9	3,4	4,2	1,7	2,9	
Construção civil.....	0,0	1,8	0,3	1,1	-3,1	4,3	1,0	2,6	0,9	0,0	-0,4	-0,2	
Serviços domésticos.....	3,8	1,3	2,3	1,8	2,0	1,5	1,1	1,3	3,8	1,0	-1,0	0,0	
Outros Setores.....	1,8	7,3	-11,1	-2,3	-36,1	18,6	-3,5	7,0	0,0	-5,9	6,3	0,0	
Especificações	Belo Horizonte				Salvador				Recife				
	99/96	02/99	05/02	05/99	99/97	02/99	05/02	05/99	99/98	02/99	05/02	05/99	
Ocupados	1,1	3,7	3,9	3,8	-1,1	4,1	3,5	3,8	1,8	2,1	-0,6	0,8	
Indústria.....	-2,6	3,9	3,5	3,7	-2,8	5,3	7,3	6,3	-4,5	0,9	0,9	0,9	
Comércio.....	0,9	4,5	4,4	4,5	-6,8	5,0	3,0	4,0	5,6	0,4	-2,3	-1,0	
Serviços.....	2,3	4,8	4,9	4,9	1,4	4,4	3,5	4,0	1,7	3,2	0,1	1,6	
Construção civil.....	1,6	-2,6	0,8	-0,9	0,0	2,3	0,0	1,1	0,0	2,4	-4,8	-1,3	
Serviços domésticos.....	1,5	1,6	1,6	1,6	-3,1	3,0	1,1	2,1	0,0	0,0	0,0	0,0	
Outros Setores.....	0,0	-4,7	-14,9	-9,9	-7,8	-11,0	16,6	1,9	2,6	4,9	-0,7	2,0	

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. (ver Tabela 14)

Nota: (1) Para a RMS é 1997 e para a RMR é 1998.

4. Evolução do desemprego

O recrudescimento do desemprego no período de 1996 a 1999, decorrente da dinâmica insuficiente de abertura de postos de trabalho, como visto acima, mostrou-se evidente em todas as áreas metropolitanas analisadas. Ficou explícito, nesse período, a incapacidade do mercado de trabalho em absorver os novos contingentes que ingressavam na força de trabalho. Somente entre 1998 e 1999, a população desempregada no conjunto das regiões metropolitanas analisadas pela PED cresceu 11,9%, ao passar de 2.975 para 3.328 mil pessoas (Tabela 7).

Tabela 7
Evolução da estimativa de desempregados em anos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996, 1998, 1999, 2002 e 2005

Região Metropolitana e Distrito Federal	Anos selecionados					Variações em % ao ano			
	1996	1998	1999	2002	2005	98/96	99/98	02/99	05/02
Total	-	2.975	3.328	3.461	3.351	-	11,9	1,3	-1,1
São Paulo	1.266	1.585	1.734	1.828	1.696	11,9	9,4	1,8	-2,5
Distrito Federal	140	181	210	226	228	13,7	16,0	2,5	0,3
Porto Alegre	191	251	316	266	266	14,6	25,9	-5,6	0,0
Belo Horizonte	224	302	347	392	399	16,1	14,9	4,1	0,6
Salvador	-	347	398	440	419	-	14,7	3,4	-1,6
Recife	-	309	323	309	343	-	4,5	-1,5	3,5

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. (ver Tabelas 12 e 13)

No período seguinte, entre 1999 e 2005, a elevação do ritmo de crescimento das ocupações, combinada com a diminuição da velocidade em que a PEA crescia, fez com que se reduzisse o vigor do crescimento da população desempregada em todas as áreas metropolitanas analisadas. No total das regiões, a PEA desempregada havia crescido apenas 1,3% a.a., entre 1999 e 2002, sendo que no período mais recente, observou-se redução absoluta desse contingente, uma vez que a taxa de crescimento foi negativa (1,1% a.a.), ao passar de 3.461 para 3.351 mil pessoas.

Analisando a taxa de desemprego total, que é a relação entre o número de desempregados e o total da PEA, pelo Gráfico 4, os anos finais de crise do mercado de trabalho, entre 1996 e 1999, elevaram acentuadamente as taxas de desemprego. Na RM de Salvador, onde o problema do desemprego mostrou-se mais crônico, a taxa de desemprego, que era de 21,6%, em 1997, saltou para 27,7% em apenas dois anos. Por seu turno, a RM de Belo Horizonte, mesmo apresentando uma das menores taxas de desemprego das regiões pesquisadas, não teve desempenho melhor, uma vez que esse indicador evoluiu de 12,7%, para 19,0% da PEA, no mesmo período. Em outras palavras, aproximadamente uma em cada cinco pessoas inseridas na força de trabalho estava desempregada, nas regiões pesquisadas, em 1999.

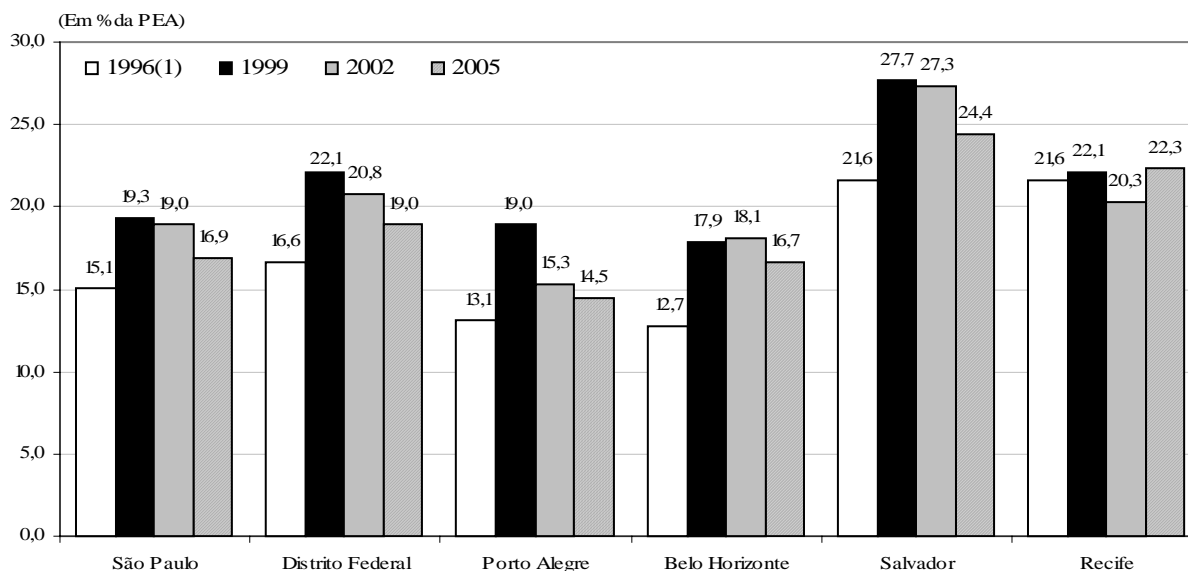
Os desdobramentos da economia sobre a mercado de trabalho e as tendências demográficas aventados por esse estudo determinaram uma trajetória descendente da taxa de desemprego pós-1999. Deve-se ressaltar, entretanto, que até 2005, nenhuma das áreas pesquisadas apresentaram taxas de desemprego menores do que possuíam há 10 anos atrás. Na RM de Porto Alegre, onde a redução da taxa mostrou-se mais precoce e visível, já em

2002, ao reduzir de 19,0%, em 1999, para 15,3%, naquele ano, apresentou uma taxa de desemprego de 14,5% da PEA, em 2005; nível superior aos 13,1% apontados em 1996.

Gráfico 4

Taxas de desemprego total em anos selecionados

Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996(1), 1999, 2002 e 2005



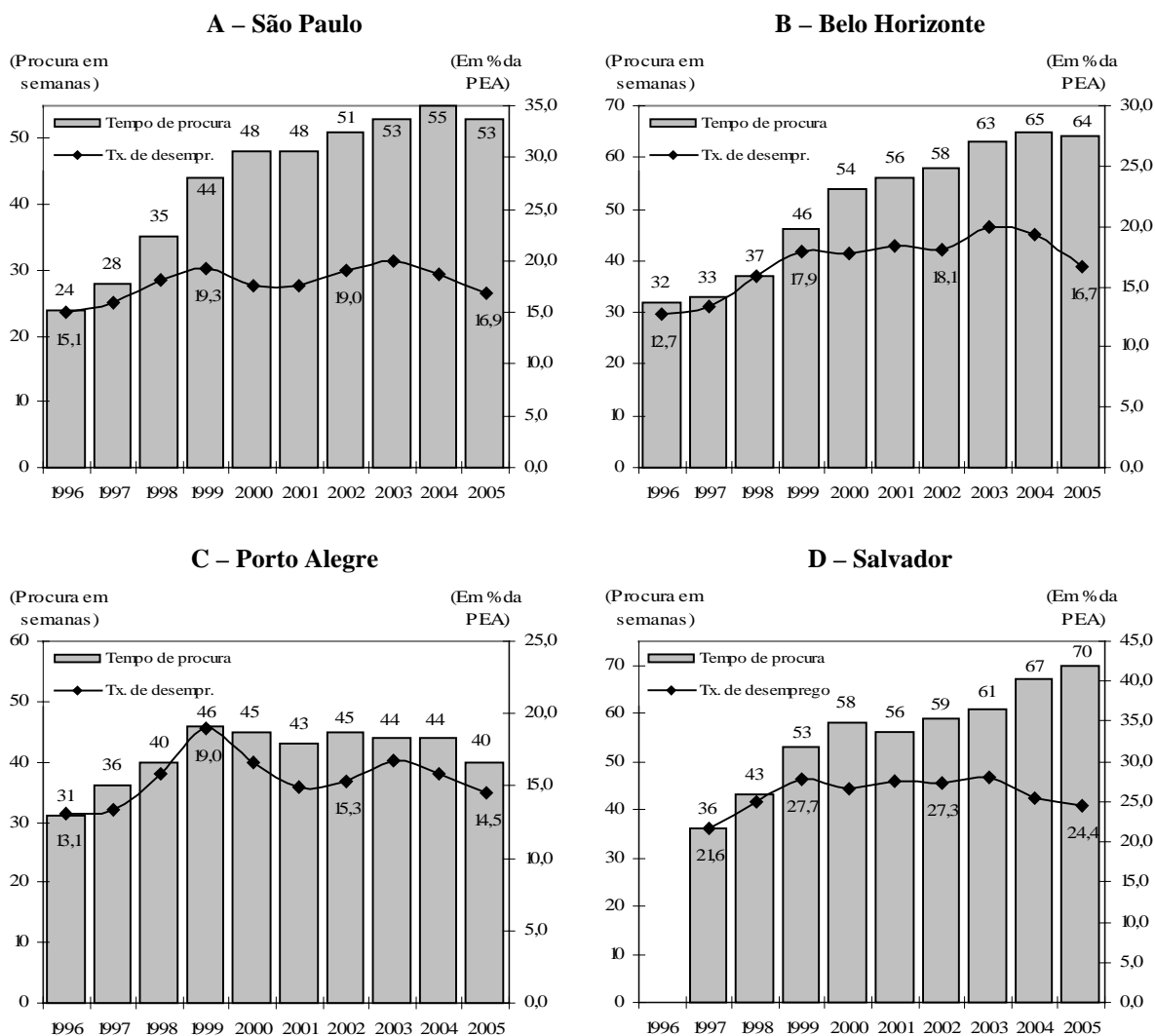
Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. Nota: (1) para a RMS o primeiro ano é 1997 e para a RMR, é de 1998.

Em relação ao tipo de desemprego, no período de crise do mercado de trabalho, entre 1996 e 1999, o desemprego assumiu características distintas nas regiões metropolitanas analisadas. Na região metropolitana de Belo Horizonte e no Distrito Federal o desemprego aberto havia crescido com maior intensidade (Tabela 9). Na maioria dos casos analisados, entretanto, ou seja, nas regiões metropolitanas de São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife o aumento do desemprego incidiu mais no seu componente oculto, tanto no desemprego oculto pelo desalento, como no oculto pelo trabalho precário, sugerindo um quadro de maior precarização da situação de desemprego.

No período subsequente, entre 1999 e 2005, com a exceção da RM de São Paulo e do Distrito Federal, a redução do desemprego incidiu exatamente naquelas situações de desemprego que mais tinham se agravado no final da década de 1990. Assim a taxa de desemprego oculto, que tinha crescido mais na Grande Porto Alegre do que o desemprego aberto (19,9% a.a. e 10,0% a.a., respectivamente) entre 1996 e 1999, foi também a taxa de desemprego que mais retraiu (7,9% a.a.), entre 2000 e 2005, refletindo o decréscimo, em especial, do desemprego oculto pelo trabalho precário (8,1% a.a.). (Tabela 9).

A redução mais acentuada da taxa de desemprego oculto que o aberto em quatro das seis regiões pesquisadas é um indício da melhora do mercado de trabalho, uma vez que as formas ocultas de desemprego se associam às inserções mais vulneráveis na força de trabalho. Um outro importante indicador para a análise da qualidade do desemprego, contudo, é o tempo de procura dos desempregados (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Evolução do tempo de procura e da taxa de desemprego total
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 1996(1)-2005



Fonte dos dados básicos: DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

No período anterior, até 1999, tempo médio de procura e taxa de desemprego cresciam em ritmos semelhantes, o que sugeria a relação causal entre ambas variáveis. A partir de então, a evolução expansiva do tempo de procura passou a adquirir certa

autonomia, em relação ao comportamento da taxa de desemprego. Dessa forma, mesmo que as taxas de desemprego estejam tendendo para os níveis próximos dos apresentados no início do período estudado, a natureza do desemprego degenerou-se, e adotou um perfil de longa duração⁷. Mesmo na RM de Porto Alegre, onde esse fenômeno é menos visível, o tempo de procura cresceu 29,0%, ao variar de 31 para 40 semanas, contra 10,7% de aumento da taxa de desemprego total, entre 1996 e 2005. Na Grande São Paulo, que apresenta a mudança o desemprego de forma mais nítida, o tempo de procura dos desempregados mais que duplicou, ao passar de 24 para 53 semanas, entre 1996 e 2005, enquanto a taxa de desemprego havia crescido 11,9%.

Considerações finais

O cenário de um mercado de trabalho sem o problema do desemprego, que se estava desenhando ao final da década de 1980 foi drasticamente abortado e substituído por uma realidade mais árida para os trabalhadores, e marcada pela escalada do desemprego e, de uma forma geral, pela precarização do mercado de trabalho.

Logo nos primeiros anos da década de 1990, a desaceleração da atividade econômica rebateu de forma deletéria sobre um mercado de trabalho em franca expansão, com uma população economicamente ativa que crescia não só pela rápida dinâmica demográfica, mas também pelas mudanças comportamentais de nossa sociedade, em que se deve destacar o processo de emancipação feminina, refletido, por sua vez, nos aumentos consistentes das taxas de participação das mulheres *vis-à-vis* a manutenção das dos homens.

No primeiro período que esse trabalho enfoca, que é compreendido entre os anos de 1996 e 1999, essas tendências, com destaque para o baixo crescimento ocupacional, agudizaram e levaram as taxas de desemprego para níveis sem precedentes na história brasileira. Além da incapacidade de crescimento, deve-se enfatizar a redução da qualidade dos postos de trabalho gerados e a redução de rendimento. Três fenômenos manifestaram-se de forma exuberante nessa fase: 1) a desindustrialização, pela redução de postos de trabalho na indústria; 2) a terciarização, pelo inchaço do setor de serviços, notadamente naqueles ramos que comportavam relações vulneráveis de trabalho, como os pessoais; e 3) a terceirização e flexibilização das relações de trabalho, pelo aumento absoluto e relativo de

⁷ Uma análise mais pormenorizada da evolução do tempo de procura no período recente, inclusive por atributos pessoais dos desempregados, é encontrada em Rodarte e Braga (2005).

postos de trabalho assalariados por subcontratação, aumento dos autônomos que trabalhavam para empresas e pelo incremento de assalariados sem carteira de trabalho que trabalhavam tanto para o setor privado, quanto para o público.

A evolução medíocre da ocupação tal como caracterizou o mercado de trabalho metropolitano nos anos 90 é em grande medida revertida a partir de 1999, quando a ocupação cresceu a taxas substancialmente maiores que no período anterior. A tendência de fragilização da estrutura ocupacional que marcou a década de 90 sofreu, senão uma reversão, pelo menos um estancamento em seu ritmo de aprofundamento⁸. Não obstante o processo de desindustrialização ter prosseguido, o ritmo dessa transformação se atenuou consideravelmente a partir de 1999.

A retomada do ritmo de crescimento das oportunidades de trabalho e a retração do crescimento da PEA, no período pós-1999, e particularmente nos últimos três anos interromperam a trajetória de elevação do desemprego que marcou a década de 1990, embora os dados mais recentes não mostrem ainda níveis ainda inferiores aos apresentados em meados da década anterior. Apesar de se ter assistido a uma redução mais expressiva do componente oculto do desemprego, o que sugere mitigação da precariedade dessa condição, por definição, vulnerável, o tempo de procura dos desempregados manteve-se elevado o que aponta para uma transmutação da natureza do desemprego, de curta, para de longa duração.

A gravidade desse diagnóstico deve ser apontada em dois aspectos. O primeiro refere-se à “queima de capital humano”, pois o maior tempo de afastamento da profissão reduz gradativamente as aptidões e a destreza pela força do esquecimento e da falta do exercício diário da profissão, além da desatualização das eventuais inovações, por estar alijado do ambiente de trabalho. O segundo aspecto é mais dramático, e foi ressaltado por Fernandes (2002): à medida que prolonga o tempo de procura, vão se exaurindo as fontes próprias de sobrevivência do desempregado. Diante desse fato, torna-se ainda mais evidente a inadequação dos escassos mecanismos de proteção social, como o seguro desemprego, que

⁸ Essa visão é compartilhada por Carlos Ramos, que analisando o mercado de trabalho metropolitano com dados da PME-FIBGE, entre 1990 e 2002, apontou quebra da curva de crescimento do emprego formal, em 1999, e concluiu que “Uma atenta leitura do acontecido nos anos 1990 nos induz a pensar que o pessimismo das elasticidades, muito usual nesses anos, deve ser visto com cautela” (RAMOS, 2003: 14). O trabalho de Chahad (2003), com dados da PED, entretanto, não identifica melhoras no mercado de trabalho após a

além de cobrir apenas parte dos desempregados, possuem tempo de abrangência relativamente pequeno, se comparado às recentes estatísticas de tempo médio de procura.

Referências bibliográficas

- BARELLI, Walter, TROYANO, Annez Andraus. Pesquisa de Padrão de Vida e Emprego na Região Metropolitana de São Paulo: População Economicamente Ativa e Situação Ocupacional. In III Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1982, **Anais... ABEP**, 1982, v. 1, p. 11-29.
- CARVALHO, José A. M.; BRITO, Fausto; RIBEIRO, José; RIGOTTI, José. Minas Gerais, uma nova região de atração populacional? In: **20 anos do Seminário sobre a Economia Mineira – 1982-2002: Coletânea de trabalhos, 1982-2002**. Belo Horizonte: UFMG/FACE/CEDEPLAR, 2002, v. 3, p. 239-262.
- CHAHAD, José P. Z. Tendências recentes no mercado de trabalho: pesquisa de emprego e desemprego. In: **São Paulo em perspectiva**. São Paulo: SEADE. 17(3-4), 2003, p. 205-217.
- DIEESE. **A situação do trabalho no Brasil**. São Paulo: DIEESE, 2001.
- FERNANDES, R. . Estratégias de Sobrevivência do Trabalhador Desempregado. In: Chahad, J. P. Z.; Picchetti, P. (Org.). **Mercado de Trabalho no Brasil: Padrões de Comportamento e Transformações Institucionais**. São Paulo, 2002.
- MORETTO, Amilton; KREIN, José D. O crescimento da formalização do emprego: Como explicá-la? In: IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho, 2005, Recife-PE. **Anais... 2005**.
- RAMOS, Carlos A. O emprego nos anos 1990: O regime macroeconômico importa?. In **Mercado de Trabalho – Conjuntura e Análise**. N° 22. Rio de Janeiro: IPEA. Novembro de 2003. p. 11-14.
- RODARTE, Mario M. S.; BRAGA, Thaiz S. Tendências recentes do mercado de trabalho no Brasil a partir da Pesquisa de Emprego e Desemprego(PED). In: DIEESE. (Org.). **O trabalho no setor terciário: emprego e desenvolvimento tecnológico**. Campinas e São Paulo, 2005, v. 8.
- SABÓIA, João. Emprego, renda e pobreza no Brasil na década de oitenta – transformações conjunturais e estruturais. In: **Força de trabalho e emprego**. Salvador, v. 9, n. 1, p. 3-9, Jan./Abr. 1992.
- TROYANO, Annez A.; MATTOSO, Jorge E. L.; HOFFMANN, Marise P. O Emprego: Dimensões da Crise. In IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, out/1984, **Anais... Águas de São Pedro**, São Paulo: ABEP, 1984, v. 3, p. 1383-1413.

desvalorização do câmbio de 1999, provavelmente por se ater à região metropolitana de São Paulo, que teve uma recuperação mais lenta que na maioria das demais regiões metropolitanas, nos últimos anos.

Anexo estatístico

Tabela 8
Estimativas médias da população em idade ativa, população economicamente ativa e inativos; e
taxas de desemprego e participação
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 1996(1)-2005

Especificações	São Paulo				Distrito Federal				Porto Alegre			
	1996	1999	2002	2005	1996	1999	2002	2005	1996	1999	2002	2005
(Em mil pessoas)												
PIA.....	13.563	14.445	15.148	15.808	1.393	1.536	1.692	1.863	2.669	2.855	3.019	3.199
PEA.....	8.382	8.985	9.619	10.038	841	953	1.090	1.203	1.457	1.665	1.736	1.835
Ocupados.....	7.116	7.251	7.791	8.342	701	742	864	975	1.266	1.349	1.470	1.569
Desempregados.....	1.266	1.734	1.828	1.696	140	210	226	228	191	316	266	266
Inativos.....	5.181	5.460	5.529	5.770	552	583	602	660	1.212	1.190	1.283	1.364
(Em %)												
Taxa de participação.....	61,8	62,2	63,5	63,5	60,4	62,0	64,4	64,6	54,6	58,3	57,5	57,4
Taxa de desemprego total.....	15,1	19,3	19,0	16,9	16,6	22,1	20,8	19,0	13,1	19,0	15,3	14,5
Aberto.....	10,0	12,1	12,1	10,5	10,8	14,4	12,9	12,4	9,1	12,1	10,0	10,3
Oculto.....	5,1	7,2	6,9	6,4	5,9	7,7	7,9	6,5	4,0	6,9	5,3	4,2
Pelo Trabalho Precário.....	3,8	5,1	4,9	4,8	3,2	4,3	4,2	3,6	3,0	4,8	3,4	2,9
Pelo Desalento.....	1,3	2,1	2,0	1,5	2,7	3,3	3,6	3,0	1,0	2,1	1,9	1,3

Especificações	Belo Horizonte				Salvador				Recife			
	1996	1999	2002	2005	1997	1999	2002	2005	1998	1999	2002	2005
(Em mil pessoas)												
PIA.....	3.111	3.391	3.683	3.991	2.260	2.385	2.589	2.810	2.657	2.710	2.863	3.024
PEA.....	1.764	1.940	2.166	2.391	1.354	1.436	1.611	1.717	1.429	1.463	1.523	1.536
Ocupados.....	1.540	1.593	1.774	1.992	1.061	1.038	1.171	1.298	1.120	1.140	1.214	1.193
Desempregados.....	224	347	392	399	293	398	440	419	309	323	309	343
Inativos.....	1.347	1.451	1.517	1.600	906	949	978	1.093	1.228	1.247	1.340	1.488
(Em %)												
Taxa de participação.....	56,7	57,2	58,8	59,9	59,9	60,2	62,2	61,1	53,8	54,0	53,2	50,8
Taxa de desemprego total.....	12,7	17,9	18,1	16,7	21,6	27,7	27,3	24,4	21,6	22,1	20,3	22,3
Aberto.....	7,8	11,8	11,5	10,7	12,4	15,6	16,3	14,2	11,8	11,8	11,2	14,0
Oculto.....	4,9	6,1	6,6	6,0	9,2	12,1	11,0	10,2	9,8	10,3	9,1	8,3
Pelo Trabalho Precário.....	3,3	4,3	4,1	3,2	6,0	8,4	7,8	7,4	5,3	5,9	4,7	4,3
Pelo Desalento.....	1,6	1,8	2,5	2,8	3,2	3,7	3,2	2,8	4,5	4,4	4,4	4,0

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

Tabela 9
Taxas de crescimento da população em idade ativa, população economicamente ativa e inativos; e das
taxas de desemprego e participação
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 1996(1)-2005

(Em % a.a.)

Especificações	São Paulo				Distrito Federal				Porto Alegre			
	99/96	02/99	05/02	05/99	99/96	02/99	05/02	05/99	99/96	02/99	05/02	05/99
PIA.....	2,1	1,6	1,4	1,5	3,3	3,3	3,3	3,3	2,3	1,9	1,9	1,9
PEA.....	2,3	2,3	1,4	1,9	4,3	4,6	3,3	4,0	4,5	1,4	1,9	1,6
Ocupados.....	0,6	2,4	2,3	2,4	1,9	5,2	4,1	4,7	2,1	2,9	2,2	2,5
Desempregados.....	11,1	1,8	-2,5	-0,4	14,5	2,5	0,3	1,4	18,3	-5,6	0,0	-2,8
Inativos.....	1,8	0,4	1,4	0,9	1,8	1,1	3,1	2,1	-0,6	2,5	2,1	2,3
Taxa de participação.....	0,2	0,7	0,0	0,3	0,9	1,3	0,1	0,7	2,2	-0,5	-0,1	-0,3
Taxa de desemprego total.....	8,5	-0,5	-3,8	-2,2	10,0	-2,0	-3,0	-2,5	13,2	-7,0	-1,8	-4,4
Aberto.....	6,6	0,0	-4,6	-2,3	10,1	-3,6	-1,3	-2,5	10,0	-6,2	1,0	-2,6
Oculto.....	12,2	-1,4	-2,5	-1,9	9,3	0,9	-6,3	-2,8	19,9	-8,4	-7,5	-7,9
Pelo Trabalho Precário.....	10,3	-1,3	-0,7	-1,0	10,4	-0,8	-5,0	-2,9	17,0	-10,9	-5,2	-8,1
Pelo Desalento.....	17,3	-1,6	-9,1	-5,5	6,9	2,9	-5,9	-1,6	28,1	-3,3	-11,9	-7,7

Especificações	Belo Horizonte				Salvador				Recife			
	99/96	02/99	05/02	05/99	99/97	02/99	05/02	05/99	99/98	02/99	05/02	05/99
PIA.....	2,9	2,8	2,7	2,8	2,7	2,8	2,8	2,8	2,0	1,8	1,8	1,8
PEA.....	3,2	3,7	3,3	3,5	3,0	3,9	2,1	3,0	2,4	1,3	0,3	0,8
Ocupados.....	1,1	3,7	3,9	3,8	-1,1	4,1	3,5	3,8	1,8	2,1	-0,6	0,8
Desempregados.....	15,7	4,1	0,6	2,4	16,5	3,4	-1,6	0,9	4,5	-1,5	3,5	1,0
Inativos.....	2,5	1,5	1,8	1,6	2,3	1,0	3,8	2,4	1,5	2,4	3,6	3,0
Taxa de participação.....	0,3	0,9	0,6	0,8	0,3	1,1	-0,6	0,2	0,4	-0,5	-1,5	-1,0
Taxa de desemprego total.....	12,1	0,4	-2,6	-1,1	13,2	-0,5	-3,7	-2,1	2,3	-2,8	3,2	0,2
Aberto.....	14,8	-0,9	-2,4	-1,6	12,2	1,5	-4,5	-1,6	0,0	-1,7	7,7	2,9
Oculto.....	7,6	2,7	-3,1	-0,3	14,7	-3,1	-2,5	-2,8	5,1	-4,0	-3,0	-3,5
Pelo Trabalho Precário.....	9,2	-1,6	-7,9	-4,8	18,3	-2,4	-1,7	-2,1	11,3	-7,3	-2,9	-5,1
Pelo Desalento.....	4,0	11,6	3,8	7,6	7,5	-4,7	-4,4	-4,5	-2,2	0,0	-3,1	-1,6

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

Evolução do mercado de trabalho metropolitano entre meados das décadas de 1990 e 2000

Mario Marcos Sampaio Rodarte**
Eduardo Miguel Schneider***

Resumo:

O presente trabalho busca analisar a evolução do mercado de trabalho metropolitano brasileiro nos últimos 10 anos. Observou-se que numa primeira fase, até o ano de 1999, o desemprego cresceu expressivamente, tendo, na seqüência um movimento de relativa estabilidade, ou mesmo de redução da taxa de desemprego. Constatou, na primeira fase, que a escalada do desemprego foi um reflexo do acentuado crescimento da população economicamente ativa combinado com um pífio crescimento ocupacional. No segundo momento, a partir de 1999, os ritmos dessas duas variáveis inverteram-se, contendo, assim, o aumento do desemprego. Além disso, constatou-se uma inflexão qualitativa das ocupações, com a informalidade cedendo espaço para uma relativa melhora da qualidade dos postos de trabalho gerados, nos últimos anos.

Palavras-chave: mercado de trabalho, desemprego, região metropolitana

Evolution of the Brazilian metropolitan labour market among middles of the decades of 1990 and 2000

Abstract:

The aim of this article is the analysis of the evolution of the Brazilian metropolitan labour market in the last 10 years. It was observed that in a first phase, until the year of 1999, the unemployment increased, but in the second phase, there was stability or reduction of the unemployment rate. In the first phase, the growth of the unemployment was a reflex of the high growth of the work force combined with a low occupational growth. In the second moment, starting from 1999, the rhythms of those two variables were inverted, containing the increase of the unemployment. Besides, a qualitative inflection of the occupations was verified, once that the employment quality got better, in the last years.

Key-words: labour market, unemployment, metropolitan area.

Endereço para correspondência:

Av. Bias Fortes, 1150, apto. 42. Bairro Lourdes. CEP: 30.175-010. Belo Horizonte-MG.

Email: mrodarte@cedeplar.ufmg.br

** Doutorando em Demografia pelo Cedeplar/UFMG, com bolsa CNPq, e mestre em Economia (Cedeplar/UFMG). Foi coordenador da PED-RMS (2000-2002) e da PED-RMBH (2002-2005), pelo DIEESE. E-mail: mrodarte@cedeplar.ufmg.br.

*** Economista pela UFRGS, especialista em gestão pública participativa pela UERGS e coordenador da PED-RMPA. E-mail: ems@portoweb.com.br.

Evolução do mercado de trabalho metropolitano entre meados das décadas de 1990 e 2000*

Mario Marcos Sampaio Rodarte^{**}
Eduardo Miguel Schneider^{***}

Introdução

O presente trabalho busca analisar a evolução do mercado de trabalho metropolitano brasileiro nos últimos 10 anos. Cumprir semelhante objetivo encontra desafios devido à grande heterogeneidade desse relativamente curto espaço de tempo. Tomando a taxa de desemprego, principal índice que mensura o comportamento conjuntural do mercado de trabalho, observa-se diferentes tendências ao longo do período que se objetiva estudar. Após o período de rápida elevação, entre meados da década de 90 até 1999, o desemprego estabilizou-se, flutuando em torno de um patamar elevado, e em seguida, ensaiando uma tendência de recuo, ao final do período.

O que se pretende fazer é periodizar o passado recente, tomando os anos de 1996, 1999, 2002 e 2005 como anos chaves, e em seguida, decompor os fatores que resultam na taxa de desemprego, de um lado, o exame da dinâmica do crescimento da população economicamente ativa (PEA), e de outro lado, a evolução do crescimento dos postos de trabalho. O principal objetivo, com esse estudo, além de apontar períodos distintos do mercado de trabalho, é aventar os principais causadores dos movimentos que caracterizam cada um dos períodos, tanto pela evolução do nível ocupacional, quanto pelo comportamento da PEA.

* Os autores agradecem o empenho da equipe técnica do DIEESE/PED no levantamento de dados utilizados nesse trabalho, e em especial, a Ana Paula Queiroz Sperotto (estatística pela UFRGS e técnica do DIEESE na PED-RMPOA) e ao Edgard Rodrigues Fusaro (estatístico pela USP, e técnico do DIEESE da PED-RMSP). Várias das idéias contidas nesse estudo emergiram das discussões com Lúcia Santos Garcia (PED-RMPOA) e Marise Hoffmann (PED-RMSP), a quem os autores mostram-se gratos, inclusive pela leitura crítica do texto. Naturalmente, os mesmos se responsabilizam por quaisquer incorreções que, porventura, tenham restado.

** Doutorando em Demografia pelo Cedeplar/UFMG, com bolsa CNPq, e mestre em Economia (Cedeplar/UFMG). Foi coordenador da PED-RMS (2000-2002) e da PED-RMBH (2002-2005), pelo DIEESE. E-mail: mrodarte@cedeplar.ufmg.br.

*** Economista pela UFRGS, especialista em gestão pública participativa pela UERGS e coordenador da PED-RMPA. E-mail: ems@portoweb.com.br.

A fonte privilegiada para a análise desse período é a PED, Pesquisa de Emprego e Desemprego, de metodologia do DIEESE/SEADE, que é desenvolvida atualmente em seis importantes áreas metropolitanas do Brasil: São Paulo, Porto Alegre, Distrito Federal, Belo Horizonte, Salvador e Recife. A escolha dessa fonte justifica-se por duas importantes razões: 1) constitui a base de dados sobre mercado de trabalho metropolitano mais longeva, e 2) possui a metodologia mais afeita a captar, de forma acurada, a heterogeneidade do mercado de trabalho brasileiro.

Deve-se ter que a taxa de desemprego, apesar de ter uma fórmula simples de duas variáveis, que é a razão entre desempregados e a população economicamente ativa (PEA), constitui uma resultante de outros dois fenômenos que reagem de formas diferentes às flutuações da atividade econômica: são eles o crescimento da ocupação (que, em geral, cresce com o PIB, dado o padrão tecnológico), e o crescimento da PEA, representando a entrada de pessoas no mercado de trabalho (que não obedece linearmente à lógica econômica, e é mais determinada por fatores demográficos, sendo o mais imperativo, o crescimento da população em idade ativa – PIA, pelo crescimento vegetativo da população, ou pela imigração). Se diferentes metodologias possuem conceitos diferentes de ocupação e da PEA, então por extensão, poderão ter taxas de desemprego distintas, com níveis diferentes, mas também com comportamentos distintos ao longo do tempo.

No item seguinte, apresenta-se uma breve descrição do comportamento do mercado de trabalho na década que antecedeu o período de análise desse texto. Os dados da PED da região metropolitana de São Paulo, única desse período, foram cruciais para desenhar o panorama do mercado de trabalho que antecedeu ao período de ênfase dessa investigação. No segundo item, propõe-se analisar o comportamento da PIA e da PEA, e no terceiro, é explicitada a dinâmica de crescimento ocupacional e o comportamento dos vários setores econômicos. A quarta parte, procura investigar, tanto qualitativa como quantitativamente, o segmento desempregado da PEA, utilizando da mesma periodização aplicada nas seções anteriores. Por fim, à guisa de conclusão, são feitas algumas reflexões sobre os resultados alcançados no item das considerações finais.

1. Antecedentes: o mercado de trabalho entre meados das décadas de 1980 e 1990

O surgimento da metodologia da Pesquisa de Emprego e Desemprego está vinculado

ao momento de crise econômica no início da década de 1980. Até então, sobretudo nas décadas anteriores de 1960 e 70, os pólos industriais, principalmente o da região metropolitana de São Paulo, vinham estruturando seu mercado de trabalho e absorvendo mais e mais contingentes migratórios de outras regiões do Brasil. A interrupção da dinâmica de crescimento vultoso de postos de trabalho pela crise econômica agravou um problema que era visto como marginal, qual seja, o crescimento do número de pessoas desempregadas, bem como o aumento da demora em se obter uma colocação¹.

Em decorrência disso, é nessa época que no Brasil se observa o surgimento de mais indicadores sobre o mercado de trabalho. Mas havia uma clara insatisfação da sociedade pelos dados oficiais, que ao adotar uma metodologia mais afeita a captar o fenômeno do desemprego nos países industrializados, de mercados de trabalho estruturados, acabava por indicar um desemprego baixo, flagrantemente contraditório com o que se intuía do estado de convulsão social decorrente do colapso econômico.

Da experiência pioneira da PPVE², foi desenvolvida a metodologia da PED, que além de captar o desemprego aberto, comparável a outros países centrais, procurava investigar formas “camufladas” de desemprego ao utilizar um conceito mais amplo de desocupação, que inclui o desemprego oculto pelo trabalho precário, e o desemprego oculto pelo desalento. O êxito de sua aplicação na Região Metropolitana de São Paulo, desde 1985, fez com que a metodologia da PED fosse reproduzida em outras áreas metropolitanas do país, principalmente a partir de meados da década de 1990, como é o caso da Grande Belo Horizonte, mas com experiências anteriores, como o Distrito Federal e a RM de Porto Alegre.

Passado o momento de ajustes econômicos mais dramáticos, entre 1981 e 1983, a economia brasileira esboçou reação nos anos seguintes, com impactos positivos sobre o

¹ A inflexão dos fluxos migratórios, entre as décadas de 1960 e 1990, mediante análise de dados censitários, sobretudo entre São Paulo e Minas Gerais é tratada por Carvalho et al. (2002)

² Em um dos artigos que discutia o emergente desafio do desemprego, no III Encontro Nacional da ABEP, em 1982, e que utilizou as informações da PPVE-DIEESE, apurava-se que “a força de trabalho desempregada” nos meses de abril a maio de 1981, representava 13,2% da população economicamente ativa na RMSP (BARELLI, TROYANO, 1982: 23). Pela PME-IBGE, em maio de 1982, o desemprego atingia apenas 5,4% da população economicamente ativa. Outro texto do período (TROYANO, MATTOSO, HOFFMANN, 1984) trata mais detidamente as diferenças metodológicas entre a PPVE-DIEESE, PED-SEADE/DIEESE e PME-FIBGE.

mercado de trabalho³. De fato, na segunda metade da década de 80, a taxa de desemprego total na Região Metropolitana de São Paulo experimentou intensa redução, passando dos 12,2% da força de trabalho em 1985, para os 8,7% identificados em 1989, pela Tabela 1. Essa recuperação, expressa na menor média anual alcançada na série histórica da PED RMSP, decorreu do notável crescimento da ocupação, que se elevando a ordem 3,5% a.a., superava o intenso ritmo de crescimento não apenas da população em idade ativa (2,2% a.a.), como também o da PEA (2,5% a.a.).

Tabela 1
Estimativas médias da população em idade ativa (PIA), população economicamente ativa (PEA), ocupados, desempregados inativos; e taxas de desemprego e de participação
Região Metropolitana de São Paulo, 1985-2005

Especificações	Anos					Variação anual média (em %)			
	1985	1989	1996	1999	2005	89/85	96/89	99/96	05/99
(Em mil pessoas)									
PIA.....	10.787	11.747	13.563	14.445	15.808	2,2	2,1	2,1	1,5
PEA.....	6.505	7.177	8.382	8.985	10.038	2,5	2,2	2,3	1,9
Ocupados.....	5.711	6.553	7.116	7.251	8.342	3,5	1,2	0,6	2,4
Desempregados.....	794	624	1.266	1.734	1.696	-5,8	10,6	11,1	-0,4
Inativos.....	4.282	4.570	5.181	5.460	5.770	1,6	1,8	1,8	0,9
(Em %)									
Taxa de participação.....	60,3	61,1	61,8	62,2	63,5	0,3	0,2	0,2	0,3
Taxa de desemprego total.....	12,2	8,7	15,1	19,3	16,9	-8,1	8,2	8,5	-2,2
Aberto.....	7,6	6,5	10,0	12,1	10,5	-3,8	6,3	6,6	-2,3
Oculto.....	4,6	2,2	5,1	7,2	6,4	-16,8	12,8	12,2	-1,9
Pelo Trabalho Precário.....	2,9	1,5	3,8	5,1	4,8	-15,2	14,2	10,3	-1,0
Pelo Desalento.....	1,7	0,7	1,3	2,1	1,5	-19,9	9,2	17,3	-5,5

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). IBGE, Censos Demográficos de 1980 e 1991. Nota: Estimativas de 1985 e 1989, feitas através interpolação intercensitária.

Ao final da década de 80, o problema do desemprego parecia estar equacionado, embora talvez, o mercado de trabalho demandasse pequenos ajustes para corrigir o aumento da informalidade ou mesmo a diminuição da renda dos trabalhadores⁴. Os eventos da década seguinte trataram de desmentir esse cenário promissor, uma vez que a taxa de desemprego da metrópole paulistana assumiu uma trajetória, quase linear, de crescimento, que resultou em patamares que avizinhavam aos 20,0% da PEA em 1999. A razão para esse comportamento, que corroborou a idéia de que os anos 90 foi um período de crise do mercado de trabalho, está relacionada, a dois fatores. De um lado, verificou-se uma baixa

³ Entre 1981 e 1985 o PIB brasileiro havia crescido apenas cerca de 1,3% a.a. Esse baixo crescimento decorreu, principalmente, dos anos de 1981 e 83, quando o PIB decaiu 4,3% e 2,9% e teve como contrapeso, o ano de 1985, com crescimento de 7,9%, o maior da década. No segundo período, de 1986 e 89, em que a PED já levantava as informações do mercado de trabalho da RMSP, a ligeira recuperação econômica traduziu-se no crescimento médio de 3,5% a. a. (IBGE/ SCN-Anual).

capacidade de geração de postos de trabalho, com crescimento de apenas 1,2%, a.a. entre 1990 e 1996, e de meros 0,6% a.a. até 1999, provavelmente como reflexo do baixo crescimento econômico⁵. De outro lado, o fato do crescimento da PEA ter se mantido elevado (de 2,2% a.a., entre 1990 e 96, e de 2,3% a.a., entre 1996 e 1999) agravou os efeitos da desaceleração do ritmo de geração de postos de trabalho sobre o desemprego⁶.

O texto a seguir busca analisar a evolução do mercado de trabalho entre meados da década de 90 e 2000, ou seja, o período que compreende os anos finais de crise do mercado de trabalho, e os primeiros anos de retomada, ainda que moderada, do ritmo de geração de postos de trabalho (Tabela 1). A partir desse momento, entretanto, a análise se faz com base mais ampla, ao se investigar o comportamento das seis regiões metropolitanas pesquisadas pela PED. Nesses últimos 10 anos, sobressai a sincronia com que evoluem as taxas de desemprego nas áreas metropolitanas analisadas (Gráfico 1). Tal fato sugere um padrão de comportamento, e que os mercados de trabalho locais se mantinham muito mais influenciados pela dinâmica das políticas econômicas nacionais que por determinantes regionais.

2. A população em idade ativa e economicamente ativa

O período analisado pelo presente estudo encerra um momento de inflexão na história da dinâmica populacional brasileira. A partir das décadas de 1980 e 90 assiste-se à desaceleração do movimento migratório quase secular das regiões mais rurais para os grandes centros industriais. Ao lado disso, deve-se considerar o fenômeno da redução da fecundidade, que se acentuou a partir das décadas de 1970 e 80, principalmente nesses centros. Tais movimentos, combinados, contribuíram para a redução do dinamismo do crescimento populacional e também do seu segmento em idade ativa (PIA) que se observa ao comparar as suas taxas de crescimento, no período de 1996 a 1999, em relação ao momento seguinte, de 99 a 2005.

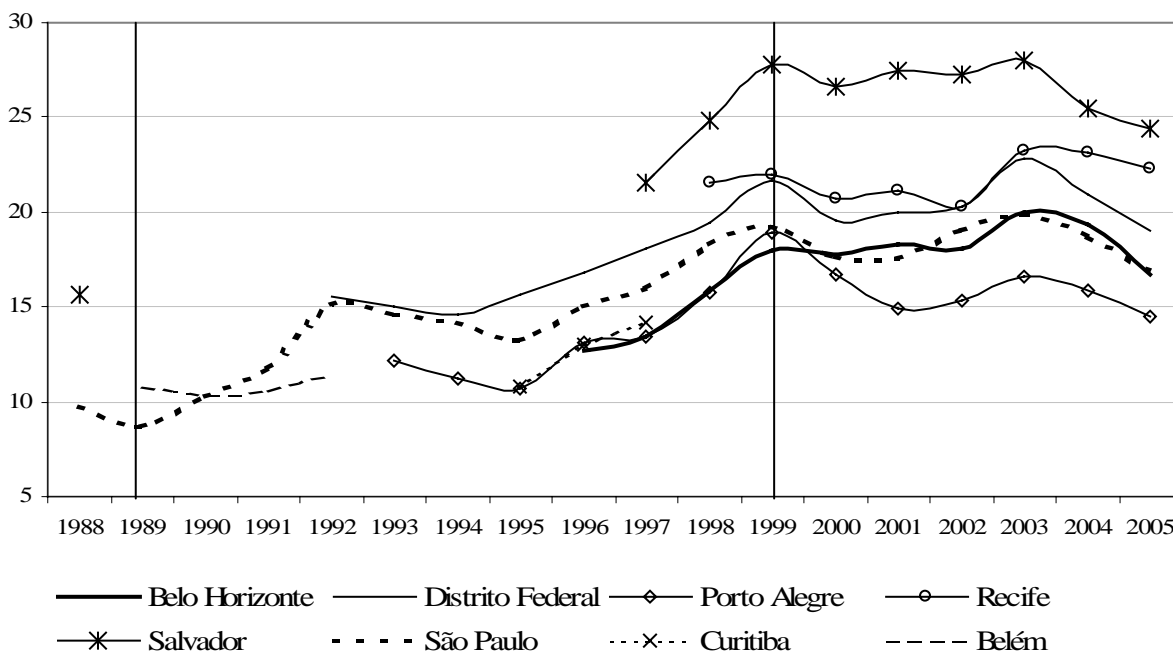
⁴ A questão da informalidade e a diminuição da renda dos trabalhadores na segunda metade da década de 1980 são tratadas, entre outros estudos, por Sabóia (1992).

⁵ Entre 1990 e 1996, o PIB cresceu apenas 1,9% ao ano, e entre 1997 a 1999, o crescimento foi ainda pior (1,4% a.a.) (IBGE/ SCN-Anual).

⁶ O segundo capítulo do livro *A situação do trabalho no Brasil*, do DIEESE (2001) é voltado para a análise da dinâmica do emprego e desemprego nas regiões metropolitanas analisadas pela PED, nos anos noventa, e conclui que “essa evolução desfavorável do desemprego é consequência de um medíocre crescimento, nessas regiões, dos níveis globais da ocupação, que não foram suficientes para atender o incremento das suas respectivas populações economicamente ativas” (DIEESE, 2001: 52).

Gráfico 1
Médias anuais das taxas de desemprego total
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal
1988-2005

(Em % da PEA)



Fonte dos dados básicos: DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

No total das áreas metropolitanas pesquisadas, a PIA, estimada em 26,7 milhões, em 1998, passou para 27,3 milhões de pessoas, em 1999, ao crescer a uma taxa de 2,4% (Tabela 2). A mesma taxa havia reduzido para uma média anual de 2,0%, entre 1999 e 2002, e para 1,9%, entre 2002 e 2005, o que resultou em uma PIA estimada de 30,7 milhões, em 2005. Nas regiões metropolitanas de São Paulo, Porto Alegre e Recife observou-se reduções sensíveis, ao longo do período, enquanto que as demais não apresentaram mudança considerável no ritmo de crescimento da PIA.

Tabela 2
Evolução da estimativa da PIA em anos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996, 1998, 1999, 2002 e 2005

Região Metropolitana e Distrito Federal	Anos selecionados					Variações em % ao ano			
	1996	1998	1999	2002	2005	98/96	99/98	02/99	05/02
Total	-	26.683	27.322	28.994	30.695	-	2,4	2,0	1,9
São Paulo	13.563	14.142	14.445	15.148	15.808	2,1	2,1	1,6	1,4
Distrito Federal	1.393	1.487	1.536	1.692	1.863	3,3	3,3	3,3	3,3
Porto Alegre	2.669	2.780	2.855	3.019	3.199	2,1	2,7	1,9	1,9
Belo Horizonte	3.111	3.295	3.391	3.683	3.991	2,9	2,9	2,8	2,7
Salvador	-	2.322	2.385	2.589	2.810	-	2,7	2,8	2,8
Recife	-	2.657	2.710	2.863	3.024	-	2,0	1,8	1,8

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego.

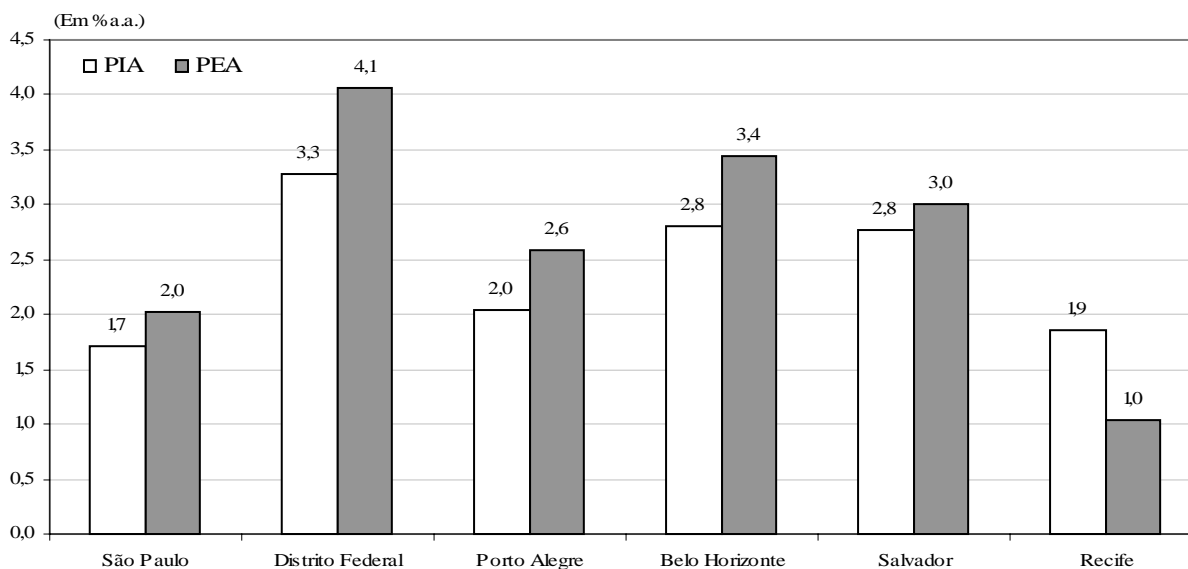
O segmento da PIA incorporado à força de trabalho, ou seja, a população economicamente ativa (PEA), estava estimada em 18,7 milhões de pessoas, no total das áreas metropolitanas analisadas, em 2005 (Tabela 3). Pelo Gráfico 2, observa-se que o crescimento da PEA revelou-se mais acentuado que o total da PIA, ao longo do período analisado, em todas as áreas metropolitanas, com a exceção de Recife, e com destaque para o Distrito Federal, onde a diferença entre as taxas de crescimento da PIA e da PEA foi mais evidente (3,3% a.a. e 4,1% a.a., respectivamente).

Tabela 3
Evolução da estimativa da PEA em anos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996, 1998, 1999, 2002 e 2005

Região Metropolitana e Distrito Federal	Anos selecionados					Variações em % ao ano			
	1996	1998	1999	2002	2005	98/96	99/98	02/99	05/02
Total	-	15.926	16.442	17.745	18.720	-	3,2	2,6	1,8
São Paulo	8.382	8.711	8.985	9.619	10.038	1,9	3,1	2,3	1,4
Distrito Federal	841	919	953	1.090	1.203	4,5	3,7	4,6	3,3
Porto Alegre	1.457	1.576	1.665	1.736	1.835	4,0	5,6	1,4	1,9
Belo Horizonte	1.764	1.898	1.940	2.166	2.391	3,7	2,2	3,7	3,3
Salvador	-	1.393	1.436	1.611	1.717	-	3,1	3,9	2,1
Recife	-	1.429	1.463	1.523	1.536	-	2,4	1,3	0,3

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego.

Gráfico 2
Taxas de crescimento da população em idade ativa e da população economicamente ativa
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal
1996(1)-2005



Fonte dos dados básicos: DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego. (Tabela 9).

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

O crescimento da PEA maior que da PIA, fenômeno verificado na maioria dos casos, sugere uma mudança de comportamento da população, com a ampliação do número relativo de seus componentes saindo da condição de inativos e ingressando no mercado de trabalho, ao longo do período. Nenhum dos atributos pessoais analisados pela PED proporciona melhor explicação para o maior envolvimento da população em idade ativa no mercado de trabalho do que o sexo. Pode-se observar para a maioria das áreas metropolitanas analisadas, que a taxa de participação, ou seja, a razão entre a PEA e a PIA, cresceu entre as mulheres e permaneceu relativamente estável, ou mesmo diminuiu, entre os homens. Entretanto, esse fenômeno atenuou-se nos últimos anos, e essa perda de fôlego do processo de inserção feminina no mercado de trabalho, e mesmo a evasão de homens do contingente de pessoas economicamente ativas podem estar relacionados com as tendências, tanto quantitativas, quanto qualitativas, da geração de postos de trabalho, que é o tema do próximo item.

3. A evolução do nível e da estrutura ocupacional e de rendimentos

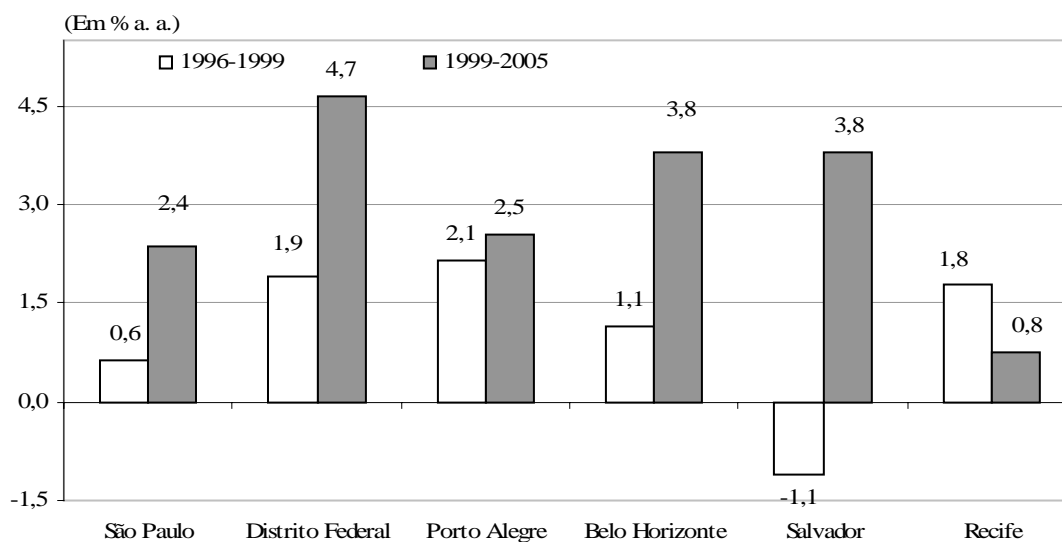
De modo geral, pode-se afirmar que o desempenho da ocupação entre meados da

década de 90 e 2005 foi desigual entre os anos e diferenciada entre as regiões pesquisadas pela PED, repercutindo sobre as características da estrutura ocupacional dessas regiões.

Em termos temporais observa-se que o ano de 1999 constitui-se um divisor de águas no desempenho da ocupação nas regiões metropolitanas brasileiras. A taxa de crescimento média anual do nível de ocupados avançou de maneira muito tímida até 1999 e se recuperou consideravelmente nos anos seguintes. Esse comportamento se verificou muito nitidamente em cinco das seis regiões pesquisadas pela PED; exceção a Região Metropolitana de Recife, em que pese o reduzido período com dados anterior a 1999 – uma vez que a pesquisa nessa região iniciou-se em 1998. (Gráfico 3)

Gráfico 3

**Taxa de crescimento média anual da ocupação, segundo períodos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996(1)-2005**



Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. (Tabela 9)

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

Como resultado da melhora de desempenho do crescimento ocupacional pós-1999, o contingente de ocupados estimado nas seis regiões investigadas pela PED, que era de 13,1 milhões em 1999, cresceu para 15,4 milhões em 2005. Contudo, o ritmo de crescimento da ocupação nesse período de crescimento do emprego metropolitano no Brasil não foi uniforme. Verifica-se que o crescimento absoluto e relativo da ocupação nos primeiros três anos que se seguiram a 1999 (até 2002) foram maiores aos três anos subsequentes (2003 até 2005), denotando uma gradual perda de dinamismo após um grande ímpeto inicial – que

também pode ser explicada pela demanda reprimida por trabalhadores no início de um ciclo econômico ou pelo efeito estatístico da base de análise deprimida. (Tabela 4)

Tabela 4
Evolução da estimativa dos ocupados em anos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996, 1998, 1999, 2002 e 2005

Região Metropolitana e Distrito Federal	Anos selecionados					Variações em % ao ano			
	1996	1998	1999	2002	2005	98/96	99/98	02/99	05/02
Total	-	12.952	13.113	14.284	15.369	-	1,2	2,9	2,5
São Paulo	7.116	7.126	7.251	7.791	8.342	0,1	1,8	2,4	2,3
Distrito Federal	701	739	742	864	975	2,7	0,4	5,2	4,1
Porto Alegre	1.266	1.325	1.349	1.470	1.569	2,3	1,8	2,9	2,2
Belo Horizonte	1.540	1.596	1.593	1.774	1.992	1,8	-0,2	3,7	3,9
Salvador	-	1.046	1.038	1.171	1.298	-	-0,8	4,1	3,5
Recife	-	1.120	1.140	1.214	1.193	-	1,8	2,1	-0,6

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. (ver Tabelas 12 e 13)

Outra característica que marcou as transformações dos mercados de trabalho metropolitanos brasileiros na década de 90 foi a fragilização da sua estrutura ocupacional. Esta fragilização está relacionada com a queda na capacidade de geração de emprego por parte do setor industrial (com o respectivo aumento da participação do setor de serviços), com o aumento de formas de contratação flexíveis e muitas vezes à margem da legislação trabalhista, além da importância dos trabalhos precários como alternativas ao desemprego. Como ver-se-á mais a frente, algumas dessas tendências foram estancadas ou revertidas a partir de 1999.

A queda do emprego na indústria está intimamente relacionada ao padrão de desenvolvimento e à forma de inserção internacional escolhidos pelo Brasil desde a década de 90. A adoção de medidas como a abertura comercial abrupta, taxas de juros elevadas, câmbio apreciado e redução do papel do Estado resultaram não só num débil e instável crescimento econômico – com rebatimentos no nível de emprego do mercado de trabalho – como também numa aceleração e intensificação da reestruturação tecnológica e organizacional das empresas. Esse movimento das empresas acabou por eliminar e/ou deslocar postos de trabalho, via racionalização, aumento da produtividade e intensificação do processo de terceirização, nas regiões mais industrializadas.

Como resultado do crescimento da ocupação e dos novos arranjos produtivos, não obstante o setor industrial não reduziu em termos absolutos o seu contingente de ocupados, ele perdeu participação na estrutura ocupacional setorial em cinco das seis regiões pesquisadas pela PED – salvo em Salvador, onde a participação se ampliou. As maiores

quedas de participação da indústria no emprego setorial ocorreram nas regiões metropolitanas mais industrializadas de São Paulo, de Belo Horizonte e de Porto Alegre – também no Distrito Federal observou-se a diminuição de participação da indústria porém, como a presença industrial nessa região é pequena, a movimentação não chegou a ser significativa. Na Região Metropolitana de São Paulo, entre os anos de 1996 e 2005, a indústria perdeu 3,0 pontos percentuais da sua participação no total das ocupações. Nesse mesmo período, o emprego industrial das regiões metropolitanas de Belo Horizonte e de Porto Alegre perdeu, respectivamente, 1,8 e 1,6 pontos percentuais de participação na ocupação total. No sentido oposto, o setor de serviços, que já era o principal responsável pela ocupação, ampliou sua participação em todas as regiões metropolitanas investigadas. (Tabela 5)

Tabela 5
Distribuição dos ocupados, segundo setor de atividade econômica
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996(1), 1999, 2002 e 2005

Especificações	São Paulo				Distrito Federal				Porto Alegre			
	1996	1999	2002	2005	1996	1999	2002	2005	1996	1999	2002	2005
Ocupados	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria.....	22,6	19,6	20,0	19,5	4,8	3,9	3,7	3,9	21,2	19,0	18,8	19,6
Comércio.....	17,2	16,1	16,1	16,1	14,6	14,5	15,4	16,1	16,7	16,9	16,1	17,1
Serviços.....	46,2	49,6	49,4	50,5	63,4	65,0	65,5	66,0	48,4	50,3	52,2	51,4
Construção civil.....	5,4	5,3	5,2	4,9	4,8	4,1	3,9	3,6	6,0	5,8	5,3	4,9
Serviços domésticos.....	8,1	8,9	8,6	8,6	11,6	11,6	10,4	9,6	7,3	7,6	7,2	6,6
Outros Setores.....	0,5	0,5	0,7	0,4	0,8	0,9	1,1	0,8	0,4	0,4	0,4	0,4

Especificações	Belo Horizonte				Salvador				Recife			
	1996	1999	2002	2005	1997	1999	2002	2005	1998	1999	2002	2005
Ocupados.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria.....	16,1	14,4	14,5	14,3	8,4	8,1	8,4	9,3	9,9	9,3	9,0	9,4
Comércio.....	15,1	15,0	15,4	15,6	17,9	15,9	16,3	16,1	20,7	21,5	20,4	19,4
Serviços.....	49,6	51,3	53,0	54,5	55,6	58,5	59,0	59,0	51,5	51,5	53,1	54,2
Construção civil.....	8,2	8,3	6,9	6,3	5,4	5,5	5,2	4,7	4,8	4,7	4,8	4,2
Serviços domésticos.....	10,0	10,1	9,5	8,9	10,8	10,4	10,1	9,4	9,7	9,6	9,0	9,1
Outros Setores.....	1,0	0,9	0,7	0,4	1,9	1,6	1,0	1,5	3,4	3,4	3,7	3,7

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego.

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

Contudo, o ritmo dessa tendência à desindustrialização em paralelo à crescente importância das ocupações no setor de serviços nos mercados de trabalho metropolitanos brasileiros não foi uniforme nessa última década. Mais uma vez, o ano de 1999 constitui-se em um marco analítico para essa mudança no ritmo. Até 1999, a taxa de crescimento média anual da ocupação industrial era mormente negativa e substancialmente menor ao incremento da participação do setor de serviços. Após 1999, ainda que persistisse a tendência de um melhor desempenho da ocupação nos serviços, a diferença entre os dois

ritmos de expansão aproximou-se consideravelmente (Tabela 6). Tal inflexão no comportamento tendencial da ocupação industrial guardou relação com a desvalorização cambial ocorrida em 1999 que resultou por uma relativa melhoria na competitividade internacional dos produtos brasileiros chamados de *tradebles* (comercializáveis), em que se enquadram os produtos industrializados.

Tabela 6
Taxa de crescimento média anual dos ocupados, por períodos selecionados, segundo setor de atividade econômica
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996(1)-2005

Especificações	São Paulo				Distrito Federal				Porto Alegre				(Em %)
	99/96	02/99	05/02	05/99	99/96	02/99	05/02	05/99	99/96	02/99	05/02	05/99	
Ocupados	0,6	2,4	2,3	2,4	1,9	5,2	4,1	4,7	2,1	2,9	2,2	2,5	
Indústria.....	-4,0	3,1	1,5	2,3	2,4	3,3	5,9	4,6	-1,5	2,7	3,5	3,1	
Comércio.....	-1,6	2,4	2,3	2,4	5,1	7,2	5,7	6,4	2,6	1,2	4,5	2,8	
Serviços.....	3,0	2,4	3,0	2,7	2,8	5,4	4,4	4,9	3,4	4,2	1,7	2,9	
Construção civil.....	0,0	1,8	0,3	1,1	-3,1	4,3	1,0	2,6	0,9	0,0	-0,4	-0,2	
Serviços domésticos.....	3,8	1,3	2,3	1,8	2,0	1,5	1,1	1,3	3,8	1,0	-1,0	0,0	
Outros Setores.....	1,8	7,3	-11,1	-2,3	-36,1	18,6	-3,5	7,0	0,0	-5,9	6,3	0,0	

Especificações	Belo Horizonte				Salvador				Recife			
	99/96	02/99	05/02	05/99	99/97	02/99	05/02	05/99	99/98	02/99	05/02	05/99
Ocupados	1,1	3,7	3,9	3,8	-1,1	4,1	3,5	3,8	1,8	2,1	-0,6	0,8
Indústria.....	-2,6	3,9	3,5	3,7	-2,8	5,3	7,3	6,3	-4,5	0,9	0,9	0,9
Comércio.....	0,9	4,5	4,4	4,5	-6,8	5,0	3,0	4,0	5,6	0,4	-2,3	-1,0
Serviços.....	2,3	4,8	4,9	4,9	1,4	4,4	3,5	4,0	1,7	3,2	0,1	1,6
Construção civil.....	1,6	-2,6	0,8	-0,9	0,0	2,3	0,0	1,1	0,0	2,4	-4,8	-1,3
Serviços domésticos.....	1,5	1,6	1,6	1,6	-3,1	3,0	1,1	2,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Outros Setores.....	0,0	-4,7	-14,9	-9,9	-7,8	-11,0	16,6	1,9	2,6	4,9	-0,7	2,0

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. (ver Tabela 14)

Nota: (1) Para a RMS é 1997 e para a RMR é 1998.

4. Evolução do desemprego

O recrudescimento do desemprego no período de 1996 a 1999, decorrente da dinâmica insuficiente de abertura de postos de trabalho, como visto acima, mostrou-se evidente em todas as áreas metropolitanas analisadas. Ficou explícito, nesse período, a incapacidade do mercado de trabalho em absorver os novos contingentes que ingressavam na força de trabalho. Somente entre 1998 e 1999, a população desempregada no conjunto das regiões metropolitanas analisadas pela PED cresceu 11,9%, ao passar de 2.975 para 3.328 mil pessoas (Tabela 7).

Tabela 7
Evolução da estimativa de desempregados em anos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996, 1998, 1999, 2002 e 2005

Região Metropolitana e Distrito Federal	Anos selecionados					Variações em % ao ano			
	1996	1998	1999	2002	2005	98/96	99/98	02/99	05/02
Total	-	2.975	3.328	3.461	3.351	-	11,9	1,3	-1,1
São Paulo	1.266	1.585	1.734	1.828	1.696	11,9	9,4	1,8	-2,5
Distrito Federal	140	181	210	226	228	13,7	16,0	2,5	0,3
Porto Alegre	191	251	316	266	266	14,6	25,9	-5,6	0,0
Belo Horizonte	224	302	347	392	399	16,1	14,9	4,1	0,6
Salvador	-	347	398	440	419	-	14,7	3,4	-1,6
Recife	-	309	323	309	343	-	4,5	-1,5	3,5

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. (ver Tabelas 12 e 13)

No período seguinte, entre 1999 e 2005, a elevação do ritmo de crescimento das ocupações, combinada com a diminuição da velocidade em que a PEA crescia, fez com que se reduzisse o vigor do crescimento da população desempregada em todas as áreas metropolitanas analisadas. No total das regiões, a PEA desempregada havia crescido apenas 1,3% a.a., entre 1999 e 2002, sendo que no período mais recente, observou-se redução absoluta desse contingente, uma vez que a taxa de crescimento foi negativa (1,1% a.a.), ao passar de 3.461 para 3.351 mil pessoas.

Analisando a taxa de desemprego total, que é a relação entre o número de desempregados e o total da PEA, pelo Gráfico 4, os anos finais de crise do mercado de trabalho, entre 1996 e 1999, elevaram acentuadamente as taxas de desemprego. Na RM de Salvador, onde o problema do desemprego mostrou-se mais crônico, a taxa de desemprego, que era de 21,6%, em 1997, saltou para 27,7% em apenas dois anos. Por seu turno, a RM de Belo Horizonte, mesmo apresentando uma das menores taxas de desemprego das regiões pesquisadas, não teve desempenho melhor, uma vez que esse indicador evoluiu de 12,7%, para 19,0% da PEA, no mesmo período. Em outras palavras, aproximadamente uma em cada cinco pessoas inseridas na força de trabalho estava desempregada, nas regiões pesquisadas, em 1999.

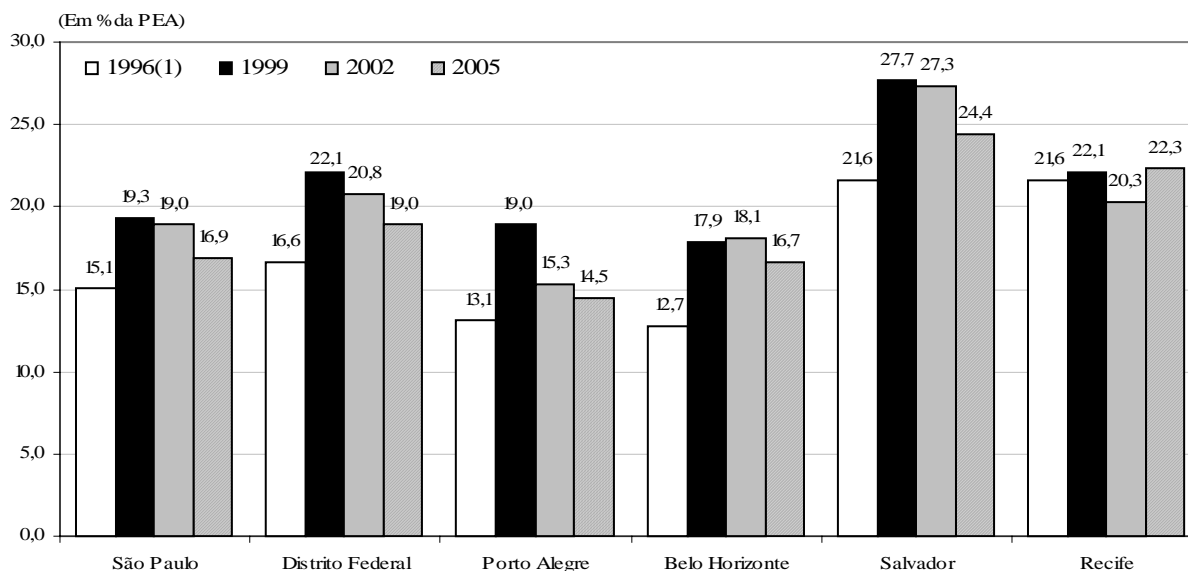
Os desdobramentos da economia sobre a mercado de trabalho e as tendências demográficas aventados por esse estudo determinaram uma trajetória descendente da taxa de desemprego pós-1999. Deve-se ressaltar, entretanto, que até 2005, nenhuma das áreas pesquisadas apresentaram taxas de desemprego menores do que possuíam há 10 anos atrás. Na RM de Porto Alegre, onde a redução da taxa mostrou-se mais precoce e visível, já em

2002, ao reduzir de 19,0%, em 1999, para 15,3%, naquele ano, apresentou uma taxa de desemprego de 14,5% da PEA, em 2005; nível superior aos 13,1% apontados em 1996.

Gráfico 4

Taxas de desemprego total em anos selecionados

Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996(1), 1999, 2002 e 2005



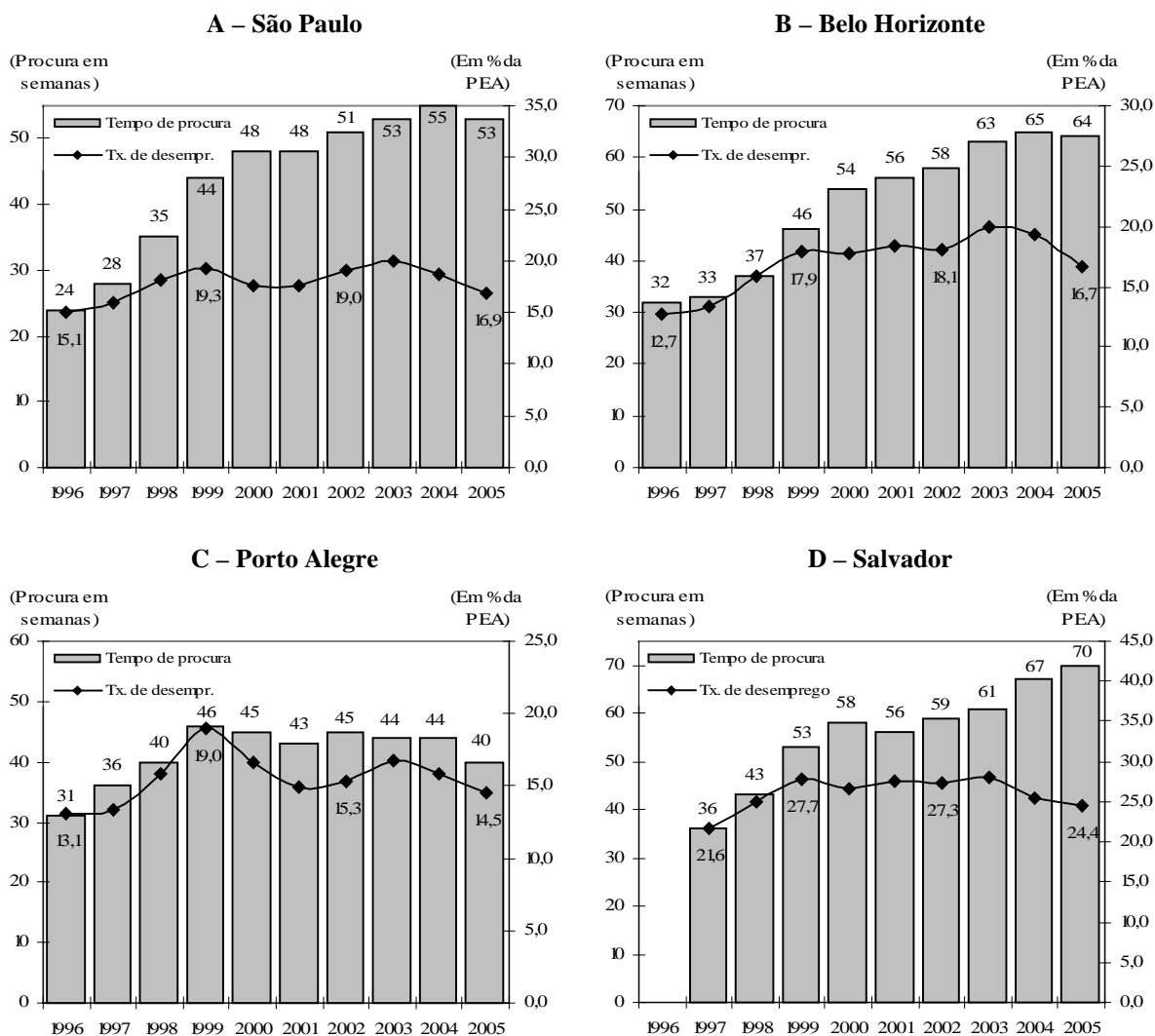
Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. Nota: (1) para a RMS o primeiro ano é 1997 e para a RMR, é de 1998.

Em relação ao tipo de desemprego, no período de crise do mercado de trabalho, entre 1996 e 1999, o desemprego assumiu características distintas nas regiões metropolitanas analisadas. Na região metropolitana de Belo Horizonte e no Distrito Federal o desemprego aberto havia crescido com maior intensidade (Tabela 9). Na maioria dos casos analisados, entretanto, ou seja, nas regiões metropolitanas de São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife o aumento do desemprego incidiu mais no seu componente oculto, tanto no desemprego oculto pelo desalento, como no oculto pelo trabalho precário, sugerindo um quadro de maior precarização da situação de desemprego.

No período subsequente, entre 1999 e 2005, com a exceção da RM de São Paulo e do Distrito Federal, a redução do desemprego incidiu exatamente naquelas situações de desemprego que mais tinham se agravado no final da década de 1990. Assim a taxa de desemprego oculto, que tinha crescido mais na Grande Porto Alegre do que o desemprego aberto (19,9% a.a. e 10,0% a.a., respectivamente) entre 1996 e 1999, foi também a taxa de desemprego que mais retraiu (7,9% a.a.), entre 2000 e 2005, refletindo o decréscimo, em especial, do desemprego oculto pelo trabalho precário (8,1% a.a.). (Tabela 9).

A redução mais acentuada da taxa de desemprego oculto que o aberto em quatro das seis regiões pesquisadas é um indício da melhora do mercado de trabalho, uma vez que as formas ocultas de desemprego se associam às inserções mais vulneráveis na força de trabalho. Um outro importante indicador para a análise da qualidade do desemprego, contudo, é o tempo de procura dos desempregados (Gráfico 5).

**Gráfico 5 - Evolução do tempo de procura e da taxa de desemprego total
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 1996(1)-2005**



Fonte dos dados básicos: DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

No período anterior, até 1999, tempo médio de procura e taxa de desemprego cresciam em ritmos semelhantes, o que sugeria a relação causal entre ambas variáveis. A partir de então, a evolução expansiva do tempo de procura passou a adquirir certa

autonomia, em relação ao comportamento da taxa de desemprego. Dessa forma, mesmo que as taxas de desemprego estejam tendendo para os níveis próximos dos apresentados no início do período estudado, a natureza do desemprego degenerou-se, e adotou um perfil de longa duração⁷. Mesmo na RM de Porto Alegre, onde esse fenômeno é menos visível, o tempo de procura cresceu 29,0%, ao variar de 31 para 40 semanas, contra 10,7% de aumento da taxa de desemprego total, entre 1996 e 2005. Na Grande São Paulo, que apresenta a mudança o desemprego de forma mais nítida, o tempo de procura dos desempregados mais que duplicou, ao passar de 24 para 53 semanas, entre 1996 e 2005, enquanto a taxa de desemprego havia crescido 11,9%.

Considerações finais

O cenário de um mercado de trabalho sem o problema do desemprego, que se estava desenhando ao final da década de 1980 foi drasticamente abortado e substituído por uma realidade mais árida para os trabalhadores, e marcada pela escalada do desemprego e, de uma forma geral, pela precarização do mercado de trabalho.

Logo nos primeiros anos da década de 1990, a desaceleração da atividade econômica rebateu de forma deletéria sobre um mercado de trabalho em franca expansão, com uma população economicamente ativa que crescia não só pela rápida dinâmica demográfica, mas também pelas mudanças comportamentais de nossa sociedade, em que se deve destacar o processo de emancipação feminina, refletido, por sua vez, nos aumentos consistentes das taxas de participação das mulheres *vis-à-vis* a manutenção das dos homens.

No primeiro período que esse trabalho enfoca, que é compreendido entre os anos de 1996 e 1999, essas tendências, com destaque para o baixo crescimento ocupacional, agudizaram e levaram as taxas de desemprego para níveis sem precedentes na história brasileira. Além da incapacidade de crescimento, deve-se enfatizar a redução da qualidade dos postos de trabalho gerados e a redução de rendimento. Três fenômenos manifestaram-se de forma exuberante nessa fase: 1) a desindustrialização, pela redução de postos de trabalho na indústria; 2) a terciarização, pelo inchaço do setor de serviços, notadamente naqueles ramos que comportavam relações vulneráveis de trabalho, como os pessoais; e 3) a terceirização e flexibilização das relações de trabalho, pelo aumento absoluto e relativo de

⁷ Uma análise mais pormenorizada da evolução do tempo de procura no período recente, inclusive por atributos pessoais dos desempregados, é encontrada em Rodarte e Braga (2005).

postos de trabalho assalariados por subcontratação, aumento dos autônomos que trabalhavam para empresas e pelo incremento de assalariados sem carteira de trabalho que trabalhavam tanto para o setor privado, quanto para o público.

A evolução medíocre da ocupação tal como caracterizou o mercado de trabalho metropolitano nos anos 90 é em grande medida revertida a partir de 1999, quando a ocupação cresceu a taxas substancialmente maiores que no período anterior. A tendência de fragilização da estrutura ocupacional que marcou a década de 90 sofreu, senão uma reversão, pelo menos um estancamento em seu ritmo de aprofundamento⁸. Não obstante o processo de desindustrialização ter prosseguido, o ritmo dessa transformação se atenuou consideravelmente a partir de 1999.

A retomada do ritmo de crescimento das oportunidades de trabalho e a retração do crescimento da PEA, no período pós-1999, e particularmente nos últimos três anos interromperam a trajetória de elevação do desemprego que marcou a década de 1990, embora os dados mais recentes não mostrem ainda níveis ainda inferiores aos apresentados em meados da década anterior. Apesar de se ter assistido a uma redução mais expressiva do componente oculto do desemprego, o que sugere mitigação da precariedade dessa condição, por definição, vulnerável, o tempo de procura dos desempregados manteve-se elevado o que aponta para uma transmutação da natureza do desemprego, de curta, para de longa duração.

A gravidade desse diagnóstico deve ser apontada em dois aspectos. O primeiro refere-se à “queima de capital humano”, pois o maior tempo de afastamento da profissão reduz gradativamente as aptidões e a destreza pela força do esquecimento e da falta do exercício diário da profissão, além da desatualização das eventuais inovações, por estar alijado do ambiente de trabalho. O segundo aspecto é mais dramático, e foi ressaltado por Fernandes (2002): à medida que prolonga o tempo de procura, vão se exaurindo as fontes próprias de sobrevivência do desempregado. Diante desse fato, torna-se ainda mais evidente a inadequação dos escassos mecanismos de proteção social, como o seguro desemprego, que

⁸ Essa visão é compartilhada por Carlos Ramos, que analisando o mercado de trabalho metropolitano com dados da PME-FIBGE, entre 1990 e 2002, apontou quebra da curva de crescimento do emprego formal, em 1999, e concluiu que “Uma atenta leitura do acontecido nos anos 1990 nos induz a pensar que o pessimismo das elasticidades, muito usual nesses anos, deve ser visto com cautela” (RAMOS, 2003: 14). O trabalho de Chahad (2003), com dados da PED, entretanto, não identifica melhoras no mercado de trabalho após a

além de cobrir apenas parte dos desempregados, possuem tempo de abrangência relativamente pequeno, se comparado às recentes estatísticas de tempo médio de procura.

Referências bibliográficas

- BARELLI, Walter, TROYANO, Annez Andraus. Pesquisa de Padrão de Vida e Emprego na Região Metropolitana de São Paulo: População Economicamente Ativa e Situação Ocupacional. In III Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1982, **Anais... ABEP**, 1982, v. 1, p. 11-29.
- CARVALHO, José A. M.; BRITO, Fausto; RIBEIRO, José; RIGOTTI, José. Minas Gerais, uma nova região de atração populacional? In: **20 anos do Seminário sobre a Economia Mineira – 1982-2002: Coletânea de trabalhos, 1982-2002**. Belo Horizonte: UFMG/FACE/CEDEPLAR, 2002, v. 3, p. 239-262.
- CHAHAD, José P. Z. Tendências recentes no mercado de trabalho: pesquisa de emprego e desemprego. In: **São Paulo em perspectiva**. São Paulo: SEADE. 17(3-4), 2003, p. 205-217.
- DIEESE. **A situação do trabalho no Brasil**. São Paulo: DIEESE, 2001.
- FERNANDES, R. . Estratégias de Sobrevivência do Trabalhador Desempregado. In: Chahad, J. P. Z.; Picchetti, P. (Org.). **Mercado de Trabalho no Brasil: Padrões de Comportamento e Transformações Institucionais**. São Paulo, 2002.
- MORETTO, Amilton; KREIN, José D. O crescimento da formalização do emprego: Como explicá-la? In: IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho, 2005, Recife-PE. **Anais... 2005**.
- RAMOS, Carlos A. O emprego nos anos 1990: O regime macroeconômico importa?. In **Mercado de Trabalho – Conjuntura e Análise**. N° 22. Rio de Janeiro: IPEA. Novembro de 2003. p. 11-14.
- RODARTE, Mario M. S.; BRAGA, Thaiz S. Tendências recentes do mercado de trabalho no Brasil a partir da Pesquisa de Emprego e Desemprego(PED). In: DIEESE. (Org.). **O trabalho no setor terciário: emprego e desenvolvimento tecnológico**. Campinas e São Paulo, 2005, v. 8.
- SABÓIA, João. Emprego, renda e pobreza no Brasil na década de oitenta – transformações conjunturais e estruturais. In: **Força de trabalho e emprego**. Salvador, v. 9, n. 1, p. 3-9, Jan./Abr. 1992.
- TROYANO, Annez A.; MATTOSO, Jorge E. L.; HOFFMANN, Marise P. O Emprego: Dimensões da Crise. In IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, out/1984, **Anais... Águas de São Pedro**, São Paulo: ABEP, 1984, v. 3, p. 1383-1413.

desvalorização do câmbio de 1999, provavelmente por se ater à região metropolitana de São Paulo, que teve uma recuperação mais lenta que na maioria das demais regiões metropolitanas, nos últimos anos.

Anexo estatístico

Tabela 8
Estimativas médias da população em idade ativa, população economicamente ativa e inativos; e
taxas de desemprego e participação
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 1996(1)-2005

Especificações	São Paulo				Distrito Federal				Porto Alegre			
	1996	1999	2002	2005	1996	1999	2002	2005	1996	1999	2002	2005
(Em mil pessoas)												
PIA.....	13.563	14.445	15.148	15.808	1.393	1.536	1.692	1.863	2.669	2.855	3.019	3.199
PEA.....	8.382	8.985	9.619	10.038	841	953	1.090	1.203	1.457	1.665	1.736	1.835
Ocupados.....	7.116	7.251	7.791	8.342	701	742	864	975	1.266	1.349	1.470	1.569
Desempregados.....	1.266	1.734	1.828	1.696	140	210	226	228	191	316	266	266
Inativos.....	5.181	5.460	5.529	5.770	552	583	602	660	1.212	1.190	1.283	1.364
(Em %)												
Taxa de participação.....	61,8	62,2	63,5	63,5	60,4	62,0	64,4	64,6	54,6	58,3	57,5	57,4
Taxa de desemprego total.....	15,1	19,3	19,0	16,9	16,6	22,1	20,8	19,0	13,1	19,0	15,3	14,5
Aberto.....	10,0	12,1	12,1	10,5	10,8	14,4	12,9	12,4	9,1	12,1	10,0	10,3
Oculto.....	5,1	7,2	6,9	6,4	5,9	7,7	7,9	6,5	4,0	6,9	5,3	4,2
Pelo Trabalho Precário.....	3,8	5,1	4,9	4,8	3,2	4,3	4,2	3,6	3,0	4,8	3,4	2,9
Pelo Desalento.....	1,3	2,1	2,0	1,5	2,7	3,3	3,6	3,0	1,0	2,1	1,9	1,3

Especificações	Belo Horizonte				Salvador				Recife			
	1996	1999	2002	2005	1997	1999	2002	2005	1998	1999	2002	2005
(Em mil pessoas)												
PIA.....	3.111	3.391	3.683	3.991	2.260	2.385	2.589	2.810	2.657	2.710	2.863	3.024
PEA.....	1.764	1.940	2.166	2.391	1.354	1.436	1.611	1.717	1.429	1.463	1.523	1.536
Ocupados.....	1.540	1.593	1.774	1.992	1.061	1.038	1.171	1.298	1.120	1.140	1.214	1.193
Desempregados.....	224	347	392	399	293	398	440	419	309	323	309	343
Inativos.....	1.347	1.451	1.517	1.600	906	949	978	1.093	1.228	1.247	1.340	1.488
(Em %)												
Taxa de participação.....	56,7	57,2	58,8	59,9	59,9	60,2	62,2	61,1	53,8	54,0	53,2	50,8
Taxa de desemprego total.....	12,7	17,9	18,1	16,7	21,6	27,7	27,3	24,4	21,6	22,1	20,3	22,3
Aberto.....	7,8	11,8	11,5	10,7	12,4	15,6	16,3	14,2	11,8	11,8	11,2	14,0
Oculto.....	4,9	6,1	6,6	6,0	9,2	12,1	11,0	10,2	9,8	10,3	9,1	8,3
Pelo Trabalho Precário.....	3,3	4,3	4,1	3,2	6,0	8,4	7,8	7,4	5,3	5,9	4,7	4,3
Pelo Desalento.....	1,6	1,8	2,5	2,8	3,2	3,7	3,2	2,8	4,5	4,4	4,4	4,0

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

Tabela 9
Taxas de crescimento da população em idade ativa, população economicamente ativa e inativos; e das
taxas de desemprego e participação
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 1996(1)-2005

(Em % a.a.)

Especificações	São Paulo				Distrito Federal				Porto Alegre			
	99/96	02/99	05/02	05/99	99/96	02/99	05/02	05/99	99/96	02/99	05/02	05/99
PIA.....	2,1	1,6	1,4	1,5	3,3	3,3	3,3	3,3	2,3	1,9	1,9	1,9
PEA.....	2,3	2,3	1,4	1,9	4,3	4,6	3,3	4,0	4,5	1,4	1,9	1,6
Ocupados.....	0,6	2,4	2,3	2,4	1,9	5,2	4,1	4,7	2,1	2,9	2,2	2,5
Desempregados.....	11,1	1,8	-2,5	-0,4	14,5	2,5	0,3	1,4	18,3	-5,6	0,0	-2,8
Inativos.....	1,8	0,4	1,4	0,9	1,8	1,1	3,1	2,1	-0,6	2,5	2,1	2,3
Taxa de participação.....	0,2	0,7	0,0	0,3	0,9	1,3	0,1	0,7	2,2	-0,5	-0,1	-0,3
Taxa de desemprego total.....	8,5	-0,5	-3,8	-2,2	10,0	-2,0	-3,0	-2,5	13,2	-7,0	-1,8	-4,4
Aberto.....	6,6	0,0	-4,6	-2,3	10,1	-3,6	-1,3	-2,5	10,0	-6,2	1,0	-2,6
Oculto.....	12,2	-1,4	-2,5	-1,9	9,3	0,9	-6,3	-2,8	19,9	-8,4	-7,5	-7,9
Pelo Trabalho Precário.....	10,3	-1,3	-0,7	-1,0	10,4	-0,8	-5,0	-2,9	17,0	-10,9	-5,2	-8,1
Pelo Desalento.....	17,3	-1,6	-9,1	-5,5	6,9	2,9	-5,9	-1,6	28,1	-3,3	-11,9	-7,7

Especificações	Belo Horizonte				Salvador				Recife			
	99/96	02/99	05/02	05/99	99/97	02/99	05/02	05/99	99/98	02/99	05/02	05/99
PIA.....	2,9	2,8	2,7	2,8	2,7	2,8	2,8	2,8	2,0	1,8	1,8	1,8
PEA.....	3,2	3,7	3,3	3,5	3,0	3,9	2,1	3,0	2,4	1,3	0,3	0,8
Ocupados.....	1,1	3,7	3,9	3,8	-1,1	4,1	3,5	3,8	1,8	2,1	-0,6	0,8
Desempregados.....	15,7	4,1	0,6	2,4	16,5	3,4	-1,6	0,9	4,5	-1,5	3,5	1,0
Inativos.....	2,5	1,5	1,8	1,6	2,3	1,0	3,8	2,4	1,5	2,4	3,6	3,0
Taxa de participação.....	0,3	0,9	0,6	0,8	0,3	1,1	-0,6	0,2	0,4	-0,5	-1,5	-1,0
Taxa de desemprego total.....	12,1	0,4	-2,6	-1,1	13,2	-0,5	-3,7	-2,1	2,3	-2,8	3,2	0,2
Aberto.....	14,8	-0,9	-2,4	-1,6	12,2	1,5	-4,5	-1,6	0,0	-1,7	7,7	2,9
Oculto.....	7,6	2,7	-3,1	-0,3	14,7	-3,1	-2,5	-2,8	5,1	-4,0	-3,0	-3,5
Pelo Trabalho Precário.....	9,2	-1,6	-7,9	-4,8	18,3	-2,4	-1,7	-2,1	11,3	-7,3	-2,9	-5,1
Pelo Desalento.....	4,0	11,6	3,8	7,6	7,5	-4,7	-4,4	-4,5	-2,2	0,0	-3,1	-1,6

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

Evolução do mercado de trabalho metropolitano entre meados das décadas de 1990 e 2000

Mario Marcos Sampaio Rodarte**
Eduardo Miguel Schneider***

Resumo:

O presente trabalho busca analisar a evolução do mercado de trabalho metropolitano brasileiro nos últimos 10 anos. Observou-se que numa primeira fase, até o ano de 1999, o desemprego cresceu expressivamente, tendo, na seqüência um movimento de relativa estabilidade, ou mesmo de redução da taxa de desemprego. Constatou, na primeira fase, que a escalada do desemprego foi um reflexo do acentuado crescimento da população economicamente ativa combinado com um pífio crescimento ocupacional. No segundo momento, a partir de 1999, os ritmos dessas duas variáveis inverteram-se, contendo, assim, o aumento do desemprego. Além disso, constatou-se uma inflexão qualitativa das ocupações, com a informalidade cedendo espaço para uma relativa melhora da qualidade dos postos de trabalho gerados, nos últimos anos.

Palavras-chave: mercado de trabalho, desemprego, região metropolitana

Evolution of the Brazilian metropolitan labour market among middles of the decades of 1990 and 2000

Abstract:

The aim of this article is the analysis of the evolution of the Brazilian metropolitan labour market in the last 10 years. It was observed that in a first phase, until the year of 1999, the unemployment increased, but in the second phase, there was stability or reduction of the unemployment rate. In the first phase, the growth of the unemployment was a reflex of the high growth of the work force combined with a low occupational growth. In the second moment, starting from 1999, the rhythms of those two variables were inverted, containing the increase of the unemployment. Besides, a qualitative inflection of the occupations was verified, once that the employment quality got better, in the last years.

Key-words: labour market, unemployment, metropolitan area.

Endereço para correspondência:

Av. Bias Fortes, 1150, apto. 42. Bairro Lourdes. CEP: 30.175-010. Belo Horizonte-MG.

Email: mrodarte@cedeplar.ufmg.br

** Doutorando em Demografia pelo Cedeplar/UFMG, com bolsa CNPq, e mestre em Economia (Cedeplar/UFMG). Foi coordenador da PED-RMS (2000-2002) e da PED-RMBH (2002-2005), pelo DIEESE. E-mail: mrodarte@cedeplar.ufmg.br.

*** Economista pela UFRGS, especialista em gestão pública participativa pela UERGS e coordenador da PED-RMPA. E-mail: ems@portoweb.com.br.

Evolução do mercado de trabalho metropolitano entre meados das décadas de 1990 e 2000*

Mario Marcos Sampaio Rodarte^{**}
Eduardo Miguel Schneider^{***}

Introdução

O presente trabalho busca analisar a evolução do mercado de trabalho metropolitano brasileiro nos últimos 10 anos. Cumprir semelhante objetivo encontra desafios devido à grande heterogeneidade desse relativamente curto espaço de tempo. Tomando a taxa de desemprego, principal índice que mensura o comportamento conjuntural do mercado de trabalho, observa-se diferentes tendências ao longo do período que se objetiva estudar. Após o período de rápida elevação, entre meados da década de 90 até 1999, o desemprego estabilizou-se, flutuando em torno de um patamar elevado, e em seguida, ensaiando uma tendência de recuo, ao final do período.

O que se pretende fazer é periodizar o passado recente, tomando os anos de 1996, 1999, 2002 e 2005 como anos chaves, e em seguida, decompor os fatores que resultam na taxa de desemprego, de um lado, o exame da dinâmica do crescimento da população economicamente ativa (PEA), e de outro lado, a evolução do crescimento dos postos de trabalho. O principal objetivo, com esse estudo, além de apontar períodos distintos do mercado de trabalho, é aventar os principais causadores dos movimentos que caracterizam cada um dos períodos, tanto pela evolução do nível ocupacional, quanto pelo comportamento da PEA.

* Os autores agradecem o empenho da equipe técnica do DIEESE/PED no levantamento de dados utilizados nesse trabalho, e em especial, a Ana Paula Queiroz Sperotto (estatística pela UFRGS e técnica do DIEESE na PED-RMPOA) e ao Edgard Rodrigues Fusaro (estatístico pela USP, e técnico do DIEESE da PED-RMSP). Várias das idéias contidas nesse estudo emergiram das discussões com Lúcia Santos Garcia (PED-RMPOA) e Marise Hoffmann (PED-RMSP), a quem os autores mostram-se gratos, inclusive pela leitura crítica do texto. Naturalmente, os mesmos se responsabilizam por quaisquer incorreções que, porventura, tenham restado.

** Doutorando em Demografia pelo Cedeplar/UFMG, com bolsa CNPq, e mestre em Economia (Cedeplar/UFMG). Foi coordenador da PED-RMS (2000-2002) e da PED-RMBH (2002-2005), pelo DIEESE. E-mail: mrodarte@cedeplar.ufmg.br.

*** Economista pela UFRGS, especialista em gestão pública participativa pela UERGS e coordenador da PED-RMPA. E-mail: ems@portoweb.com.br.

A fonte privilegiada para a análise desse período é a PED, Pesquisa de Emprego e Desemprego, de metodologia do DIEESE/SEADE, que é desenvolvida atualmente em seis importantes áreas metropolitanas do Brasil: São Paulo, Porto Alegre, Distrito Federal, Belo Horizonte, Salvador e Recife. A escolha dessa fonte justifica-se por duas importantes razões: 1) constitui a base de dados sobre mercado de trabalho metropolitano mais longeva, e 2) possui a metodologia mais afeita a captar, de forma acurada, a heterogeneidade do mercado de trabalho brasileiro.

Deve-se ter que a taxa de desemprego, apesar de ter uma fórmula simples de duas variáveis, que é a razão entre desempregados e a população economicamente ativa (PEA), constitui uma resultante de outros dois fenômenos que reagem de formas diferentes às flutuações da atividade econômica: são eles o crescimento da ocupação (que, em geral, cresce com o PIB, dado o padrão tecnológico), e o crescimento da PEA, representando a entrada de pessoas no mercado de trabalho (que não obedece linearmente à lógica econômica, e é mais determinada por fatores demográficos, sendo o mais imperativo, o crescimento da população em idade ativa – PIA, pelo crescimento vegetativo da população, ou pela imigração). Se diferentes metodologias possuem conceitos diferentes de ocupação e da PEA, então por extensão, poderão ter taxas de desemprego distintas, com níveis diferentes, mas também com comportamentos distintos ao longo do tempo.

No item seguinte, apresenta-se uma breve descrição do comportamento do mercado de trabalho na década que antecedeu o período de análise desse texto. Os dados da PED da região metropolitana de São Paulo, única desse período, foram cruciais para desenhar o panorama do mercado de trabalho que antecedeu ao período de ênfase dessa investigação. No segundo item, propõe-se analisar o comportamento da PIA e da PEA, e no terceiro, é explicitada a dinâmica de crescimento ocupacional e o comportamento dos vários setores econômicos. A quarta parte, procura investigar, tanto qualitativa como quantitativamente, o segmento desempregado da PEA, utilizando da mesma periodização aplicada nas seções anteriores. Por fim, à guisa de conclusão, são feitas algumas reflexões sobre os resultados alcançados no item das considerações finais.

1. Antecedentes: o mercado de trabalho entre meados das décadas de 1980 e 1990

O surgimento da metodologia da Pesquisa de Emprego e Desemprego está vinculado

ao momento de crise econômica no início da década de 1980. Até então, sobretudo nas décadas anteriores de 1960 e 70, os pólos industriais, principalmente o da região metropolitana de São Paulo, vinham estruturando seu mercado de trabalho e absorvendo mais e mais contingentes migratórios de outras regiões do Brasil. A interrupção da dinâmica de crescimento vultoso de postos de trabalho pela crise econômica agravou um problema que era visto como marginal, qual seja, o crescimento do número de pessoas desempregadas, bem como o aumento da demora em se obter uma colocação¹.

Em decorrência disso, é nessa época que no Brasil se observa o surgimento de mais indicadores sobre o mercado de trabalho. Mas havia uma clara insatisfação da sociedade pelos dados oficiais, que ao adotar uma metodologia mais afeita a captar o fenômeno do desemprego nos países industrializados, de mercados de trabalho estruturados, acabava por indicar um desemprego baixo, flagrantemente contraditório com o que se intuía do estado de convulsão social decorrente do colapso econômico.

Da experiência pioneira da PPVE², foi desenvolvida a metodologia da PED, que além de captar o desemprego aberto, comparável a outros países centrais, procurava investigar formas “camufladas” de desemprego ao utilizar um conceito mais amplo de desocupação, que inclui o desemprego oculto pelo trabalho precário, e o desemprego oculto pelo desalento. O êxito de sua aplicação na Região Metropolitana de São Paulo, desde 1985, fez com que a metodologia da PED fosse reproduzida em outras áreas metropolitanas do país, principalmente a partir de meados da década de 1990, como é o caso da Grande Belo Horizonte, mas com experiências anteriores, como o Distrito Federal e a RM de Porto Alegre.

Passado o momento de ajustes econômicos mais dramáticos, entre 1981 e 1983, a economia brasileira esboçou reação nos anos seguintes, com impactos positivos sobre o

¹ A inflexão dos fluxos migratórios, entre as décadas de 1960 e 1990, mediante análise de dados censitários, sobretudo entre São Paulo e Minas Gerais é tratada por Carvalho et al. (2002)

² Em um dos artigos que discutia o emergente desafio do desemprego, no III Encontro Nacional da ABEP, em 1982, e que utilizou as informações da PPVE-DIEESE, apurava-se que “a força de trabalho desempregada” nos meses de abril a maio de 1981, representava 13,2% da população economicamente ativa na RMSP (BARELLI, TROYANO, 1982: 23). Pela PME-IBGE, em maio de 1982, o desemprego atingia apenas 5,4% da população economicamente ativa. Outro texto do período (TROYANO, MATTOSO, HOFFMANN, 1984) trata mais detidamente as diferenças metodológicas entre a PPVE-DIEESE, PED-SEADE/DIEESE e PME-FIBGE.

mercado de trabalho³. De fato, na segunda metade da década de 80, a taxa de desemprego total na Região Metropolitana de São Paulo experimentou intensa redução, passando dos 12,2% da força de trabalho em 1985, para os 8,7% identificados em 1989, pela Tabela 1. Essa recuperação, expressa na menor média anual alcançada na série histórica da PED RMSP, decorreu do notável crescimento da ocupação, que se elevando a ordem 3,5% a.a., superava o intenso ritmo de crescimento não apenas da população em idade ativa (2,2% a.a.), como também o da PEA (2,5% a.a.).

Tabela 1
Estimativas médias da população em idade ativa (PIA), população economicamente ativa (PEA), ocupados, desempregados inativos; e taxas de desemprego e de participação
Região Metropolitana de São Paulo, 1985-2005

Especificações	Anos					Variação anual média (em %)			
	1985	1989	1996	1999	2005	89/85	96/89	99/96	05/99
(Em mil pessoas)									
PIA.....	10.787	11.747	13.563	14.445	15.808	2,2	2,1	2,1	1,5
PEA.....	6.505	7.177	8.382	8.985	10.038	2,5	2,2	2,3	1,9
Ocupados.....	5.711	6.553	7.116	7.251	8.342	3,5	1,2	0,6	2,4
Desempregados.....	794	624	1.266	1.734	1.696	-5,8	10,6	11,1	-0,4
Inativos.....	4.282	4.570	5.181	5.460	5.770	1,6	1,8	1,8	0,9
(Em %)									
Taxa de participação.....	60,3	61,1	61,8	62,2	63,5	0,3	0,2	0,2	0,3
Taxa de desemprego total.....	12,2	8,7	15,1	19,3	16,9	-8,1	8,2	8,5	-2,2
Aberto.....	7,6	6,5	10,0	12,1	10,5	-3,8	6,3	6,6	-2,3
Oculto.....	4,6	2,2	5,1	7,2	6,4	-16,8	12,8	12,2	-1,9
Pelo Trabalho Precário.....	2,9	1,5	3,8	5,1	4,8	-15,2	14,2	10,3	-1,0
Pelo Desalento.....	1,7	0,7	1,3	2,1	1,5	-19,9	9,2	17,3	-5,5

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). IBGE, Censos Demográficos de 1980 e 1991. Nota: Estimativas de 1985 e 1989, feitas através interpolação intercensitária.

Ao final da década de 80, o problema do desemprego parecia estar equacionado, embora talvez, o mercado de trabalho demandasse pequenos ajustes para corrigir o aumento da informalidade ou mesmo a diminuição da renda dos trabalhadores⁴. Os eventos da década seguinte trataram de desmentir esse cenário promissor, uma vez que a taxa de desemprego da metrópole paulistana assumiu uma trajetória, quase linear, de crescimento, que resultou em patamares que avizinhavam aos 20,0% da PEA em 1999. A razão para esse comportamento, que corroborou a idéia de que os anos 90 foi um período de crise do mercado de trabalho, está relacionada, a dois fatores. De um lado, verificou-se uma baixa

³ Entre 1981 e 1985 o PIB brasileiro havia crescido apenas cerca de 1,3% a.a. Esse baixo crescimento decorreu, principalmente, dos anos de 1981 e 83, quando o PIB decaiu 4,3% e 2,9% e teve como contrapeso, o ano de 1985, com crescimento de 7,9%, o maior da década. No segundo período, de 1986 e 89, em que a PED já levantava as informações do mercado de trabalho da RMSP, a ligeira recuperação econômica traduziu-se no crescimento médio de 3,5% a. a. (IBGE/ SCN-Anual).

capacidade de geração de postos de trabalho, com crescimento de apenas 1,2%, a.a. entre 1990 e 1996, e de meros 0,6% a.a. até 1999, provavelmente como reflexo do baixo crescimento econômico⁵. De outro lado, o fato do crescimento da PEA ter se mantido elevado (de 2,2% a.a., entre 1990 e 96, e de 2,3% a.a., entre 1996 e 1999) agravou os efeitos da desaceleração do ritmo de geração de postos de trabalho sobre o desemprego⁶.

O texto a seguir busca analisar a evolução do mercado de trabalho entre meados da década de 90 e 2000, ou seja, o período que compreende os anos finais de crise do mercado de trabalho, e os primeiros anos de retomada, ainda que moderada, do ritmo de geração de postos de trabalho (Tabela 1). A partir desse momento, entretanto, a análise se faz com base mais ampla, ao se investigar o comportamento das seis regiões metropolitanas pesquisadas pela PED. Nesses últimos 10 anos, sobressai a sincronia com que evoluem as taxas de desemprego nas áreas metropolitanas analisadas (Gráfico 1). Tal fato sugere um padrão de comportamento, e que os mercados de trabalho locais se mantinham muito mais influenciados pela dinâmica das políticas econômicas nacionais que por determinantes regionais.

2. A população em idade ativa e economicamente ativa

O período analisado pelo presente estudo encerra um momento de inflexão na história da dinâmica populacional brasileira. A partir das décadas de 1980 e 90 assiste-se à desaceleração do movimento migratório quase secular das regiões mais rurais para os grandes centros industriais. Ao lado disso, deve-se considerar o fenômeno da redução da fecundidade, que se acentuou a partir das décadas de 1970 e 80, principalmente nesses centros. Tais movimentos, combinados, contribuíram para a redução do dinamismo do crescimento populacional e também do seu segmento em idade ativa (PIA) que se observa ao comparar as suas taxas de crescimento, no período de 1996 a 1999, em relação ao momento seguinte, de 99 a 2005.

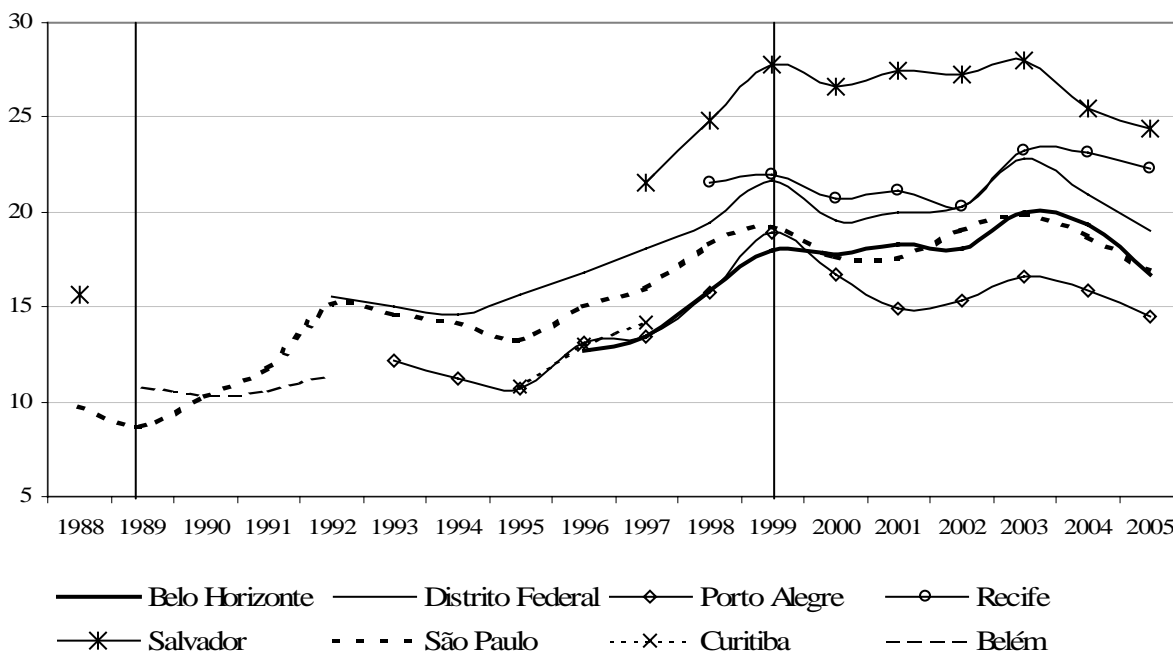
⁴ A questão da informalidade e a diminuição da renda dos trabalhadores na segunda metade da década de 1980 são tratadas, entre outros estudos, por Sabóia (1992).

⁵ Entre 1990 e 1996, o PIB cresceu apenas 1,9% ao ano, e entre 1997 a 1999, o crescimento foi ainda pior (1,4% a.a.) (IBGE/ SCN-Anual).

⁶ O segundo capítulo do livro *A situação do trabalho no Brasil*, do DIEESE (2001) é voltado para a análise da dinâmica do emprego e desemprego nas regiões metropolitanas analisadas pela PED, nos anos noventa, e conclui que “essa evolução desfavorável do desemprego é consequência de um medíocre crescimento, nessas regiões, dos níveis globais da ocupação, que não foram suficientes para atender o incremento das suas respectivas populações economicamente ativas” (DIEESE, 2001: 52).

Gráfico 1
Médias anuais das taxas de desemprego total
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal
1988-2005

(Em % da PEA)



Fonte dos dados básicos: DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

No total das áreas metropolitanas pesquisadas, a PIA, estimada em 26,7 milhões, em 1998, passou para 27,3 milhões de pessoas, em 1999, ao crescer a uma taxa de 2,4% (Tabela 2). A mesma taxa havia reduzido para uma média anual de 2,0%, entre 1999 e 2002, e para 1,9%, entre 2002 e 2005, o que resultou em uma PIA estimada de 30,7 milhões, em 2005. Nas regiões metropolitanas de São Paulo, Porto Alegre e Recife observou-se reduções sensíveis, ao longo do período, enquanto que as demais não apresentaram mudança considerável no ritmo de crescimento da PIA.

Tabela 2
Evolução da estimativa da PIA em anos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996, 1998, 1999, 2002 e 2005

Região Metropolitana e Distrito Federal	Anos selecionados					Variações em % ao ano			
	1996	1998	1999	2002	2005	98/96	99/98	02/99	05/02
Total	-	26.683	27.322	28.994	30.695	-	2,4	2,0	1,9
São Paulo	13.563	14.142	14.445	15.148	15.808	2,1	2,1	1,6	1,4
Distrito Federal	1.393	1.487	1.536	1.692	1.863	3,3	3,3	3,3	3,3
Porto Alegre	2.669	2.780	2.855	3.019	3.199	2,1	2,7	1,9	1,9
Belo Horizonte	3.111	3.295	3.391	3.683	3.991	2,9	2,9	2,8	2,7
Salvador	-	2.322	2.385	2.589	2.810	-	2,7	2,8	2,8
Recife	-	2.657	2.710	2.863	3.024	-	2,0	1,8	1,8

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego.

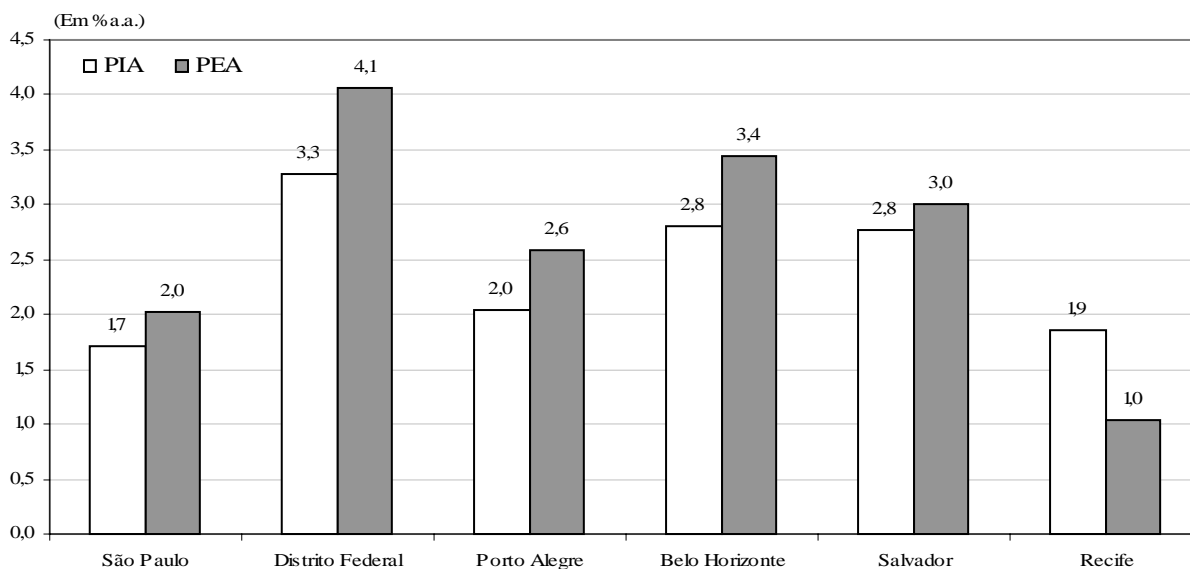
O segmento da PIA incorporado à força de trabalho, ou seja, a população economicamente ativa (PEA), estava estimada em 18,7 milhões de pessoas, no total das áreas metropolitanas analisadas, em 2005 (Tabela 3). Pelo Gráfico 2, observa-se que o crescimento da PEA revelou-se mais acentuado que o total da PIA, ao longo do período analisado, em todas as áreas metropolitanas, com a exceção de Recife, e com destaque para o Distrito Federal, onde a diferença entre as taxas de crescimento da PIA e da PEA foi mais evidente (3,3% a.a. e 4,1% a.a., respectivamente).

Tabela 3
Evolução da estimativa da PEA em anos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996, 1998, 1999, 2002 e 2005

Região Metropolitana e Distrito Federal	Anos selecionados					Variações em % ao ano			
	1996	1998	1999	2002	2005	98/96	99/98	02/99	05/02
Total	-	15.926	16.442	17.745	18.720	-	3,2	2,6	1,8
São Paulo	8.382	8.711	8.985	9.619	10.038	1,9	3,1	2,3	1,4
Distrito Federal	841	919	953	1.090	1.203	4,5	3,7	4,6	3,3
Porto Alegre	1.457	1.576	1.665	1.736	1.835	4,0	5,6	1,4	1,9
Belo Horizonte	1.764	1.898	1.940	2.166	2.391	3,7	2,2	3,7	3,3
Salvador	-	1.393	1.436	1.611	1.717	-	3,1	3,9	2,1
Recife	-	1.429	1.463	1.523	1.536	-	2,4	1,3	0,3

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego.

Gráfico 2
Taxas de crescimento da população em idade ativa e da população economicamente ativa
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal
1996(1)-2005



Fonte dos dados básicos: DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego. (Tabela 9).

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

O crescimento da PEA maior que da PIA, fenômeno verificado na maioria dos casos, sugere uma mudança de comportamento da população, com a ampliação do número relativo de seus componentes saindo da condição de inativos e ingressando no mercado de trabalho, ao longo do período. Nenhum dos atributos pessoais analisados pela PED proporciona melhor explicação para o maior envolvimento da população em idade ativa no mercado de trabalho do que o sexo. Pode-se observar para a maioria das áreas metropolitanas analisadas, que a taxa de participação, ou seja, a razão entre a PEA e a PIA, cresceu entre as mulheres e permaneceu relativamente estável, ou mesmo diminuiu, entre os homens. Entretanto, esse fenômeno atenuou-se nos últimos anos, e essa perda de fôlego do processo de inserção feminina no mercado de trabalho, e mesmo a evasão de homens do contingente de pessoas economicamente ativas podem estar relacionados com as tendências, tanto quantitativas, quanto qualitativas, da geração de postos de trabalho, que é o tema do próximo item.

3. A evolução do nível e da estrutura ocupacional e de rendimentos

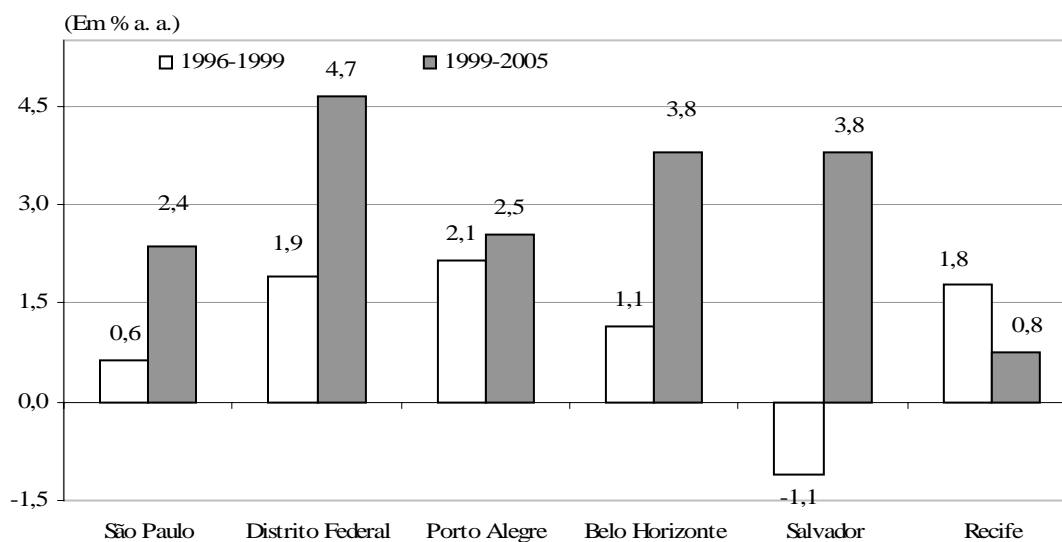
De modo geral, pode-se afirmar que o desempenho da ocupação entre meados da

década de 90 e 2005 foi desigual entre os anos e diferenciada entre as regiões pesquisadas pela PED, repercutindo sobre as características da estrutura ocupacional dessas regiões.

Em termos temporais observa-se que o ano de 1999 constitui-se um divisor de águas no desempenho da ocupação nas regiões metropolitanas brasileiras. A taxa de crescimento média anual do nível de ocupados avançou de maneira muito tímida até 1999 e se recuperou consideravelmente nos anos seguintes. Esse comportamento se verificou muito nitidamente em cinco das seis regiões pesquisadas pela PED; exceção a Região Metropolitana de Recife, em que pese o reduzido período com dados anterior a 1999 – uma vez que a pesquisa nessa região iniciou-se em 1998. (Gráfico 3)

Gráfico 3

**Taxa de crescimento média anual da ocupação, segundo períodos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996(1)-2005**



Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. (Tabela 9)

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

Como resultado da melhora de desempenho do crescimento ocupacional pós-1999, o contingente de ocupados estimado nas seis regiões investigadas pela PED, que era de 13,1 milhões em 1999, cresceu para 15,4 milhões em 2005. Contudo, o ritmo de crescimento da ocupação nesse período de crescimento do emprego metropolitano no Brasil não foi uniforme. Verifica-se que o crescimento absoluto e relativo da ocupação nos primeiros três anos que se seguiram a 1999 (até 2002) foram maiores aos três anos subsequentes (2003 até 2005), denotando uma gradual perda de dinamismo após um grande ímpeto inicial – que

também pode ser explicada pela demanda reprimida por trabalhadores no início de um ciclo econômico ou pelo efeito estatístico da base de análise deprimida. (Tabela 4)

Tabela 4
Evolução da estimativa dos ocupados em anos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996, 1998, 1999, 2002 e 2005

Região Metropolitana e Distrito Federal	Anos selecionados					Variações em % ao ano			
	1996	1998	1999	2002	2005	98/96	99/98	02/99	05/02
Total	-	12.952	13.113	14.284	15.369	-	1,2	2,9	2,5
São Paulo	7.116	7.126	7.251	7.791	8.342	0,1	1,8	2,4	2,3
Distrito Federal	701	739	742	864	975	2,7	0,4	5,2	4,1
Porto Alegre	1.266	1.325	1.349	1.470	1.569	2,3	1,8	2,9	2,2
Belo Horizonte	1.540	1.596	1.593	1.774	1.992	1,8	-0,2	3,7	3,9
Salvador	-	1.046	1.038	1.171	1.298	-	-0,8	4,1	3,5
Recife	-	1.120	1.140	1.214	1.193	-	1,8	2,1	-0,6

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. (ver Tabelas 12 e 13)

Outra característica que marcou as transformações dos mercados de trabalho metropolitanos brasileiros na década de 90 foi a fragilização da sua estrutura ocupacional. Esta fragilização está relacionada com a queda na capacidade de geração de emprego por parte do setor industrial (com o respectivo aumento da participação do setor de serviços), com o aumento de formas de contratação flexíveis e muitas vezes à margem da legislação trabalhista, além da importância dos trabalhos precários como alternativas ao desemprego. Como ver-se-á mais a frente, algumas dessas tendências foram estancadas ou revertidas a partir de 1999.

A queda do emprego na indústria está intimamente relacionada ao padrão de desenvolvimento e à forma de inserção internacional escolhidos pelo Brasil desde a década de 90. A adoção de medidas como a abertura comercial abrupta, taxas de juros elevadas, câmbio apreciado e redução do papel do Estado resultaram não só num débil e instável crescimento econômico – com rebatimentos no nível de emprego do mercado de trabalho – como também numa aceleração e intensificação da reestruturação tecnológica e organizacional das empresas. Esse movimento das empresas acabou por eliminar e/ou deslocar postos de trabalho, via racionalização, aumento da produtividade e intensificação do processo de terceirização, nas regiões mais industrializadas.

Como resultado do crescimento da ocupação e dos novos arranjos produtivos, não obstante o setor industrial não reduziu em termos absolutos o seu contingente de ocupados, ele perdeu participação na estrutura ocupacional setorial em cinco das seis regiões pesquisadas pela PED – salvo em Salvador, onde a participação se ampliou. As maiores

quedas de participação da indústria no emprego setorial ocorreram nas regiões metropolitanas mais industrializadas de São Paulo, de Belo Horizonte e de Porto Alegre – também no Distrito Federal observou-se a diminuição de participação da indústria porém, como a presença industrial nessa região é pequena, a movimentação não chegou a ser significativa. Na Região Metropolitana de São Paulo, entre os anos de 1996 e 2005, a indústria perdeu 3,0 pontos percentuais da sua participação no total das ocupações. Nesse mesmo período, o emprego industrial das regiões metropolitanas de Belo Horizonte e de Porto Alegre perdeu, respectivamente, 1,8 e 1,6 pontos percentuais de participação na ocupação total. No sentido oposto, o setor de serviços, que já era o principal responsável pela ocupação, ampliou sua participação em todas as regiões metropolitanas investigadas. (Tabela 5)

Tabela 5
Distribuição dos ocupados, segundo setor de atividade econômica
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996(1), 1999, 2002 e 2005

Especificações	São Paulo				Distrito Federal				Porto Alegre			
	1996	1999	2002	2005	1996	1999	2002	2005	1996	1999	2002	2005
Ocupados	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria.....	22,6	19,6	20,0	19,5	4,8	3,9	3,7	3,9	21,2	19,0	18,8	19,6
Comércio.....	17,2	16,1	16,1	16,1	14,6	14,5	15,4	16,1	16,7	16,9	16,1	17,1
Serviços.....	46,2	49,6	49,4	50,5	63,4	65,0	65,5	66,0	48,4	50,3	52,2	51,4
Construção civil.....	5,4	5,3	5,2	4,9	4,8	4,1	3,9	3,6	6,0	5,8	5,3	4,9
Serviços domésticos.....	8,1	8,9	8,6	8,6	11,6	11,6	10,4	9,6	7,3	7,6	7,2	6,6
Outros Setores.....	0,5	0,5	0,7	0,4	0,8	0,9	1,1	0,8	0,4	0,4	0,4	0,4

Especificações	Belo Horizonte				Salvador				Recife			
	1996	1999	2002	2005	1997	1999	2002	2005	1998	1999	2002	2005
Ocupados.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria.....	16,1	14,4	14,5	14,3	8,4	8,1	8,4	9,3	9,9	9,3	9,0	9,4
Comércio.....	15,1	15,0	15,4	15,6	17,9	15,9	16,3	16,1	20,7	21,5	20,4	19,4
Serviços.....	49,6	51,3	53,0	54,5	55,6	58,5	59,0	59,0	51,5	51,5	53,1	54,2
Construção civil.....	8,2	8,3	6,9	6,3	5,4	5,5	5,2	4,7	4,8	4,7	4,8	4,2
Serviços domésticos.....	10,0	10,1	9,5	8,9	10,8	10,4	10,1	9,4	9,7	9,6	9,0	9,1
Outros Setores.....	1,0	0,9	0,7	0,4	1,9	1,6	1,0	1,5	3,4	3,4	3,7	3,7

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego.

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

Contudo, o ritmo dessa tendência à desindustrialização em paralelo à crescente importância das ocupações no setor de serviços nos mercados de trabalho metropolitanos brasileiros não foi uniforme nessa última década. Mais uma vez, o ano de 1999 constitui-se em um marco analítico para essa mudança no ritmo. Até 1999, a taxa de crescimento média anual da ocupação industrial era mormente negativa e substancialmente menor ao incremento da participação do setor de serviços. Após 1999, ainda que persistisse a tendência de um melhor desempenho da ocupação nos serviços, a diferença entre os dois

ritmos de expansão aproximou-se consideravelmente (Tabela 6). Tal inflexão no comportamento tendencial da ocupação industrial guardou relação com a desvalorização cambial ocorrida em 1999 que resultou por uma relativa melhoria na competitividade internacional dos produtos brasileiros chamados de *tradebles* (comercializáveis), em que se enquadram os produtos industrializados.

Tabela 6
Taxa de crescimento média anual dos ocupados, por períodos selecionados, segundo setor de atividade econômica
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996(1)-2005

Especificações	São Paulo				Distrito Federal				Porto Alegre				(Em %)
	99/96	02/99	05/02	05/99	99/96	02/99	05/02	05/99	99/96	02/99	05/02	05/99	
Ocupados	0,6	2,4	2,3	2,4	1,9	5,2	4,1	4,7	2,1	2,9	2,2	2,5	
Indústria.....	-4,0	3,1	1,5	2,3	2,4	3,3	5,9	4,6	-1,5	2,7	3,5	3,1	
Comércio.....	-1,6	2,4	2,3	2,4	5,1	7,2	5,7	6,4	2,6	1,2	4,5	2,8	
Serviços.....	3,0	2,4	3,0	2,7	2,8	5,4	4,4	4,9	3,4	4,2	1,7	2,9	
Construção civil.....	0,0	1,8	0,3	1,1	-3,1	4,3	1,0	2,6	0,9	0,0	-0,4	-0,2	
Serviços domésticos.....	3,8	1,3	2,3	1,8	2,0	1,5	1,1	1,3	3,8	1,0	-1,0	0,0	
Outros Setores.....	1,8	7,3	-11,1	-2,3	-36,1	18,6	-3,5	7,0	0,0	-5,9	6,3	0,0	
Especificações	Belo Horizonte				Salvador				Recife				
	99/96	02/99	05/02	05/99	99/97	02/99	05/02	05/99	99/98	02/99	05/02	05/99	
Ocupados	1,1	3,7	3,9	3,8	-1,1	4,1	3,5	3,8	1,8	2,1	-0,6	0,8	
Indústria.....	-2,6	3,9	3,5	3,7	-2,8	5,3	7,3	6,3	-4,5	0,9	0,9	0,9	
Comércio.....	0,9	4,5	4,4	4,5	-6,8	5,0	3,0	4,0	5,6	0,4	-2,3	-1,0	
Serviços.....	2,3	4,8	4,9	4,9	1,4	4,4	3,5	4,0	1,7	3,2	0,1	1,6	
Construção civil.....	1,6	-2,6	0,8	-0,9	0,0	2,3	0,0	1,1	0,0	2,4	-4,8	-1,3	
Serviços domésticos.....	1,5	1,6	1,6	1,6	-3,1	3,0	1,1	2,1	0,0	0,0	0,0	0,0	
Outros Setores.....	0,0	-4,7	-14,9	-9,9	-7,8	-11,0	16,6	1,9	2,6	4,9	-0,7	2,0	

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. (ver Tabela 14)

Nota: (1) Para a RMS é 1997 e para a RMR é 1998.

4. Evolução do desemprego

O recrudescimento do desemprego no período de 1996 a 1999, decorrente da dinâmica insuficiente de abertura de postos de trabalho, como visto acima, mostrou-se evidente em todas as áreas metropolitanas analisadas. Ficou explícito, nesse período, a incapacidade do mercado de trabalho em absorver os novos contingentes que ingressavam na força de trabalho. Somente entre 1998 e 1999, a população desempregada no conjunto das regiões metropolitanas analisadas pela PED cresceu 11,9%, ao passar de 2.975 para 3.328 mil pessoas (Tabela 7).

Tabela 7
Evolução da estimativa de desempregados em anos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996, 1998, 1999, 2002 e 2005

Região Metropolitana e Distrito Federal	Anos selecionados					Variações em % ao ano			
	1996	1998	1999	2002	2005	98/96	99/98	02/99	05/02
Total	-	2.975	3.328	3.461	3.351	-	11,9	1,3	-1,1
São Paulo	1.266	1.585	1.734	1.828	1.696	11,9	9,4	1,8	-2,5
Distrito Federal	140	181	210	226	228	13,7	16,0	2,5	0,3
Porto Alegre	191	251	316	266	266	14,6	25,9	-5,6	0,0
Belo Horizonte	224	302	347	392	399	16,1	14,9	4,1	0,6
Salvador	-	347	398	440	419	-	14,7	3,4	-1,6
Recife	-	309	323	309	343	-	4,5	-1,5	3,5

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. (ver Tabelas 12 e 13)

No período seguinte, entre 1999 e 2005, a elevação do ritmo de crescimento das ocupações, combinada com a diminuição da velocidade em que a PEA crescia, fez com que se reduzisse o vigor do crescimento da população desempregada em todas as áreas metropolitanas analisadas. No total das regiões, a PEA desempregada havia crescido apenas 1,3% a.a., entre 1999 e 2002, sendo que no período mais recente, observou-se redução absoluta desse contingente, uma vez que a taxa de crescimento foi negativa (1,1% a.a.), ao passar de 3.461 para 3.351 mil pessoas.

Analisando a taxa de desemprego total, que é a relação entre o número de desempregados e o total da PEA, pelo Gráfico 4, os anos finais de crise do mercado de trabalho, entre 1996 e 1999, elevaram acentuadamente as taxas de desemprego. Na RM de Salvador, onde o problema do desemprego mostrou-se mais crônico, a taxa de desemprego, que era de 21,6%, em 1997, saltou para 27,7% em apenas dois anos. Por seu turno, a RM de Belo Horizonte, mesmo apresentando uma das menores taxas de desemprego das regiões pesquisadas, não teve desempenho melhor, uma vez que esse indicador evoluiu de 12,7%, para 19,0% da PEA, no mesmo período. Em outras palavras, aproximadamente uma em cada cinco pessoas inseridas na força de trabalho estava desempregada, nas regiões pesquisadas, em 1999.

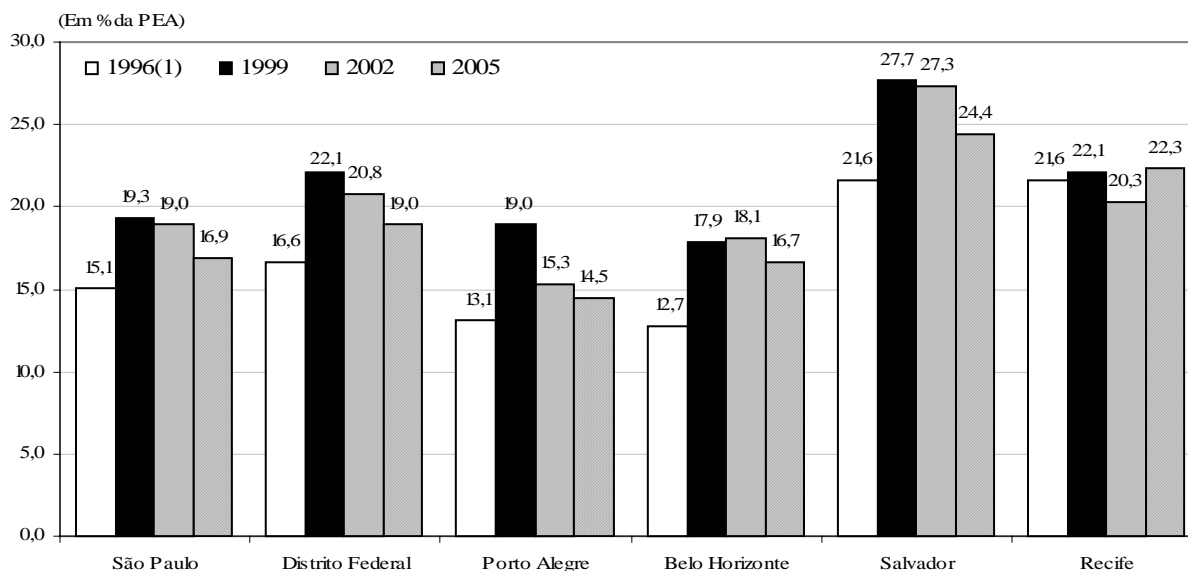
Os desdobramentos da economia sobre a mercado de trabalho e as tendências demográficas aventados por esse estudo determinaram uma trajetória descendente da taxa de desemprego pós-1999. Deve-se ressaltar, entretanto, que até 2005, nenhuma das áreas pesquisadas apresentaram taxas de desemprego menores do que possuíam há 10 anos atrás. Na RM de Porto Alegre, onde a redução da taxa mostrou-se mais precoce e visível, já em

2002, ao reduzir de 19,0%, em 1999, para 15,3%, naquele ano, apresentou uma taxa de desemprego de 14,5% da PEA, em 2005; nível superior aos 13,1% apontados em 1996.

Gráfico 4

Taxas de desemprego total em anos selecionados

Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996(1), 1999, 2002 e 2005



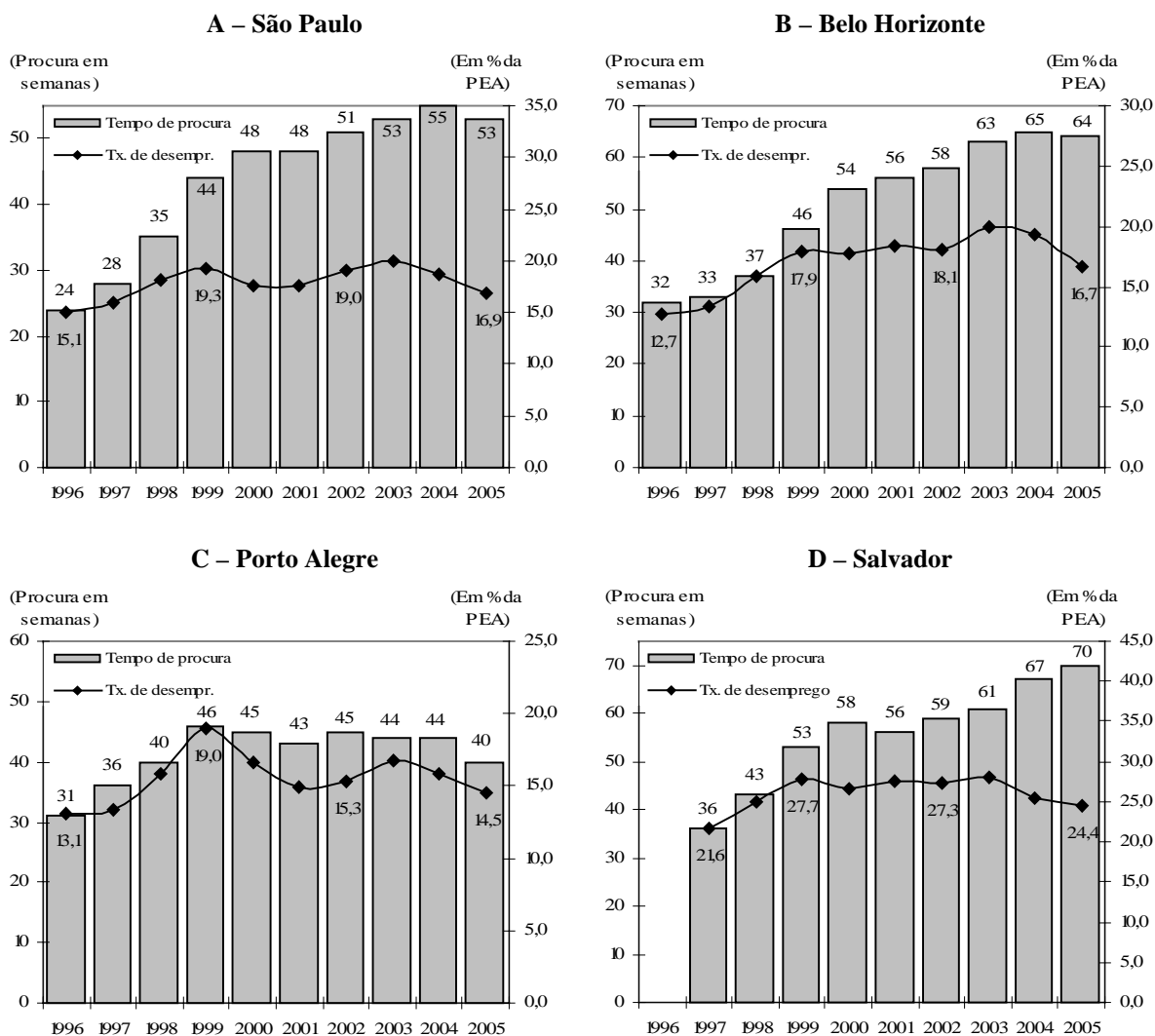
Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. Nota: (1) para a RMS o primeiro ano é 1997 e para a RMR, é de 1998.

Em relação ao tipo de desemprego, no período de crise do mercado de trabalho, entre 1996 e 1999, o desemprego assumiu características distintas nas regiões metropolitanas analisadas. Na região metropolitana de Belo Horizonte e no Distrito Federal o desemprego aberto havia crescido com maior intensidade (Tabela 9). Na maioria dos casos analisados, entretanto, ou seja, nas regiões metropolitanas de São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife o aumento do desemprego incidiu mais no seu componente oculto, tanto no desemprego oculto pelo desalento, como no oculto pelo trabalho precário, sugerindo um quadro de maior precarização da situação de desemprego.

No período subsequente, entre 1999 e 2005, com a exceção da RM de São Paulo e do Distrito Federal, a redução do desemprego incidiu exatamente naquelas situações de desemprego que mais tinham se agravado no final da década de 1990. Assim a taxa de desemprego oculto, que tinha crescido mais na Grande Porto Alegre do que o desemprego aberto (19,9% a.a. e 10,0% a.a., respectivamente) entre 1996 e 1999, foi também a taxa de desemprego que mais retraiu (7,9% a.a.), entre 2000 e 2005, refletindo o decréscimo, em especial, do desemprego oculto pelo trabalho precário (8,1% a.a.). (Tabela 9).

A redução mais acentuada da taxa de desemprego oculto que o aberto em quatro das seis regiões pesquisadas é um indício da melhora do mercado de trabalho, uma vez que as formas ocultas de desemprego se associam às inserções mais vulneráveis na força de trabalho. Um outro importante indicador para a análise da qualidade do desemprego, contudo, é o tempo de procura dos desempregados (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Evolução do tempo de procura e da taxa de desemprego total
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 1996(1)-2005



Fonte dos dados básicos: DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

No período anterior, até 1999, tempo médio de procura e taxa de desemprego cresciam em ritmos semelhantes, o que sugeria a relação causal entre ambas variáveis. A partir de então, a evolução expansiva do tempo de procura passou a adquirir certa

autonomia, em relação ao comportamento da taxa de desemprego. Dessa forma, mesmo que as taxas de desemprego estejam tendendo para os níveis próximos dos apresentados no início do período estudado, a natureza do desemprego degenerou-se, e adotou um perfil de longa duração⁷. Mesmo na RM de Porto Alegre, onde esse fenômeno é menos visível, o tempo de procura cresceu 29,0%, ao variar de 31 para 40 semanas, contra 10,7% de aumento da taxa de desemprego total, entre 1996 e 2005. Na Grande São Paulo, que apresenta a mudança o desemprego de forma mais nítida, o tempo de procura dos desempregados mais que duplicou, ao passar de 24 para 53 semanas, entre 1996 e 2005, enquanto a taxa de desemprego havia crescido 11,9%.

Considerações finais

O cenário de um mercado de trabalho sem o problema do desemprego, que se estava desenhando ao final da década de 1980 foi drasticamente abortado e substituído por uma realidade mais árida para os trabalhadores, e marcada pela escalada do desemprego e, de uma forma geral, pela precarização do mercado de trabalho.

Logo nos primeiros anos da década de 1990, a desaceleração da atividade econômica rebateu de forma deletéria sobre um mercado de trabalho em franca expansão, com uma população economicamente ativa que crescia não só pela rápida dinâmica demográfica, mas também pelas mudanças comportamentais de nossa sociedade, em que se deve destacar o processo de emancipação feminina, refletido, por sua vez, nos aumentos consistentes das taxas de participação das mulheres *vis-à-vis* a manutenção das dos homens.

No primeiro período que esse trabalho enfoca, que é compreendido entre os anos de 1996 e 1999, essas tendências, com destaque para o baixo crescimento ocupacional, agudizaram e levaram as taxas de desemprego para níveis sem precedentes na história brasileira. Além da incapacidade de crescimento, deve-se enfatizar a redução da qualidade dos postos de trabalho gerados e a redução de rendimento. Três fenômenos manifestaram-se de forma exuberante nessa fase: 1) a desindustrialização, pela redução de postos de trabalho na indústria; 2) a terciarização, pelo inchaço do setor de serviços, notadamente naqueles ramos que comportavam relações vulneráveis de trabalho, como os pessoais; e 3) a terceirização e flexibilização das relações de trabalho, pelo aumento absoluto e relativo de

⁷ Uma análise mais pormenorizada da evolução do tempo de procura no período recente, inclusive por atributos pessoais dos desempregados, é encontrada em Rodarte e Braga (2005).

postos de trabalho assalariados por subcontratação, aumento dos autônomos que trabalhavam para empresas e pelo incremento de assalariados sem carteira de trabalho que trabalhavam tanto para o setor privado, quanto para o público.

A evolução medíocre da ocupação tal como caracterizou o mercado de trabalho metropolitano nos anos 90 é em grande medida revertida a partir de 1999, quando a ocupação cresceu a taxas substancialmente maiores que no período anterior. A tendência de fragilização da estrutura ocupacional que marcou a década de 90 sofreu, senão uma reversão, pelo menos um estancamento em seu ritmo de aprofundamento⁸. Não obstante o processo de desindustrialização ter prosseguido, o ritmo dessa transformação se atenuou consideravelmente a partir de 1999.

A retomada do ritmo de crescimento das oportunidades de trabalho e a retração do crescimento da PEA, no período pós-1999, e particularmente nos últimos três anos interromperam a trajetória de elevação do desemprego que marcou a década de 1990, embora os dados mais recentes não mostrem ainda níveis ainda inferiores aos apresentados em meados da década anterior. Apesar de se ter assistido a uma redução mais expressiva do componente oculto do desemprego, o que sugere mitigação da precariedade dessa condição, por definição, vulnerável, o tempo de procura dos desempregados manteve-se elevado o que aponta para uma transmutação da natureza do desemprego, de curta, para de longa duração.

A gravidade desse diagnóstico deve ser apontada em dois aspectos. O primeiro refere-se à “queima de capital humano”, pois o maior tempo de afastamento da profissão reduz gradativamente as aptidões e a destreza pela força do esquecimento e da falta do exercício diário da profissão, além da desatualização das eventuais inovações, por estar alijado do ambiente de trabalho. O segundo aspecto é mais dramático, e foi ressaltado por Fernandes (2002): à medida que prolonga o tempo de procura, vão se exaurindo as fontes próprias de sobrevivência do desempregado. Diante desse fato, torna-se ainda mais evidente a inadequação dos escassos mecanismos de proteção social, como o seguro desemprego, que

⁸ Essa visão é compartilhada por Carlos Ramos, que analisando o mercado de trabalho metropolitano com dados da PME-FIBGE, entre 1990 e 2002, apontou quebra da curva de crescimento do emprego formal, em 1999, e concluiu que “Uma atenta leitura do acontecido nos anos 1990 nos induz a pensar que o pessimismo das elasticidades, muito usual nesses anos, deve ser visto com cautela” (RAMOS, 2003: 14). O trabalho de Chahad (2003), com dados da PED, entretanto, não identifica melhoras no mercado de trabalho após a

além de cobrir apenas parte dos desempregados, possuem tempo de abrangência relativamente pequeno, se comparado às recentes estatísticas de tempo médio de procura.

Referências bibliográficas

- BARELLI, Walter, TROYANO, Annez Andraus. Pesquisa de Padrão de Vida e Emprego na Região Metropolitana de São Paulo: População Economicamente Ativa e Situação Ocupacional. In III Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1982, **Anais... ABEP**, 1982, v. 1, p. 11-29.
- CARVALHO, José A. M.; BRITO, Fausto; RIBEIRO, José; RIGOTTI, José. Minas Gerais, uma nova região de atração populacional? In: **20 anos do Seminário sobre a Economia Mineira – 1982-2002: Coletânea de trabalhos, 1982-2002**. Belo Horizonte: UFMG/FACE/CEDEPLAR, 2002, v. 3, p. 239-262.
- CHAHAD, José P. Z. Tendências recentes no mercado de trabalho: pesquisa de emprego e desemprego. In: **São Paulo em perspectiva**. São Paulo: SEADE. 17(3-4), 2003, p. 205-217.
- DIEESE. **A situação do trabalho no Brasil**. São Paulo: DIEESE, 2001.
- FERNANDES, R. . Estratégias de Sobrevivência do Trabalhador Desempregado. In: Chahad, J. P. Z.; Picchetti, P. (Org.). **Mercado de Trabalho no Brasil: Padrões de Comportamento e Transformações Institucionais**. São Paulo, 2002.
- MORETTO, Amilton; KREIN, José D. O crescimento da formalização do emprego: Como explicá-la? In: IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho, 2005, Recife-PE. **Anais... 2005**.
- RAMOS, Carlos A. O emprego nos anos 1990: O regime macroeconômico importa?. In **Mercado de Trabalho – Conjuntura e Análise**. N° 22. Rio de Janeiro: IPEA. Novembro de 2003. p. 11-14.
- RODARTE, Mario M. S.; BRAGA, Thaiz S. Tendências recentes do mercado de trabalho no Brasil a partir da Pesquisa de Emprego e Desemprego(PED). In: DIEESE. (Org.). **O trabalho no setor terciário: emprego e desenvolvimento tecnológico**. Campinas e São Paulo, 2005, v. 8.
- SABÓIA, João. Emprego, renda e pobreza no Brasil na década de oitenta – transformações conjunturais e estruturais. In: **Força de trabalho e emprego**. Salvador, v. 9, n. 1, p. 3-9, Jan./Abr. 1992.
- TROYANO, Annez A.; MATTOSO, Jorge E. L.; HOFFMANN, Marise P. O Emprego: Dimensões da Crise. In IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, out/1984, **Anais... Águas de São Pedro**, São Paulo: ABEP, 1984, v. 3, p. 1383-1413.

desvalorização do câmbio de 1999, provavelmente por se ater à região metropolitana de São Paulo, que teve uma recuperação mais lenta que na maioria das demais regiões metropolitanas, nos últimos anos.

Anexo estatístico

Tabela 8
Estimativas médias da população em idade ativa, população economicamente ativa e inativos; e
taxas de desemprego e participação
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 1996(1)-2005

Especificações	São Paulo				Distrito Federal				Porto Alegre			
	1996	1999	2002	2005	1996	1999	2002	2005	1996	1999	2002	2005
(Em mil pessoas)												
PIA.....	13.563	14.445	15.148	15.808	1.393	1.536	1.692	1.863	2.669	2.855	3.019	3.199
PEA.....	8.382	8.985	9.619	10.038	841	953	1.090	1.203	1.457	1.665	1.736	1.835
Ocupados.....	7.116	7.251	7.791	8.342	701	742	864	975	1.266	1.349	1.470	1.569
Desempregados.....	1.266	1.734	1.828	1.696	140	210	226	228	191	316	266	266
Inativos.....	5.181	5.460	5.529	5.770	552	583	602	660	1.212	1.190	1.283	1.364
(Em %)												
Taxa de participação.....	61,8	62,2	63,5	63,5	60,4	62,0	64,4	64,6	54,6	58,3	57,5	57,4
Taxa de desemprego total.....	15,1	19,3	19,0	16,9	16,6	22,1	20,8	19,0	13,1	19,0	15,3	14,5
Aberto.....	10,0	12,1	12,1	10,5	10,8	14,4	12,9	12,4	9,1	12,1	10,0	10,3
Oculto.....	5,1	7,2	6,9	6,4	5,9	7,7	7,9	6,5	4,0	6,9	5,3	4,2
Pelo Trabalho Precário.....	3,8	5,1	4,9	4,8	3,2	4,3	4,2	3,6	3,0	4,8	3,4	2,9
Pelo Desalento.....	1,3	2,1	2,0	1,5	2,7	3,3	3,6	3,0	1,0	2,1	1,9	1,3

Especificações	Belo Horizonte				Salvador				Recife			
	1996	1999	2002	2005	1997	1999	2002	2005	1998	1999	2002	2005
(Em mil pessoas)												
PIA.....	3.111	3.391	3.683	3.991	2.260	2.385	2.589	2.810	2.657	2.710	2.863	3.024
PEA.....	1.764	1.940	2.166	2.391	1.354	1.436	1.611	1.717	1.429	1.463	1.523	1.536
Ocupados.....	1.540	1.593	1.774	1.992	1.061	1.038	1.171	1.298	1.120	1.140	1.214	1.193
Desempregados.....	224	347	392	399	293	398	440	419	309	323	309	343
Inativos.....	1.347	1.451	1.517	1.600	906	949	978	1.093	1.228	1.247	1.340	1.488
(Em %)												
Taxa de participação.....	56,7	57,2	58,8	59,9	59,9	60,2	62,2	61,1	53,8	54,0	53,2	50,8
Taxa de desemprego total.....	12,7	17,9	18,1	16,7	21,6	27,7	27,3	24,4	21,6	22,1	20,3	22,3
Aberto.....	7,8	11,8	11,5	10,7	12,4	15,6	16,3	14,2	11,8	11,8	11,2	14,0
Oculto.....	4,9	6,1	6,6	6,0	9,2	12,1	11,0	10,2	9,8	10,3	9,1	8,3
Pelo Trabalho Precário.....	3,3	4,3	4,1	3,2	6,0	8,4	7,8	7,4	5,3	5,9	4,7	4,3
Pelo Desalento.....	1,6	1,8	2,5	2,8	3,2	3,7	3,2	2,8	4,5	4,4	4,4	4,0

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

Tabela 9
Taxas de crescimento da população em idade ativa, população economicamente ativa e inativos; e das
taxas de desemprego e participação
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 1996(1)-2005

(Em % a.a.)

Especificações	São Paulo				Distrito Federal				Porto Alegre			
	99/96	02/99	05/02	05/99	99/96	02/99	05/02	05/99	99/96	02/99	05/02	05/99
PIA.....	2,1	1,6	1,4	1,5	3,3	3,3	3,3	3,3	2,3	1,9	1,9	1,9
PEA.....	2,3	2,3	1,4	1,9	4,3	4,6	3,3	4,0	4,5	1,4	1,9	1,6
Ocupados.....	0,6	2,4	2,3	2,4	1,9	5,2	4,1	4,7	2,1	2,9	2,2	2,5
Desempregados.....	11,1	1,8	-2,5	-0,4	14,5	2,5	0,3	1,4	18,3	-5,6	0,0	-2,8
Inativos.....	1,8	0,4	1,4	0,9	1,8	1,1	3,1	2,1	-0,6	2,5	2,1	2,3
Taxa de participação.....	0,2	0,7	0,0	0,3	0,9	1,3	0,1	0,7	2,2	-0,5	-0,1	-0,3
Taxa de desemprego total.....	8,5	-0,5	-3,8	-2,2	10,0	-2,0	-3,0	-2,5	13,2	-7,0	-1,8	-4,4
Aberto.....	6,6	0,0	-4,6	-2,3	10,1	-3,6	-1,3	-2,5	10,0	-6,2	1,0	-2,6
Oculto.....	12,2	-1,4	-2,5	-1,9	9,3	0,9	-6,3	-2,8	19,9	-8,4	-7,5	-7,9
Pelo Trabalho Precário.....	10,3	-1,3	-0,7	-1,0	10,4	-0,8	-5,0	-2,9	17,0	-10,9	-5,2	-8,1
Pelo Desalento.....	17,3	-1,6	-9,1	-5,5	6,9	2,9	-5,9	-1,6	28,1	-3,3	-11,9	-7,7

Especificações	Belo Horizonte				Salvador				Recife			
	99/96	02/99	05/02	05/99	99/97	02/99	05/02	05/99	99/98	02/99	05/02	05/99
PIA.....	2,9	2,8	2,7	2,8	2,7	2,8	2,8	2,8	2,0	1,8	1,8	1,8
PEA.....	3,2	3,7	3,3	3,5	3,0	3,9	2,1	3,0	2,4	1,3	0,3	0,8
Ocupados.....	1,1	3,7	3,9	3,8	-1,1	4,1	3,5	3,8	1,8	2,1	-0,6	0,8
Desempregados.....	15,7	4,1	0,6	2,4	16,5	3,4	-1,6	0,9	4,5	-1,5	3,5	1,0
Inativos.....	2,5	1,5	1,8	1,6	2,3	1,0	3,8	2,4	1,5	2,4	3,6	3,0
Taxa de participação.....	0,3	0,9	0,6	0,8	0,3	1,1	-0,6	0,2	0,4	-0,5	-1,5	-1,0
Taxa de desemprego total.....	12,1	0,4	-2,6	-1,1	13,2	-0,5	-3,7	-2,1	2,3	-2,8	3,2	0,2
Aberto.....	14,8	-0,9	-2,4	-1,6	12,2	1,5	-4,5	-1,6	0,0	-1,7	7,7	2,9
Oculto.....	7,6	2,7	-3,1	-0,3	14,7	-3,1	-2,5	-2,8	5,1	-4,0	-3,0	-3,5
Pelo Trabalho Precário.....	9,2	-1,6	-7,9	-4,8	18,3	-2,4	-1,7	-2,1	11,3	-7,3	-2,9	-5,1
Pelo Desalento.....	4,0	11,6	3,8	7,6	7,5	-4,7	-4,4	-4,5	-2,2	0,0	-3,1	-1,6

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

Evolução do mercado de trabalho metropolitano entre meados das décadas de 1990 e 2000

Mario Marcos Sampaio Rodarte**
Eduardo Miguel Schneider***

Resumo:

O presente trabalho busca analisar a evolução do mercado de trabalho metropolitano brasileiro nos últimos 10 anos. Observou-se que numa primeira fase, até o ano de 1999, o desemprego cresceu expressivamente, tendo, na seqüência um movimento de relativa estabilidade, ou mesmo de redução da taxa de desemprego. Constatou, na primeira fase, que a escalada do desemprego foi um reflexo do acentuado crescimento da população economicamente ativa combinado com um pífio crescimento ocupacional. No segundo momento, a partir de 1999, os ritmos dessas duas variáveis inverteram-se, contendo, assim, o aumento do desemprego. Além disso, constatou-se uma inflexão qualitativa das ocupações, com a informalidade cedendo espaço para uma relativa melhora da qualidade dos postos de trabalho gerados, nos últimos anos.

Palavras-chave: mercado de trabalho, desemprego, região metropolitana

Evolution of the Brazilian metropolitan labour market among middles of the decades of 1990 and 2000

Abstract:

The aim of this article is the analysis of the evolution of the Brazilian metropolitan labour market in the last 10 years. It was observed that in a first phase, until the year of 1999, the unemployment increased, but in the second phase, there was stability or reduction of the unemployment rate. In the first phase, the growth of the unemployment was a reflex of the high growth of the work force combined with a low occupational growth. In the second moment, starting from 1999, the rhythms of those two variables were inverted, containing the increase of the unemployment. Besides, a qualitative inflection of the occupations was verified, once that the employment quality got better, in the last years.

Key-words: labour market, unemployment, metropolitan area.

Endereço para correspondência:

Av. Bias Fortes, 1150, apto. 42. Bairro Lourdes. CEP: 30.175-010. Belo Horizonte-MG.

Email: mrodarte@cedeplar.ufmg.br

** Doutorando em Demografia pelo Cedeplar/UFMG, com bolsa CNPq, e mestre em Economia (Cedeplar/UFMG). Foi coordenador da PED-RMS (2000-2002) e da PED-RMBH (2002-2005), pelo DIEESE. E-mail: mrodarte@cedeplar.ufmg.br.

*** Economista pela UFRGS, especialista em gestão pública participativa pela UERGS e coordenador da PED-RMPA. E-mail: ems@portoweb.com.br.

Evolução do mercado de trabalho metropolitano entre meados das décadas de 1990 e 2000*

Mario Marcos Sampaio Rodarte^{**}
Eduardo Miguel Schneider^{***}

Introdução

O presente trabalho busca analisar a evolução do mercado de trabalho metropolitano brasileiro nos últimos 10 anos. Cumprir semelhante objetivo encontra desafios devido à grande heterogeneidade desse relativamente curto espaço de tempo. Tomando a taxa de desemprego, principal índice que mensura o comportamento conjuntural do mercado de trabalho, observa-se diferentes tendências ao longo do período que se objetiva estudar. Após o período de rápida elevação, entre meados da década de 90 até 1999, o desemprego estabilizou-se, flutuando em torno de um patamar elevado, e em seguida, ensaiando uma tendência de recuo, ao final do período.

O que se pretende fazer é periodizar o passado recente, tomando os anos de 1996, 1999, 2002 e 2005 como anos chaves, e em seguida, decompor os fatores que resultam na taxa de desemprego, de um lado, o exame da dinâmica do crescimento da população economicamente ativa (PEA), e de outro lado, a evolução do crescimento dos postos de trabalho. O principal objetivo, com esse estudo, além de apontar períodos distintos do mercado de trabalho, é aventar os principais causadores dos movimentos que caracterizam cada um dos períodos, tanto pela evolução do nível ocupacional, quanto pelo comportamento da PEA.

* Os autores agradecem o empenho da equipe técnica do DIEESE/PED no levantamento de dados utilizados nesse trabalho, e em especial, a Ana Paula Queiroz Sperotto (estatística pela UFRGS e técnica do DIEESE na PED-RMPOA) e ao Edgard Rodrigues Fusaro (estatístico pela USP, e técnico do DIEESE da PED-RMSP). Várias das idéias contidas nesse estudo emergiram das discussões com Lúcia Santos Garcia (PED-RMPOA) e Marise Hoffmann (PED-RMSP), a quem os autores mostram-se gratos, inclusive pela leitura crítica do texto. Naturalmente, os mesmos se responsabilizam por quaisquer incorreções que, porventura, tenham restado.

** Doutorando em Demografia pelo Cedeplar/UFMG, com bolsa CNPq, e mestre em Economia (Cedeplar/UFMG). Foi coordenador da PED-RMS (2000-2002) e da PED-RMBH (2002-2005), pelo DIEESE. E-mail: mrodarte@cedeplar.ufmg.br.

*** Economista pela UFRGS, especialista em gestão pública participativa pela UERGS e coordenador da PED-RMPA. E-mail: ems@portoweb.com.br.

A fonte privilegiada para a análise desse período é a PED, Pesquisa de Emprego e Desemprego, de metodologia do DIEESE/SEADE, que é desenvolvida atualmente em seis importantes áreas metropolitanas do Brasil: São Paulo, Porto Alegre, Distrito Federal, Belo Horizonte, Salvador e Recife. A escolha dessa fonte justifica-se por duas importantes razões: 1) constitui a base de dados sobre mercado de trabalho metropolitano mais longa, e 2) possui a metodologia mais afeita a captar, de forma acurada, a heterogeneidade do mercado de trabalho brasileiro.

Deve-se ter que a taxa de desemprego, apesar de ter uma fórmula simples de duas variáveis, que é a razão entre desempregados e a população economicamente ativa (PEA), constitui uma resultante de outros dois fenômenos que reagem de formas diferentes às flutuações da atividade econômica: são eles o crescimento da ocupação (que, em geral, cresce com o PIB, dado o padrão tecnológico), e o crescimento da PEA, representando a entrada de pessoas no mercado de trabalho (que não obedece linearmente à lógica econômica, e é mais determinada por fatores demográficos, sendo o mais imperativo, o crescimento da população em idade ativa – PIA, pelo crescimento vegetativo da população, ou pela imigração). Se diferentes metodologias possuem conceitos diferentes de ocupação e da PEA, então por extensão, poderão ter taxas de desemprego distintas, com níveis diferentes, mas também com comportamentos distintos ao longo do tempo.

No item seguinte, apresenta-se uma breve descrição do comportamento do mercado de trabalho na década que antecedeu o período de análise desse texto. Os dados da PED da região metropolitana de São Paulo, única desse período, foram cruciais para desenhar o panorama do mercado de trabalho que antecedeu ao período de ênfase dessa investigação. No segundo item, propõe-se analisar o comportamento da PIA e da PEA, e no terceiro, é explicitada a dinâmica de crescimento ocupacional e o comportamento dos vários setores econômicos. A quarta parte, procura investigar, tanto qualitativa como quantitativamente, o segmento desempregado da PEA, utilizando da mesma periodização aplicada nas seções anteriores. Por fim, à guisa de conclusão, são feitas algumas reflexões sobre os resultados alcançados no item das considerações finais.

1. Antecedentes: o mercado de trabalho entre meados das décadas de 1980 e 1990

O surgimento da metodologia da Pesquisa de Emprego e Desemprego está vinculado

ao momento de crise econômica no início da década de 1980. Até então, sobretudo nas décadas anteriores de 1960 e 70, os pólos industriais, principalmente o da região metropolitana de São Paulo, vinham estruturando seu mercado de trabalho e absorvendo mais e mais contingentes migratórios de outras regiões do Brasil. A interrupção da dinâmica de crescimento vultuoso de postos de trabalho pela crise econômica agravou um problema que era visto como marginal, qual seja, o crescimento do número de pessoas desempregadas, bem como o aumento da demora em se obter uma colocação¹.

Em decorrência disso, é nessa época que no Brasil se observa o surgimento de mais indicadores sobre o mercado de trabalho. Mas havia uma clara insatisfação da sociedade pelos dados oficiais, que ao adotar uma metodologia mais afeita a captar o fenômeno do desemprego nos países industrializados, de mercados de trabalho estruturados, acabava por indicar um desemprego baixo, flagrantemente contraditório com o que se intuía do estado de convulsão social decorrente do colapso econômico.

Da experiência pioneira da PPVE², foi desenvolvida a metodologia da PED, que além de captar o desemprego aberto, comparável a outros países centrais, procurava investigar formas “camufladas” de desemprego ao utilizar um conceito mais amplo de desocupação, que inclui o desemprego oculto pelo trabalho precário, e o desemprego oculto pelo desalento. O êxito de sua aplicação na Região Metropolitana de São Paulo, desde 1985, fez com que a metodologia da PED fosse reproduzida em outras áreas metropolitanas do país, principalmente a partir de meados da década de 1990, como é o caso da Grande Belo Horizonte, mas com experiências anteriores, como o Distrito Federal e a RM de Porto Alegre.

Passado o momento de ajustes econômicos mais dramáticos, entre 1981 e 1983, a economia brasileira esboçou reação nos anos seguintes, com impactos positivos sobre o

¹ A inflexão dos fluxos migratórios, entre as décadas de 1960 e 1990, mediante análise de dados censitários, sobretudo entre São Paulo e Minas Gerais é tratada por Carvalho et al. (2002)

² Em um dos artigos que discutia o emergente desafio do desemprego, no III Encontro Nacional da ABEP, em 1982, e que utilizou as informações da PPVE-DIEESE, apurava-se que “a força de trabalho desempregada” nos meses de abril a maio de 1981, representava 13,2% da população economicamente ativa na RMSP (BARELLI, TROYANO, 1982: 23). Pela PME-IBGE, em maio de 1982, o desemprego atingia apenas 5,4% da população economicamente ativa. Outro texto do período (TROYANO, MATTOSO, HOFFMANN, 1984) trata mais detidamente as diferenças metodológicas entre a PPVE-DIEESE, PED-SEADE/DIEESE e PME-FIBGE.

mercado de trabalho³. De fato, na segunda metade da década de 80, a taxa de desemprego total na Região Metropolitana de São Paulo experimentou intensa redução, passando dos 12,2% da força de trabalho em 1985, para os 8,7% identificados em 1989, pela Tabela 1. Essa recuperação, expressa na menor média anual alcançada na série histórica da PED RMSP, decorreu do notável crescimento da ocupação, que se elevando a ordem 3,5% a.a., superava o intenso ritmo de crescimento não apenas da população em idade ativa (2,2% a.a.), como também o da PEA (2,5% a.a.).

Tabela 1
Estimativas médias da população em idade ativa (PIA), população economicamente ativa (PEA), ocupados, desempregados inativos; e taxas de desemprego e de participação
Região Metropolitana de São Paulo, 1985-2005

Especificações	Anos					Variação anual média (em %)			
	1985	1989	1996	1999	2005	89/85	96/89	99/96	05/99
(Em mil pessoas)									
PIA.....	10.787	11.747	13.563	14.445	15.808	2,2	2,1	2,1	1,5
PEA.....	6.505	7.177	8.382	8.985	10.038	2,5	2,2	2,3	1,9
Ocupados.....	5.711	6.553	7.116	7.251	8.342	3,5	1,2	0,6	2,4
Desempregados.....	794	624	1.266	1.734	1.696	-5,8	10,6	11,1	-0,4
Inativos.....	4.282	4.570	5.181	5.460	5.770	1,6	1,8	1,8	0,9
(Em %)									
Taxa de participação.....	60,3	61,1	61,8	62,2	63,5	0,3	0,2	0,2	0,3
Taxa de desemprego total.....	12,2	8,7	15,1	19,3	16,9	-8,1	8,2	8,5	-2,2
Aberto.....	7,6	6,5	10,0	12,1	10,5	-3,8	6,3	6,6	-2,3
Oculto.....	4,6	2,2	5,1	7,2	6,4	-16,8	12,8	12,2	-1,9
Pelo Trabalho Precário.....	2,9	1,5	3,8	5,1	4,8	-15,2	14,2	10,3	-1,0
Pelo Desalento.....	1,7	0,7	1,3	2,1	1,5	-19,9	9,2	17,3	-5,5

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). IBGE, Censos Demográficos de 1980 e 1991. Nota: Estimativas de 1985 e 1989, feitas através interpolação intercensitária.

Ao final da década de 80, o problema do desemprego parecia estar equacionado, embora talvez, o mercado de trabalho demandasse pequenos ajustes para corrigir o aumento da informalidade ou mesmo a diminuição da renda dos trabalhadores⁴. Os eventos da década seguinte trataram de desmentir esse cenário promissor, uma vez que a taxa de desemprego da metrópole paulistana assumiu uma trajetória, quase linear, de crescimento, que resultou em patamares que avizinhavam aos 20,0% da PEA em 1999. A razão para esse comportamento, que corroborou a idéia de que os anos 90 foi um período de crise do mercado de trabalho, está relacionada, a dois fatores. De um lado, verificou-se uma baixa

³ Entre 1981 e 1985 o PIB brasileiro havia crescido apenas cerca de 1,3% a.a. Esse baixo crescimento decorreu, principalmente, dos anos de 1981 e 83, quando o PIB decaiu 4,3% e 2,9% e teve como contrapeso, o ano de 1985, com crescimento de 7,9%, o maior da década. No segundo período, de 1986 e 89, em que a PED já levantava as informações do mercado de trabalho da RMSP, a ligeira recuperação econômica traduziu-se no crescimento médio de 3,5% a. a. (IBGE/ SCN-Anual).

capacidade de geração de postos de trabalho, com crescimento de apenas 1,2%, a.a. entre 1990 e 1996, e de meros 0,6% a.a. até 1999, provavelmente como reflexo do baixo crescimento econômico⁵. De outro lado, o fato do crescimento da PEA ter se mantido elevado (de 2,2% a.a., entre 1990 e 96, e de 2,3% a.a., entre 1996 e 1999) agravou os efeitos da desaceleração do ritmo de geração de postos de trabalho sobre o desemprego⁶.

O texto a seguir busca analisar a evolução do mercado de trabalho entre meados da década de 90 e 2000, ou seja, o período que compreende os anos finais de crise do mercado de trabalho, e os primeiros anos de retomada, ainda que moderada, do ritmo de geração de postos de trabalho (Tabela 1). A partir desse momento, entretanto, a análise se faz com base mais ampla, ao se investigar o comportamento das seis regiões metropolitanas pesquisadas pela PED. Nesses últimos 10 anos, sobressai a sincronia com que evoluem as taxas de desemprego nas áreas metropolitanas analisadas (Gráfico 1). Tal fato sugere um padrão de comportamento, e que os mercados de trabalho locais se mantinham muito mais influenciados pela dinâmica das políticas econômicas nacionais que por determinantes regionais.

2. A população em idade ativa e economicamente ativa

O período analisado pelo presente estudo encerra um momento de inflexão na história da dinâmica populacional brasileira. A partir das décadas de 1980 e 90 assiste-se à desaceleração do movimento migratório quase secular das regiões mais rurais para os grandes centros industriais. Ao lado disso, deve-se considerar o fenômeno da redução da fecundidade, que se acentuou a partir das décadas de 1970 e 80, principalmente nesses centros. Tais movimentos, combinados, contribuíram para a redução do dinamismo do crescimento populacional e também do seu segmento em idade ativa (PIA) que se observa ao comparar as suas taxas de crescimento, no período de 1996 a 1999, em relação ao momento seguinte, de 99 a 2005.

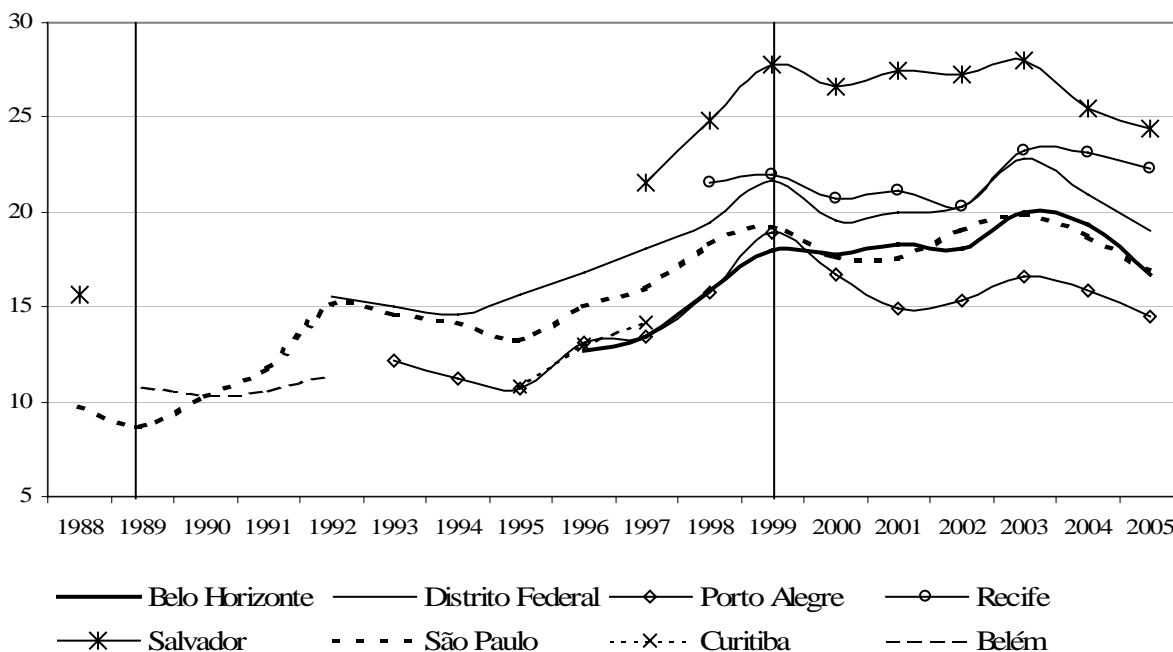
⁴ A questão da informalidade e a diminuição da renda dos trabalhadores na segunda metade da década de 1980 são tratadas, entre outros estudos, por Sabóia (1992).

⁵ Entre 1990 e 1996, o PIB cresceu apenas 1,9% ao ano, e entre 1997 a 1999, o crescimento foi ainda pior (1,4% a.a.) (IBGE/ SCN-Anual).

⁶ O segundo capítulo do livro *A situação do trabalho no Brasil*, do DIEESE (2001) é voltado para a análise da dinâmica do emprego e desemprego nas regiões metropolitanas analisadas pela PED, nos anos noventa, e conclui que “essa evolução desfavorável do desemprego é consequência de um medíocre crescimento, nessas regiões, dos níveis globais da ocupação, que não foram suficientes para atender o incremento das suas respectivas populações economicamente ativas” (DIEESE, 2001: 52).

Gráfico 1
Médias anuais das taxas de desemprego total
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal
1988-2005

(Em % da PEA)



Fonte dos dados básicos: DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

No total das áreas metropolitanas pesquisadas, a PIA, estimada em 26,7 milhões, em 1998, passou para 27,3 milhões de pessoas, em 1999, ao crescer a uma taxa de 2,4% (Tabela 2). A mesma taxa havia reduzido para uma média anual de 2,0%, entre 1999 e 2002, e para 1,9%, entre 2002 e 2005, o que resultou em uma PIA estimada de 30,7 milhões, em 2005. Nas regiões metropolitanas de São Paulo, Porto Alegre e Recife observou-se reduções sensíveis, ao longo do período, enquanto que as demais não apresentaram mudança considerável no ritmo de crescimento da PIA.

Tabela 2
Evolução da estimativa da PIA em anos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996, 1998, 1999, 2002 e 2005

Região Metropolitana e Distrito Federal	Anos selecionados					Variações em % ao ano			
	1996	1998	1999	2002	2005	98/96	99/98	02/99	05/02
Total	-	26.683	27.322	28.994	30.695	-	2,4	2,0	1,9
São Paulo	13.563	14.142	14.445	15.148	15.808	2,1	2,1	1,6	1,4
Distrito Federal	1.393	1.487	1.536	1.692	1.863	3,3	3,3	3,3	3,3
Porto Alegre	2.669	2.780	2.855	3.019	3.199	2,1	2,7	1,9	1,9
Belo Horizonte	3.111	3.295	3.391	3.683	3.991	2,9	2,9	2,8	2,7
Salvador	-	2.322	2.385	2.589	2.810	-	2,7	2,8	2,8
Recife	-	2.657	2.710	2.863	3.024	-	2,0	1,8	1,8

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego.

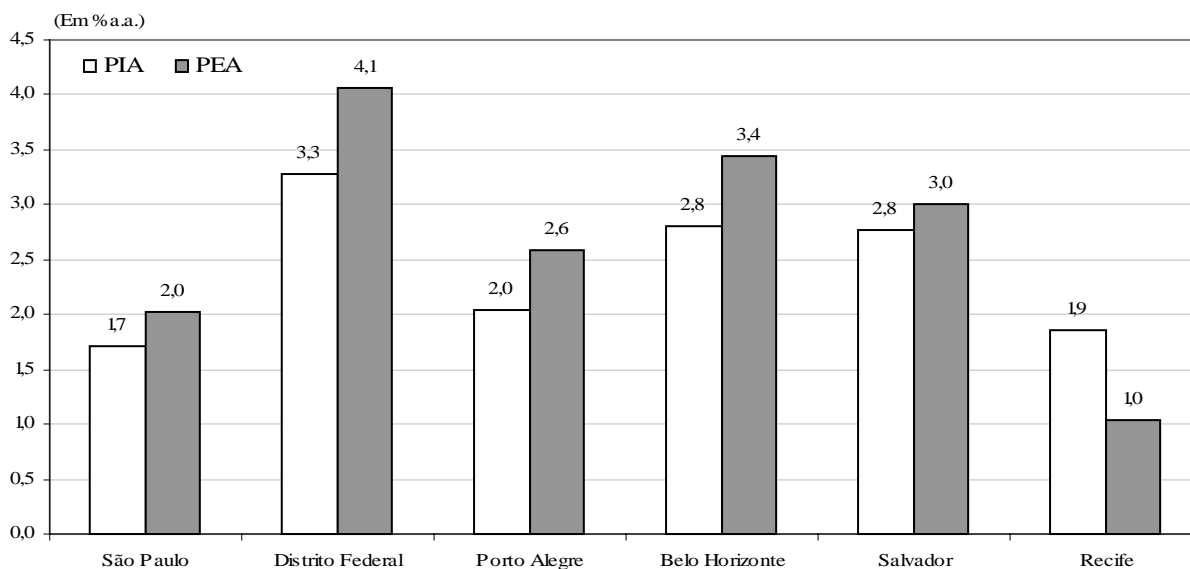
O segmento da PIA incorporado à força de trabalho, ou seja, a população economicamente ativa (PEA), estava estimada em 18,7 milhões de pessoas, no total das áreas metropolitanas analisadas, em 2005 (Tabela 3). Pelo Gráfico 2, observa-se que o crescimento da PEA revelou-se mais acentuado que o total da PIA, ao longo do período analisado, em todas as áreas metropolitanas, com a exceção de Recife, e com destaque para o Distrito Federal, onde a diferença entre as taxas de crescimento da PIA e da PEA foi mais evidente (3,3% a.a. e 4,1% a.a., respectivamente).

Tabela 3
Evolução da estimativa da PEA em anos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996, 1998, 1999, 2002 e 2005

Região Metropolitana e Distrito Federal	Anos selecionados					Variações em % ao ano			
	1996	1998	1999	2002	2005	98/96	99/98	02/99	05/02
Total	-	15.926	16.442	17.745	18.720	-	3,2	2,6	1,8
São Paulo	8.382	8.711	8.985	9.619	10.038	1,9	3,1	2,3	1,4
Distrito Federal	841	919	953	1.090	1.203	4,5	3,7	4,6	3,3
Porto Alegre	1.457	1.576	1.665	1.736	1.835	4,0	5,6	1,4	1,9
Belo Horizonte	1.764	1.898	1.940	2.166	2.391	3,7	2,2	3,7	3,3
Salvador	-	1.393	1.436	1.611	1.717	-	3,1	3,9	2,1
Recife	-	1.429	1.463	1.523	1.536	-	2,4	1,3	0,3

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego.

Gráfico 2
Taxas de crescimento da população em idade ativa e da população economicamente ativa
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal
1996(1)-2005



Fonte dos dados básicos: DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego. (Tabela 9).

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

O crescimento da PEA maior que da PIA, fenômeno verificado na maioria dos casos, sugere uma mudança de comportamento da população, com a ampliação do número relativo de seus componentes saindo da condição de inativos e ingressando no mercado de trabalho, ao longo do período. Nenhum dos atributos pessoais analisados pela PED proporciona melhor explicação para o maior envolvimento da população em idade ativa no mercado de trabalho do que o sexo. Pode-se observar para a maioria das áreas metropolitanas analisadas, que a taxa de participação, ou seja, a razão entre a PEA e a PIA, cresceu entre as mulheres e permaneceu relativamente estável, ou mesmo diminuiu, entre os homens. Entretanto, esse fenômeno atenuou-se nos últimos anos, e essa perda de fôlego do processo de inserção feminina no mercado de trabalho, e mesmo a evasão de homens do contingente de pessoas economicamente ativas podem estar relacionados com as tendências, tanto quantitativas, quanto qualitativas, da geração de postos de trabalho, que é o tema do próximo item.

3. A evolução do nível e da estrutura ocupacional e de rendimentos

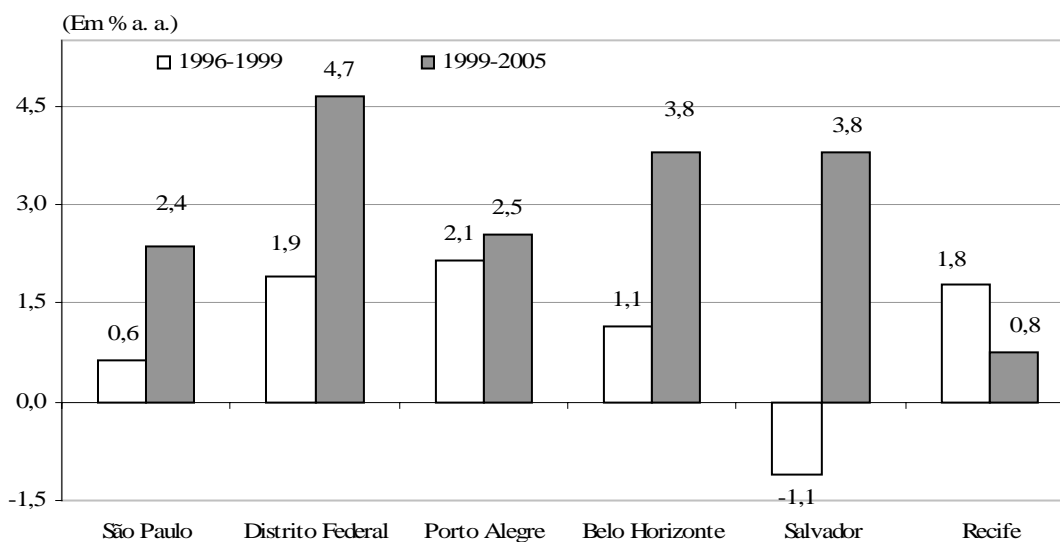
De modo geral, pode-se afirmar que o desempenho da ocupação entre meados da

década de 90 e 2005 foi desigual entre os anos e diferenciada entre as regiões pesquisadas pela PED, repercutindo sobre as características da estrutura ocupacional dessas regiões.

Em termos temporais observa-se que o ano de 1999 constitui-se um divisor de águas no desempenho da ocupação nas regiões metropolitanas brasileiras. A taxa de crescimento média anual do nível de ocupados avançou de maneira muito tímida até 1999 e se recuperou consideravelmente nos anos seguintes. Esse comportamento se verificou muito nitidamente em cinco das seis regiões pesquisadas pela PED; exceção a Região Metropolitana de Recife, em que pese o reduzido período com dados anterior a 1999 – uma vez que a pesquisa nessa região iniciou-se em 1998. (Gráfico 3)

Gráfico 3

**Taxa de crescimento média anual da ocupação, segundo períodos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996(1)-2005**



Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. (Tabela 9)

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

Como resultado da melhora de desempenho do crescimento ocupacional pós-1999, o contingente de ocupados estimado nas seis regiões investigadas pela PED, que era de 13,1 milhões em 1999, cresceu para 15,4 milhões em 2005. Contudo, o ritmo de crescimento da ocupação nesse período de crescimento do emprego metropolitano no Brasil não foi uniforme. Verifica-se que o crescimento absoluto e relativo da ocupação nos primeiros três anos que se seguiram a 1999 (até 2002) foram maiores aos três anos subsequentes (2003 até 2005), denotando uma gradual perda de dinamismo após um grande ímpeto inicial – que

também pode ser explicada pela demanda reprimida por trabalhadores no início de um ciclo econômico ou pelo efeito estatístico da base de análise deprimida. (Tabela 4)

Tabela 4
Evolução da estimativa dos ocupados em anos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996, 1998, 1999, 2002 e 2005

Região Metropolitana e Distrito Federal	Anos selecionados					Variações em % ao ano			
	1996	1998	1999	2002	2005	98/96	99/98	02/99	05/02
Total	-	12.952	13.113	14.284	15.369	-	1,2	2,9	2,5
São Paulo	7.116	7.126	7.251	7.791	8.342	0,1	1,8	2,4	2,3
Distrito Federal	701	739	742	864	975	2,7	0,4	5,2	4,1
Porto Alegre	1.266	1.325	1.349	1.470	1.569	2,3	1,8	2,9	2,2
Belo Horizonte	1.540	1.596	1.593	1.774	1.992	1,8	-0,2	3,7	3,9
Salvador	-	1.046	1.038	1.171	1.298	-	-0,8	4,1	3,5
Recife	-	1.120	1.140	1.214	1.193	-	1,8	2,1	-0,6

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. (ver Tabelas 12 e 13)

Outra característica que marcou as transformações dos mercados de trabalho metropolitanos brasileiros na década de 90 foi a fragilização da sua estrutura ocupacional. Esta fragilização está relacionada com a queda na capacidade de geração de emprego por parte do setor industrial (com o respectivo aumento da participação do setor de serviços), com o aumento de formas de contratação flexíveis e muitas vezes à margem da legislação trabalhista, além da importância dos trabalhos precários como alternativas ao desemprego. Como ver-se-á mais a frente, algumas dessas tendências foram estancadas ou revertidas a partir de 1999.

A queda do emprego na indústria está intimamente relacionada ao padrão de desenvolvimento e à forma de inserção internacional escolhidos pelo Brasil desde a década de 90. A adoção de medidas como a abertura comercial abrupta, taxas de juros elevadas, câmbio apreciado e redução do papel do Estado resultaram não só num débil e instável crescimento econômico – com rebatimentos no nível de emprego do mercado de trabalho – como também numa aceleração e intensificação da reestruturação tecnológica e organizacional das empresas. Esse movimento das empresas acabou por eliminar e/ou deslocar postos de trabalho, via racionalização, aumento da produtividade e intensificação do processo de terceirização, nas regiões mais industrializadas.

Como resultado do crescimento da ocupação e dos novos arranjos produtivos, não obstante o setor industrial não reduziu em termos absolutos o seu contingente de ocupados, ele perdeu participação na estrutura ocupacional setorial em cinco das seis regiões pesquisadas pela PED – salvo em Salvador, onde a participação se ampliou. As maiores

quedas de participação da indústria no emprego setorial ocorreram nas regiões metropolitanas mais industrializadas de São Paulo, de Belo Horizonte e de Porto Alegre – também no Distrito Federal observou-se a diminuição de participação da indústria porém, como a presença industrial nessa região é pequena, a movimentação não chegou a ser significativa. Na Região Metropolitana de São Paulo, entre os anos de 1996 e 2005, a indústria perdeu 3,0 pontos percentuais da sua participação no total das ocupações. Nesse mesmo período, o emprego industrial das regiões metropolitanas de Belo Horizonte e de Porto Alegre perdeu, respectivamente, 1,8 e 1,6 pontos percentuais de participação na ocupação total. No sentido oposto, o setor de serviços, que já era o principal responsável pela ocupação, ampliou sua participação em todas as regiões metropolitanas investigadas. (Tabela 5)

Tabela 5
Distribuição dos ocupados, segundo setor de atividade econômica
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996(1), 1999, 2002 e 2005

Especificações	São Paulo				Distrito Federal				Porto Alegre			
	1996	1999	2002	2005	1996	1999	2002	2005	1996	1999	2002	2005
Ocupados	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria.....	22,6	19,6	20,0	19,5	4,8	3,9	3,7	3,9	21,2	19,0	18,8	19,6
Comércio.....	17,2	16,1	16,1	16,1	14,6	14,5	15,4	16,1	16,7	16,9	16,1	17,1
Serviços.....	46,2	49,6	49,4	50,5	63,4	65,0	65,5	66,0	48,4	50,3	52,2	51,4
Construção civil.....	5,4	5,3	5,2	4,9	4,8	4,1	3,9	3,6	6,0	5,8	5,3	4,9
Serviços domésticos.....	8,1	8,9	8,6	8,6	11,6	11,6	10,4	9,6	7,3	7,6	7,2	6,6
Outros Setores.....	0,5	0,5	0,7	0,4	0,8	0,9	1,1	0,8	0,4	0,4	0,4	0,4

Especificações	Belo Horizonte				Salvador				Recife			
	1996	1999	2002	2005	1997	1999	2002	2005	1998	1999	2002	2005
Ocupados.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria.....	16,1	14,4	14,5	14,3	8,4	8,1	8,4	9,3	9,9	9,3	9,0	9,4
Comércio.....	15,1	15,0	15,4	15,6	17,9	15,9	16,3	16,1	20,7	21,5	20,4	19,4
Serviços.....	49,6	51,3	53,0	54,5	55,6	58,5	59,0	59,0	51,5	51,5	53,1	54,2
Construção civil.....	8,2	8,3	6,9	6,3	5,4	5,5	5,2	4,7	4,8	4,7	4,8	4,2
Serviços domésticos.....	10,0	10,1	9,5	8,9	10,8	10,4	10,1	9,4	9,7	9,6	9,0	9,1
Outros Setores.....	1,0	0,9	0,7	0,4	1,9	1,6	1,0	1,5	3,4	3,4	3,7	3,7

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego.

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

Contudo, o ritmo dessa tendência à desindustrialização em paralelo à crescente importância das ocupações no setor de serviços nos mercados de trabalho metropolitanos brasileiros não foi uniforme nessa última década. Mais uma vez, o ano de 1999 constitui-se em um marco analítico para essa mudança no ritmo. Até 1999, a taxa de crescimento média anual da ocupação industrial era mormente negativa e substancialmente menor ao incremento da participação do setor de serviços. Após 1999, ainda que persistisse a tendência de um melhor desempenho da ocupação nos serviços, a diferença entre os dois

ritmos de expansão aproximou-se consideravelmente (Tabela 6). Tal inflexão no comportamento tendencial da ocupação industrial guardou relação com a desvalorização cambial ocorrida em 1999 que resultou por uma relativa melhoria na competitividade internacional dos produtos brasileiros chamados de *tradebles* (comercializáveis), em que se enquadram os produtos industrializados.

Tabela 6
Taxa de crescimento média anual dos ocupados, por períodos selecionados, segundo setor de atividade econômica
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996(1)-2005

Especificações	São Paulo				Distrito Federal				Porto Alegre				(Em %)
	99/96	02/99	05/02	05/99	99/96	02/99	05/02	05/99	99/96	02/99	05/02	05/99	
Ocupados	0,6	2,4	2,3	2,4	1,9	5,2	4,1	4,7	2,1	2,9	2,2	2,5	
Indústria.....	-4,0	3,1	1,5	2,3	2,4	3,3	5,9	4,6	-1,5	2,7	3,5	3,1	
Comércio.....	-1,6	2,4	2,3	2,4	5,1	7,2	5,7	6,4	2,6	1,2	4,5	2,8	
Serviços.....	3,0	2,4	3,0	2,7	2,8	5,4	4,4	4,9	3,4	4,2	1,7	2,9	
Construção civil.....	0,0	1,8	0,3	1,1	-3,1	4,3	1,0	2,6	0,9	0,0	-0,4	-0,2	
Serviços domésticos.....	3,8	1,3	2,3	1,8	2,0	1,5	1,1	1,3	3,8	1,0	-1,0	0,0	
Outros Setores.....	1,8	7,3	-11,1	-2,3	-36,1	18,6	-3,5	7,0	0,0	-5,9	6,3	0,0	
Especificações	Belo Horizonte				Salvador				Recife				
	99/96	02/99	05/02	05/99	99/97	02/99	05/02	05/99	99/98	02/99	05/02	05/99	
Ocupados	1,1	3,7	3,9	3,8	-1,1	4,1	3,5	3,8	1,8	2,1	-0,6	0,8	
Indústria.....	-2,6	3,9	3,5	3,7	-2,8	5,3	7,3	6,3	-4,5	0,9	0,9	0,9	
Comércio.....	0,9	4,5	4,4	4,5	-6,8	5,0	3,0	4,0	5,6	0,4	-2,3	-1,0	
Serviços.....	2,3	4,8	4,9	4,9	1,4	4,4	3,5	4,0	1,7	3,2	0,1	1,6	
Construção civil.....	1,6	-2,6	0,8	-0,9	0,0	2,3	0,0	1,1	0,0	2,4	-4,8	-1,3	
Serviços domésticos.....	1,5	1,6	1,6	1,6	-3,1	3,0	1,1	2,1	0,0	0,0	0,0	0,0	
Outros Setores.....	0,0	-4,7	-14,9	-9,9	-7,8	-11,0	16,6	1,9	2,6	4,9	-0,7	2,0	

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. (ver Tabela 14)

Nota: (1) Para a RMS é 1997 e para a RMR é 1998.

4. Evolução do desemprego

O recrudescimento do desemprego no período de 1996 a 1999, decorrente da dinâmica insuficiente de abertura de postos de trabalho, como visto acima, mostrou-se evidente em todas as áreas metropolitanas analisadas. Ficou explícito, nesse período, a incapacidade do mercado de trabalho em absorver os novos contingentes que ingressavam na força de trabalho. Somente entre 1998 e 1999, a população desempregada no conjunto das regiões metropolitanas analisadas pela PED cresceu 11,9%, ao passar de 2.975 para 3.328 mil pessoas (Tabela 7).

Tabela 7
Evolução da estimativa de desempregados em anos selecionados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996, 1998, 1999, 2002 e 2005

Região Metropolitana e Distrito Federal	Anos selecionados					Variações em % ao ano			
	1996	1998	1999	2002	2005	98/96	99/98	02/99	05/02
Total	-	2.975	3.328	3.461	3.351	-	11,9	1,3	-1,1
São Paulo	1.266	1.585	1.734	1.828	1.696	11,9	9,4	1,8	-2,5
Distrito Federal	140	181	210	226	228	13,7	16,0	2,5	0,3
Porto Alegre	191	251	316	266	266	14,6	25,9	-5,6	0,0
Belo Horizonte	224	302	347	392	399	16,1	14,9	4,1	0,6
Salvador	-	347	398	440	419	-	14,7	3,4	-1,6
Recife	-	309	323	309	343	-	4,5	-1,5	3,5

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. (ver Tabelas 12 e 13)

No período seguinte, entre 1999 e 2005, a elevação do ritmo de crescimento das ocupações, combinada com a diminuição da velocidade em que a PEA crescia, fez com que se reduzisse o vigor do crescimento da população desempregada em todas as áreas metropolitanas analisadas. No total das regiões, a PEA desempregada havia crescido apenas 1,3% a.a., entre 1999 e 2002, sendo que no período mais recente, observou-se redução absoluta desse contingente, uma vez que a taxa de crescimento foi negativa (1,1% a.a.), ao passar de 3.461 para 3.351 mil pessoas.

Analisando a taxa de desemprego total, que é a relação entre o número de desempregados e o total da PEA, pelo Gráfico 4, os anos finais de crise do mercado de trabalho, entre 1996 e 1999, elevaram acentuadamente as taxas de desemprego. Na RM de Salvador, onde o problema do desemprego mostrou-se mais crônico, a taxa de desemprego, que era de 21,6%, em 1997, saltou para 27,7% em apenas dois anos. Por seu turno, a RM de Belo Horizonte, mesmo apresentando uma das menores taxas de desemprego das regiões pesquisadas, não teve desempenho melhor, uma vez que esse indicador evoluiu de 12,7%, para 19,0% da PEA, no mesmo período. Em outras palavras, aproximadamente uma em cada cinco pessoas inseridas na força de trabalho estava desempregada, nas regiões pesquisadas, em 1999.

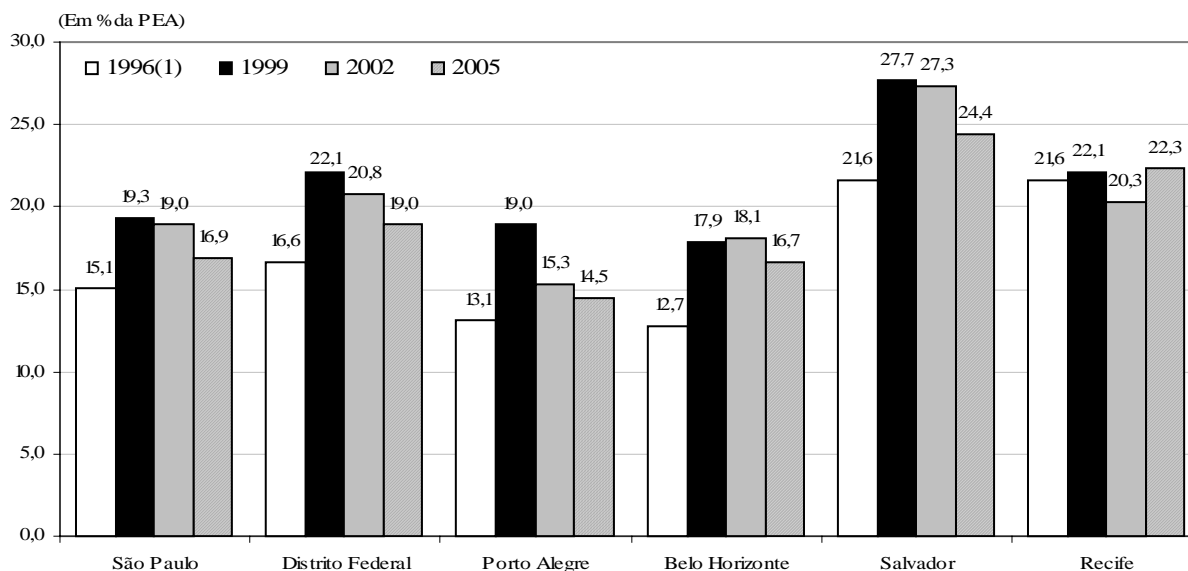
Os desdobramentos da economia sobre a mercado de trabalho e as tendências demográficas aventados por esse estudo determinaram uma trajetória descendente da taxa de desemprego pós-1999. Deve-se ressaltar, entretanto, que até 2005, nenhuma das áreas pesquisadas apresentaram taxas de desemprego menores do que possuíam há 10 anos atrás. Na RM de Porto Alegre, onde a redução da taxa mostrou-se mais precoce e visível, já em

2002, ao reduzir de 19,0%, em 1999, para 15,3%, naquele ano, apresentou uma taxa de desemprego de 14,5% da PEA, em 2005; nível superior aos 13,1% apontados em 1996.

Gráfico 4

Taxas de desemprego total em anos selecionados

Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1996(1), 1999, 2002 e 2005



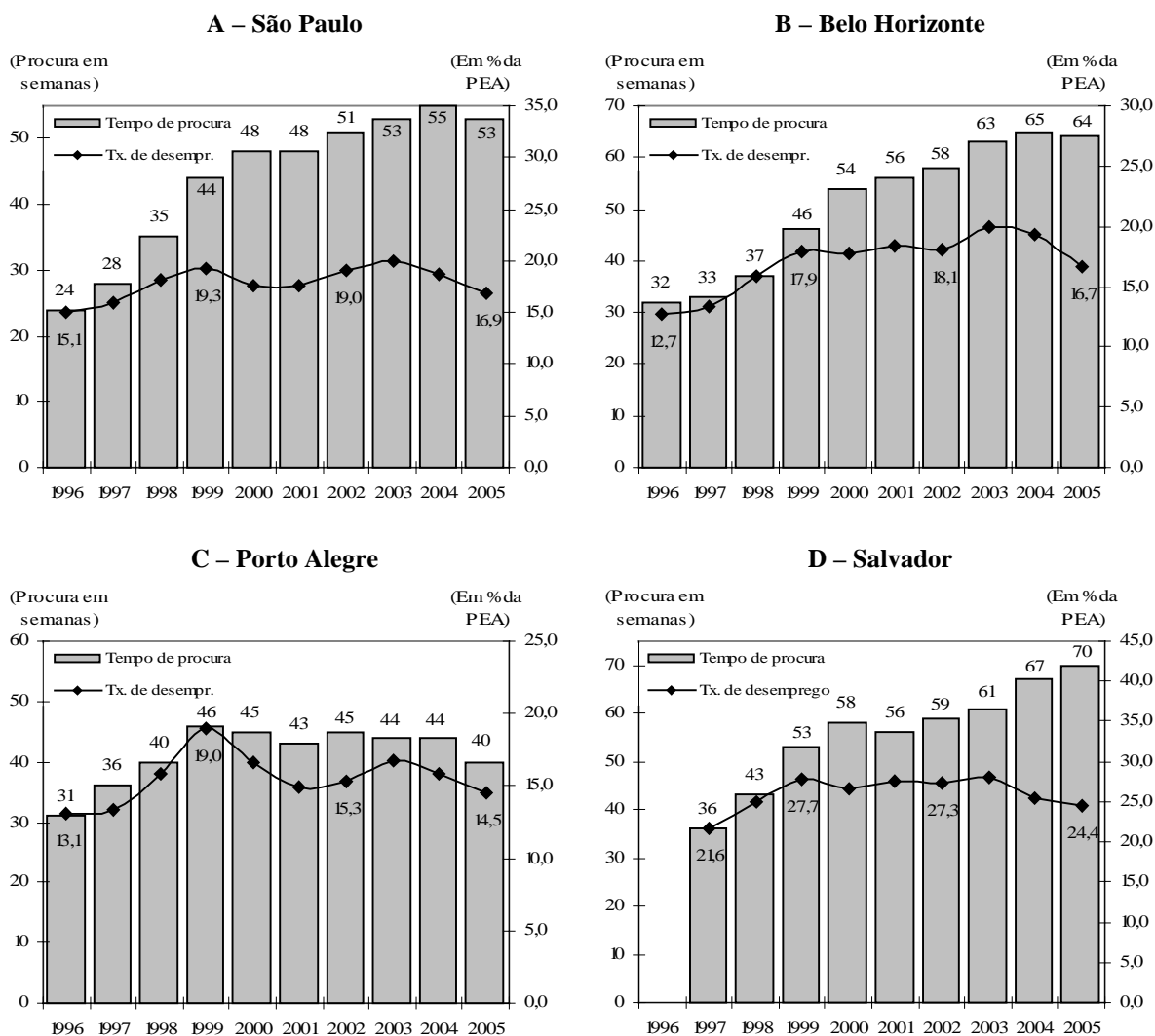
Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. Nota: (1) para a RMS o primeiro ano é 1997 e para a RMR, é de 1998.

Em relação ao tipo de desemprego, no período de crise do mercado de trabalho, entre 1996 e 1999, o desemprego assumiu características distintas nas regiões metropolitanas analisadas. Na região metropolitana de Belo Horizonte e no Distrito Federal o desemprego aberto havia crescido com maior intensidade (Tabela 9). Na maioria dos casos analisados, entretanto, ou seja, nas regiões metropolitanas de São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife o aumento do desemprego incidiu mais no seu componente oculto, tanto no desemprego oculto pelo desalento, como no oculto pelo trabalho precário, sugerindo um quadro de maior precarização da situação de desemprego.

No período subsequente, entre 1999 e 2005, com a exceção da RM de São Paulo e do Distrito Federal, a redução do desemprego incidiu exatamente naquelas situações de desemprego que mais tinham se agravado no final da década de 1990. Assim a taxa de desemprego oculto, que tinha crescido mais na Grande Porto Alegre do que o desemprego aberto (19,9% a.a. e 10,0% a.a., respectivamente) entre 1996 e 1999, foi também a taxa de desemprego que mais retraiu (7,9% a.a.), entre 2000 e 2005, refletindo o decréscimo, em especial, do desemprego oculto pelo trabalho precário (8,1% a.a.). (Tabela 9).

A redução mais acentuada da taxa de desemprego oculto que o aberto em quatro das seis regiões pesquisadas é um indício da melhora do mercado de trabalho, uma vez que as formas ocultas de desemprego se associam às inserções mais vulneráveis na força de trabalho. Um outro importante indicador para a análise da qualidade do desemprego, contudo, é o tempo de procura dos desempregados (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Evolução do tempo de procura e da taxa de desemprego total
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 1996(1)-2005



Fonte dos dados básicos: DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

No período anterior, até 1999, tempo médio de procura e taxa de desemprego cresciam em ritmos semelhantes, o que sugeria a relação causal entre ambas variáveis. A partir de então, a evolução expansiva do tempo de procura passou a adquirir certa

autonomia, em relação ao comportamento da taxa de desemprego. Dessa forma, mesmo que as taxas de desemprego estejam tendendo para os níveis próximos dos apresentados no início do período estudado, a natureza do desemprego degenerou-se, e adotou um perfil de longa duração⁷. Mesmo na RM de Porto Alegre, onde esse fenômeno é menos visível, o tempo de procura cresceu 29,0%, ao variar de 31 para 40 semanas, contra 10,7% de aumento da taxa de desemprego total, entre 1996 e 2005. Na Grande São Paulo, que apresenta a mudança o desemprego de forma mais nítida, o tempo de procura dos desempregados mais que duplicou, ao passar de 24 para 53 semanas, entre 1996 e 2005, enquanto a taxa de desemprego havia crescido 11,9%.

Considerações finais

O cenário de um mercado de trabalho sem o problema do desemprego, que se estava desenhando ao final da década de 1980 foi drasticamente abortado e substituído por uma realidade mais árida para os trabalhadores, e marcada pela escalada do desemprego e, de uma forma geral, pela precarização do mercado de trabalho.

Logo nos primeiros anos da década de 1990, a desaceleração da atividade econômica rebateu de forma deletéria sobre um mercado de trabalho em franca expansão, com uma população economicamente ativa que crescia não só pela rápida dinâmica demográfica, mas também pelas mudanças comportamentais de nossa sociedade, em que se deve destacar o processo de emancipação feminina, refletido, por sua vez, nos aumentos consistentes das taxas de participação das mulheres *vis-à-vis* a manutenção das dos homens.

No primeiro período que esse trabalho enfoca, que é compreendido entre os anos de 1996 e 1999, essas tendências, com destaque para o baixo crescimento ocupacional, agudizaram e levaram as taxas de desemprego para níveis sem precedentes na história brasileira. Além da incapacidade de crescimento, deve-se enfatizar a redução da qualidade dos postos de trabalho gerados e a redução de rendimento. Três fenômenos manifestaram-se de forma exuberante nessa fase: 1) a desindustrialização, pela redução de postos de trabalho na indústria; 2) a terciarização, pelo inchaço do setor de serviços, notadamente naqueles ramos que comportavam relações vulneráveis de trabalho, como os pessoais; e 3) a terceirização e flexibilização das relações de trabalho, pelo aumento absoluto e relativo de

⁷ Uma análise mais pormenorizada da evolução do tempo de procura no período recente, inclusive por atributos pessoais dos desempregados, é encontrada em Rodarte e Braga (2005).

postos de trabalho assalariados por subcontratação, aumento dos autônomos que trabalhavam para empresas e pelo incremento de assalariados sem carteira de trabalho que trabalhavam tanto para o setor privado, quanto para o público.

A evolução medíocre da ocupação tal como caracterizou o mercado de trabalho metropolitano nos anos 90 é em grande medida revertida a partir de 1999, quando a ocupação cresceu a taxas substancialmente maiores que no período anterior. A tendência de fragilização da estrutura ocupacional que marcou a década de 90 sofreu, senão uma reversão, pelo menos um estancamento em seu ritmo de aprofundamento⁸. Não obstante o processo de desindustrialização ter prosseguido, o ritmo dessa transformação se atenuou consideravelmente a partir de 1999.

A retomada do ritmo de crescimento das oportunidades de trabalho e a retração do crescimento da PEA, no período pós-1999, e particularmente nos últimos três anos interromperam a trajetória de elevação do desemprego que marcou a década de 1990, embora os dados mais recentes não mostrem ainda níveis ainda inferiores aos apresentados em meados da década anterior. Apesar de se ter assistido a uma redução mais expressiva do componente oculto do desemprego, o que sugere mitigação da precariedade dessa condição, por definição, vulnerável, o tempo de procura dos desempregados manteve-se elevado o que aponta para uma transmutação da natureza do desemprego, de curta, para de longa duração.

A gravidade desse diagnóstico deve ser apontada em dois aspectos. O primeiro refere-se à “queima de capital humano”, pois o maior tempo de afastamento da profissão reduz gradativamente as aptidões e a destreza pela força do esquecimento e da falta do exercício diário da profissão, além da desatualização das eventuais inovações, por estar alijado do ambiente de trabalho. O segundo aspecto é mais dramático, e foi ressaltado por Fernandes (2002): à medida que prolonga o tempo de procura, vão se exaurindo as fontes próprias de sobrevivência do desempregado. Diante desse fato, torna-se ainda mais evidente a inadequação dos escassos mecanismos de proteção social, como o seguro desemprego, que

⁸ Essa visão é compartilhada por Carlos Ramos, que analisando o mercado de trabalho metropolitano com dados da PME-FIBGE, entre 1990 e 2002, apontou quebra da curva de crescimento do emprego formal, em 1999, e concluiu que “Uma atenta leitura do acontecido nos anos 1990 nos induz a pensar que o pessimismo das elasticidades, muito usual nesses anos, deve ser visto com cautela” (RAMOS, 2003: 14). O trabalho de Chahad (2003), com dados da PED, entretanto, não identifica melhoras no mercado de trabalho após a

além de cobrir apenas parte dos desempregados, possuem tempo de abrangência relativamente pequeno, se comparado às recentes estatísticas de tempo médio de procura.

Referências bibliográficas

- BARELLI, Walter, TROYANO, Annez Andraus. Pesquisa de Padrão de Vida e Emprego na Região Metropolitana de São Paulo: População Economicamente Ativa e Situação Ocupacional. In III Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1982, **Anais... ABEP**, 1982, v. 1, p. 11-29.
- CARVALHO, José A. M.; BRITO, Fausto; RIBEIRO, José; RIGOTTI, José. Minas Gerais, uma nova região de atração populacional? In: **20 anos do Seminário sobre a Economia Mineira – 1982-2002: Coletânea de trabalhos, 1982-2002**. Belo Horizonte: UFMG/FACE/CEDEPLAR, 2002, v. 3, p. 239-262.
- CHAHAD, José P. Z. Tendências recentes no mercado de trabalho: pesquisa de emprego e desemprego. In: **São Paulo em perspectiva**. São Paulo: SEADE. 17(3-4), 2003, p. 205-217.
- DIEESE. **A situação do trabalho no Brasil**. São Paulo: DIEESE, 2001.
- FERNANDES, R. . Estratégias de Sobrevivência do Trabalhador Desempregado. In: Chahad, J. P. Z.; Picchetti, P. (Org.). **Mercado de Trabalho no Brasil: Padrões de Comportamento e Transformações Institucionais**. São Paulo, 2002.
- MORETTO, Amilton; KREIN, José D. O crescimento da formalização do emprego: Como explicá-la? In: IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho, 2005, Recife-PE. **Anais... 2005**.
- RAMOS, Carlos A. O emprego nos anos 1990: O regime macroeconômico importa?. In **Mercado de Trabalho – Conjuntura e Análise**. N° 22. Rio de Janeiro: IPEA. Novembro de 2003. p. 11-14.
- RODARTE, Mario M. S.; BRAGA, Thaiz S. Tendências recentes do mercado de trabalho no Brasil a partir da Pesquisa de Emprego e Desemprego(PED). In: DIEESE. (Org.). **O trabalho no setor terciário: emprego e desenvolvimento tecnológico**. Campinas e São Paulo, 2005, v. 8.
- SABÓIA, João. Emprego, renda e pobreza no Brasil na década de oitenta – transformações conjunturais e estruturais. In: **Força de trabalho e emprego**. Salvador, v. 9, n. 1, p. 3-9, Jan./Abr. 1992.
- TROYANO, Annez A.; MATTOSO, Jorge E. L.; HOFFMANN, Marise P. O Emprego: Dimensões da Crise. In IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, out/1984, **Anais... Águas de São Pedro**, São Paulo: ABEP, 1984, v. 3, p. 1383-1413.

desvalorização do câmbio de 1999, provavelmente por se ater à região metropolitana de São Paulo, que teve uma recuperação mais lenta que na maioria das demais regiões metropolitanas, nos últimos anos.

Anexo estatístico

Tabela 8
Estimativas médias da população em idade ativa, população economicamente ativa e inativos; e
taxas de desemprego e participação
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 1996(1)-2005

Especificações	São Paulo				Distrito Federal				Porto Alegre			
	1996	1999	2002	2005	1996	1999	2002	2005	1996	1999	2002	2005
(Em mil pessoas)												
PIA.....	13.563	14.445	15.148	15.808	1.393	1.536	1.692	1.863	2.669	2.855	3.019	3.199
PEA.....	8.382	8.985	9.619	10.038	841	953	1.090	1.203	1.457	1.665	1.736	1.835
Ocupados.....	7.116	7.251	7.791	8.342	701	742	864	975	1.266	1.349	1.470	1.569
Desempregados.....	1.266	1.734	1.828	1.696	140	210	226	228	191	316	266	266
Inativos.....	5.181	5.460	5.529	5.770	552	583	602	660	1.212	1.190	1.283	1.364
(Em %)												
Taxa de participação.....	61,8	62,2	63,5	63,5	60,4	62,0	64,4	64,6	54,6	58,3	57,5	57,4
Taxa de desemprego total.....	15,1	19,3	19,0	16,9	16,6	22,1	20,8	19,0	13,1	19,0	15,3	14,5
Aberto.....	10,0	12,1	12,1	10,5	10,8	14,4	12,9	12,4	9,1	12,1	10,0	10,3
Oculto.....	5,1	7,2	6,9	6,4	5,9	7,7	7,9	6,5	4,0	6,9	5,3	4,2
Pelo Trabalho Precário.....	3,8	5,1	4,9	4,8	3,2	4,3	4,2	3,6	3,0	4,8	3,4	2,9
Pelo Desalento.....	1,3	2,1	2,0	1,5	2,7	3,3	3,6	3,0	1,0	2,1	1,9	1,3

Especificações	Belo Horizonte				Salvador				Recife			
	1996	1999	2002	2005	1997	1999	2002	2005	1998	1999	2002	2005
(Em mil pessoas)												
PIA.....	3.111	3.391	3.683	3.991	2.260	2.385	2.589	2.810	2.657	2.710	2.863	3.024
PEA.....	1.764	1.940	2.166	2.391	1.354	1.436	1.611	1.717	1.429	1.463	1.523	1.536
Ocupados.....	1.540	1.593	1.774	1.992	1.061	1.038	1.171	1.298	1.120	1.140	1.214	1.193
Desempregados.....	224	347	392	399	293	398	440	419	309	323	309	343
Inativos.....	1.347	1.451	1.517	1.600	906	949	978	1.093	1.228	1.247	1.340	1.488
(Em %)												
Taxa de participação.....	56,7	57,2	58,8	59,9	59,9	60,2	62,2	61,1	53,8	54,0	53,2	50,8
Taxa de desemprego total.....	12,7	17,9	18,1	16,7	21,6	27,7	27,3	24,4	21,6	22,1	20,3	22,3
Aberto.....	7,8	11,8	11,5	10,7	12,4	15,6	16,3	14,2	11,8	11,8	11,2	14,0
Oculto.....	4,9	6,1	6,6	6,0	9,2	12,1	11,0	10,2	9,8	10,3	9,1	8,3
Pelo Trabalho Precário.....	3,3	4,3	4,1	3,2	6,0	8,4	7,8	7,4	5,3	5,9	4,7	4,3
Pelo Desalento.....	1,6	1,8	2,5	2,8	3,2	3,7	3,2	2,8	4,5	4,4	4,4	4,0

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.

Tabela 9
Taxas de crescimento da população em idade ativa, população economicamente ativa e inativos; e das
taxas de desemprego e participação
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 1996(1)-2005

(Em % a.a.)

Especificações	São Paulo				Distrito Federal				Porto Alegre			
	99/96	02/99	05/02	05/99	99/96	02/99	05/02	05/99	99/96	02/99	05/02	05/99
PIA.....	2,1	1,6	1,4	1,5	3,3	3,3	3,3	3,3	2,3	1,9	1,9	1,9
PEA.....	2,3	2,3	1,4	1,9	4,3	4,6	3,3	4,0	4,5	1,4	1,9	1,6
Ocupados.....	0,6	2,4	2,3	2,4	1,9	5,2	4,1	4,7	2,1	2,9	2,2	2,5
Desempregados.....	11,1	1,8	-2,5	-0,4	14,5	2,5	0,3	1,4	18,3	-5,6	0,0	-2,8
Inativos.....	1,8	0,4	1,4	0,9	1,8	1,1	3,1	2,1	-0,6	2,5	2,1	2,3
Taxa de participação.....	0,2	0,7	0,0	0,3	0,9	1,3	0,1	0,7	2,2	-0,5	-0,1	-0,3
Taxa de desemprego total.....	8,5	-0,5	-3,8	-2,2	10,0	-2,0	-3,0	-2,5	13,2	-7,0	-1,8	-4,4
Aberto.....	6,6	0,0	-4,6	-2,3	10,1	-3,6	-1,3	-2,5	10,0	-6,2	1,0	-2,6
Oculto.....	12,2	-1,4	-2,5	-1,9	9,3	0,9	-6,3	-2,8	19,9	-8,4	-7,5	-7,9
Pelo Trabalho Precário.....	10,3	-1,3	-0,7	-1,0	10,4	-0,8	-5,0	-2,9	17,0	-10,9	-5,2	-8,1
Pelo Desalento.....	17,3	-1,6	-9,1	-5,5	6,9	2,9	-5,9	-1,6	28,1	-3,3	-11,9	-7,7

Especificações	Belo Horizonte				Salvador				Recife			
	99/96	02/99	05/02	05/99	99/97	02/99	05/02	05/99	99/98	02/99	05/02	05/99
PIA.....	2,9	2,8	2,7	2,8	2,7	2,8	2,8	2,8	2,0	1,8	1,8	1,8
PEA.....	3,2	3,7	3,3	3,5	3,0	3,9	2,1	3,0	2,4	1,3	0,3	0,8
Ocupados.....	1,1	3,7	3,9	3,8	-1,1	4,1	3,5	3,8	1,8	2,1	-0,6	0,8
Desempregados.....	15,7	4,1	0,6	2,4	16,5	3,4	-1,6	0,9	4,5	-1,5	3,5	1,0
Inativos.....	2,5	1,5	1,8	1,6	2,3	1,0	3,8	2,4	1,5	2,4	3,6	3,0
Taxa de participação.....	0,3	0,9	0,6	0,8	0,3	1,1	-0,6	0,2	0,4	-0,5	-1,5	-1,0
Taxa de desemprego total.....	12,1	0,4	-2,6	-1,1	13,2	-0,5	-3,7	-2,1	2,3	-2,8	3,2	0,2
Aberto.....	14,8	-0,9	-2,4	-1,6	12,2	1,5	-4,5	-1,6	0,0	-1,7	7,7	2,9
Oculto.....	7,6	2,7	-3,1	-0,3	14,7	-3,1	-2,5	-2,8	5,1	-4,0	-3,0	-3,5
Pelo Trabalho Precário.....	9,2	-1,6	-7,9	-4,8	18,3	-2,4	-1,7	-2,1	11,3	-7,3	-2,9	-5,1
Pelo Desalento.....	4,0	11,6	3,8	7,6	7,5	-4,7	-4,4	-4,5	-2,2	0,0	-3,1	-1,6

Fonte dos dados básicos: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: (1) Para a RMS o primeiro ano da série é 1997 e para a RMR é 1998.